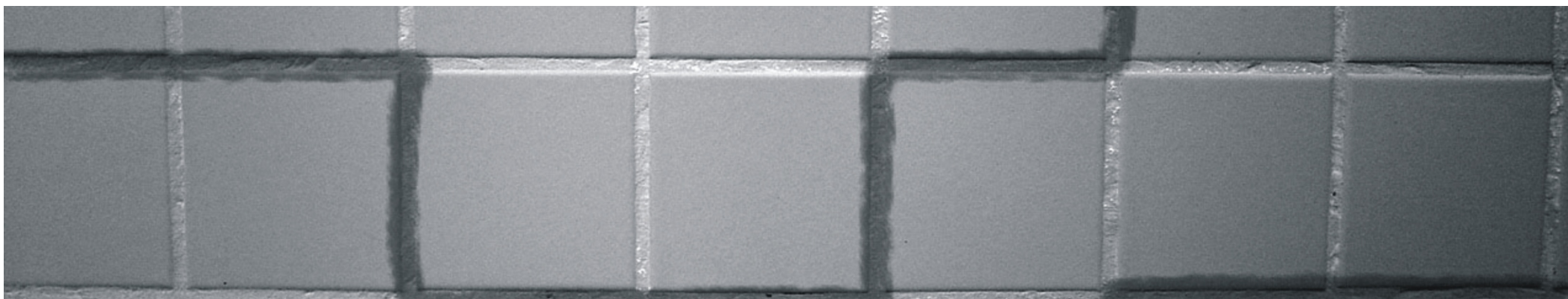
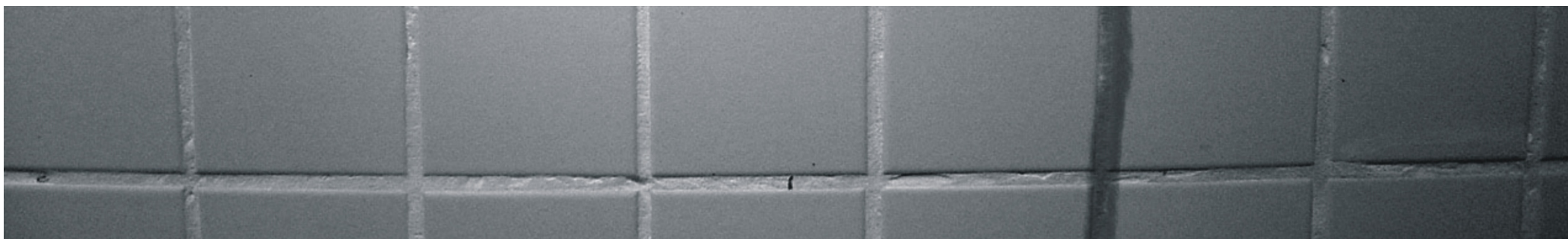


ALÉM DA ESCOLA: PERCURSOS ENTRE NIETZSCHE E DELEUZE



Karen Elisabete Rosa Nodari



**ALÉM DA ESCOLA: PERCURSOS ENTRE NIETZSCHE E
DELEUZE**

Karen Elisabete Rosa Nodari

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO-CIP

N761a Nodari, Karen Elisabete Rosa
Além da escola : percursos entre Nietzsche e
Deleuze [manuscrito] / Karen Elisabete Rosa Nodari.
2007.
191 f.

Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS,
2007.

Orientação: Sandra Mara Corazza.

1. Educação Diferença. 2. Filosofia da educação.
3. Filosofia da diferença. 4. Educação Simulacro. 5.
Nietzsche, Friedrich Wilhelm. 6. Deleuze, Gilles. 7.
Agenciamento Filosofia da diferença. I. Corazza,
Sandra Mara. II. Título.

CDU: 37.01

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes CRB 10/463

Karen Elisabete Rosa Nodari

Além da escola: percursos entre Nietzsche e Deleuze

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Mara Corazza.

Porto Alegre
2007

Além da escola: percursos entre Nietzsche e Deleuze

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Mara Corazza.

Defendida em 19 de outubro de 2007.

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Mara Corazza (Orientadora)

Prof^ª.Dr^ª. Paola Gomes Zordan (PPGED/UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Vânia Dutra de Azeredo (PUC/CAMPINAS)

Prof^ª.Dr^ª. Tânia Mara Galli Fonseca (PPGPSI/UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Selda Engelman (IPA)

Agradeço muito aos que me acompanharam nas idas e vindas:

Em especial à Sandra como também ao Hugo;

Ao Tomaz;

Aos parceiros do Bando de Orientação e Pesquisa;

Aos colegas do Núcleo de Orientação e Psicologia Escolar do

Colégio de Aplicação da UFRGS;

Ao André;

À Natália, à Gabriela e ao Luiz Fernando.

Diagramação: Cristina Ely

Imagens: Colégio de Aplicação da UFRGS - Porto Alegre
Por Cristina Ely

Turim

Fonte: www.teatrostabiletorino.it

RESUMO

Percursos. Foram muitos. Extensivos e intensivos. Personagens em deslocamento. Num espaço que tanto pode ser escolar como não. Lugares tanto conhecidos como desconhecidos. Movimentos repetidos. De Nietzsche, alunos, professores, funcionários, pais. Da estação de Porta Nuova até a Piazza Carlo Alberto. Do ponto do ônibus até a escola. Do pátio ao saguão. Do corredor às reuniões. Dentro da sala de aula. Sempre iguais, mas nunca os mesmos. Traçado de linhas que extrapolam pontos. O primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, período da manhã. De março a dezembro. Cinco dias por semana. Repetir. Repetir. Repetir. Falas, gestos, posições. Contudo, por mais que na escola se repita visando à reprodução exata, ela nunca acontece. Nenhum caminho é igual ao outro. Voltas e revoltas pelos corredores, pelo saguão, pelas salas de aula, pelas salas de reuniões. Trilham-se percursos imprevisíveis dentro dos previsíveis. Mesmo que não se saia do lugar. Pois, há uma potência própria da repetição. Num instante, surgem linhas que escapam ao conhecido, ao esperado, fogem ao pensamento representacional. Afinal, aqueles trajetos são de um só personagem e de vários? Trata-se de um único percurso e também de muitos? O quê? Ninguém sabe dizer. Isso não importa. Suspense produzido por aquele que foge à representação. O próprio movimento de estabelecer a identidade entre o que se ensina e o que se aprende, entre a produção e o produto da escola, faz surgir algo indiferenciado de difícil distinção. Um afrontamento às certezas, às

verdades estabelecidas sobre modelos de aluno, professor, aula, aprender, pensar. Para poder criar.

Palavras-chave: educação, filosofia da diferença, agenciamento, repetição, simulacro.

RÉSUMÉ

Des parcours. Ils ont été beaucoup. Extensifs et intensifs. Des personnages en déplacement. Dans un espace écolier ou pas écolier. Des lieux connus ou pas connus. Des mouvements répétés. De Nietzsche, des élèves, des professeurs, des fonctionnaires, des parents. De la station de Porta Nuova jusqu'à la Piazza Carlo Alberto. De l'arrêt d'autobus à l'école. De la cour au foyer. Du couloir aux réunions. Dans la salle de classe. Toujours pareils mais jamais les mêmes. Tracé de lignes qui extrapolent des points. Le premier, le deuxième, le troisième, le quatrième, le cinquième temps du matin. Des mars à décembre. Cinq jours par semaine. Répéter, répéter, répéter. Des monts, des gestes, des positions. Pourtant, même si l'école répète en envisageant la reproduction exacte, elle n'arrive jamais. Aucun chemin pareil à l'autre. Tours et retours par les couloirs, le foyer, les salles de classe, les salles de réunions. Ont fait des parcours imprévisibles dans les parcours prévisibles. Même si on restait dans la même place. Ça fait partie de la répétition. Dans un instant on aperçoit des lignes qui échappent au connu, au déjà vu. Enfin, ces parcours appartiennent à un personnage ou à plusieurs? Il s'agit d'un seul ou de plusieurs parcours? Quoi? Personne sait le dire. Ça n'importe pas. Du suspense produit par celui qui fait à la représentation. Le mouvement d'établir l'identité entre ce qui on enseigne et qu'on apprend, entre la production et le produit de l'école provoque quelque chose indifférenciée de difficile distinction. Un affrontement aux certitudes établies sur modèles d'élèves, de professeurs, de la classe, d'apprendre

et de penser. Pour pouvoir créer.

Mots clés: éducation, philosophie de la différence, agencement, répétition, simulacre.

SUMÁRIO

Caminhos de Nietzsche p. 13

Na estação de Porta Nouva p. 14

Turim– um encontro p. 18

Primeiros passeios p. 22

Pela janela p. 27

Ao despachar uma carta p. 32

O solo da cigana p. 37

De volta ao quarto p. 43

Último passeio p. 49

Repetição dos percursos p. 59

Ao sair de casa p. 60

Ao despertar p. 64

Na escola p. 67

De carona p. 71

Na sala de reuniões p. 74

Até bater p. 82

Em direção ao leste p. 85

No corredor p. 91

Na sala de aula p. 96

No banheiro p. 103

Das bolas p. 108

No sexto período p. 117

Muitos percursos em um? p. 124

Primeiro p. 125

Segundo p. 129

Terceiro p. 130

Quarto p. 134

Quinto p. 138

Sexto p. 141

Sétimo p. 147

Oitavo p. 150

Nono p. 161

Décimo p. 168

Mapa dos percursos p. 174

Caminhos p. 175

Repetição p. 178

Muitos p. 183

Idéias-força p. 185

Caminhos de Nietzsche

Na estação de Porta Nuova

Quinta-feira, dez horas da manhã. Um dia nublado de abril. Uma vez mais, desembarco do trem. Sozinho. Agora na estação de Porta Nuova. Depois de atravessar a costa norte do Mediterrâneo via Alessandria e Asti. Não sem antes tomar o trem errado em Savona, sua única conexão e ter ido parar em Gênova. Será que não li direito o aviso da plataforma? Ou a indicação do destino na lateral do vagão? Senti-me tão mal com esse contratempo, que fui obrigado a alugar um quarto, numa pensão em Sampierdarena. Sem dúvida, a viagemzinha mais desafortunada que alguém pode ter feito. Uma profunda fraqueza tomou conta de mim no trajeto, fiz tudo errado, agi de maneira estúpida... No primeiro dia sentia-me impotente. Estava só, novamente. Sem amigos, sem dinheiro. Apenas, recentemente, acabei de pagar a publicação da edição da *Genealogia da Moral*. Meus livros? Não vendem.

No dia seguinte, porém, ao caminhar pelo centro antigo de Gênova, fiz uma completa reavaliação da minha posição. Minha mente trabalhava, novamente, sobre um outro conjunto de idéias: amor, nobreza, prazer, gratidão, vontade, coragem e cura. Ao percorrer, novamente, as ruas e os becos íngremes daquela cidade, voltei a um inverno incrivelmente desolado, longe dos médicos, dos amigos, das relações. Ao passar pela frente de um conjunto de casas enfileiradas numa encosta, próximo ao Teatro Lírico, meu olhar volta-se para o último andar. Ainda podia sentir o frio que passei naquele

sótão gelado. Tempo em que escrevera *Aurora*, além de algumas partes da *A gaia ciência*. Era como se ao sair daquela cidade pesada e melancólica, também saísse de mim mesmo. Nunca me senti tão agradecido ao destino como naquela época da existência ermitã em Gênova.

Ao descer do trem carregado, além do meu sobretudo, um livro no bolso. Olho para o céu – será que vai chover? Procuo por minha bagagem e não a encontro. Essa não é a minha primeira viagem, nem será a última, como isso pode ter ocorrido? Em verdade, tenho cada vez mais dificuldade em viajar sozinho. Não me recordo de ter passado por esse tipo de situação quando Elisabeth viajava comigo. Mas, isto foi antes dela ter se casado. Nesse intervalo muita coisa se passou.... Entre uma mala e outra, um apito e outro, um passageiro e outro, um pacote e outro, volto para a minha última temporada em Nice – a forte enxaqueca que sofri logo depois de chegar, o que me obrigou a passar dois dias inteiros na cama do quarto do hotel, só, completamente no escuro. Sem ao menos poder ler a carta que guardo comigo...

Basiléia, 20 de março de 1888

Caro amigo Friedrich

Faz algum tempo que anseio por notícias tuas. Lamento não ter podido te escrever antes, mas os afazeres acadêmicos têm me exigido bastante. Por onde tens andado? Gênova? Veneza? Sorrento? Como está a tua saúde? Ela permite que continues trabalhando? Tens podido publicar alguns dos teus trabalhos? Quem, gentilmente, forneceu o teu endereço em Nice foi o nosso amigo Overbeck.

De modo algum quero te trazer aborrecimentos. Mas, a nossa amizade permite que divida algumas das minhas preocupações contigo. Pois, como tu bens sabes, após a tua saída da Universidade fiquei sem muitos interlocutores. As coisas por aqui não andam muito diferentes do tempo em que trabalhavas. O diretor administrativo ainda é o velho Vischer. Mas, para ser bem sincero, de fato, as coisas estão é piores. Por isso, te escrevo. Na Suíça, a situação, rapidamente, se deteriora. Como um câncer. A cultura está ameaçada posta à venda como algo venal, submetem-na às leis que regem as transações comerciais. Quem e quantos a consomem é a questão fundamental para avaliar qualquer produção cultural. Os filisteus da cultura estão tomando conta! Aqueles que tu bens conheces: estritos cumpridores das leis, dedicados executores dos deveres acadêmicos. Personagens do bom-senso, incultos em questões de arte, acreditam na ordem natural das coisas. No entanto, têm a ilusão de serem cultos. Incapazes de criar, limitam-se a imitar e a consumir.

O saber a qualquer preço, o excesso de história, a ruminação do passado, a cultura da memória é o que impera hoje no Pädagogium. Que tristeza! Os alunos estão cada vez mais passivos,

meros expectadores das classes. Cultura enciclopédica e a qualquer preço é o que tentam neles inculcar. Pelo que sei, continuas produzindo. Anteriormente, admirei o que escrevestes sobre a educação na segunda das Considerações extemporâneas – Da utilidade e desvantagem da história para a vida, onde denuncias o enfraquecimento da cultura causado pela expansão sem limites da ciência histórica. Além de criticares os historiadores universitários, seres empanturrados de saber, meros espectadores do passado e não criadores de vida e cultura. E na terceira das Considerações expontâneas – Schopenhauer educador, na qual condenas os filósofos universitários e a sua mania de erudição. Como também, insistes no papel crítico da filosofia e no seu poder de transformação da ordem estabelecida.

Caro amigo, com as palavras tens a força de um trovão e um dia, tenho certeza, serás reconhecido. A coragem e precisão com que colocas o dedo na nossa pior ferida será admirada. Não será chegada a hora de produzires a quinta Extemporânea? Retomares o projeto de escrevê-las, até a nona, de acordo com o teu plano inicial? Mais do que nunca, a tua coragem de criticar o estabelecido se faz necessária. Creio que tens elementos e força suficiente para tal façanha. Aguardo notícias tuas, assim como muito me alegraria obter uma resposta favorável ao meu apelo.

Com apreço e saudades, do teu amigo Rohde.

Turim – um encontro

Ao ler a carta era como se as palavras saíssem do papel para compor um quadro de lembranças. O tempo passado na Universidade da Basiléia, as classes de filologia clássica, os alunos Heinrich Koselitz e Heinrich Wideman que deixaram Leipzig para freqüentar minhas aulas, o fiel amigo Franz Overbeck, misturado ao cansaço de ter de viajar sozinho, de trocar o trem na conexão, de cuidar da minha mala, de enfrentar a minha fraqueza. De repente, mergulho em um outro tempo dentro do mesmo tempo... volto aos meus 24 anos, quando queria ser mais do que um instrutor de bons filólogos. Preocupava-me com os deveres de um mestre, com a geração futura. Preparava minhas aulas com dedicação. E, aos sábados e domingos, deslocava-me para Tribschen, a minha pequena Itália. Desfrutava da alegre companhia dos Wagner. Dos passeios à beira do lago Viervaldstätt de braço com Cosima. Ainda posso ouvir R. improvisando ao piano, suas idéias sobre Shopenhauer, o filósofo que mais entendia de música, seus grandiosos planos para a construção do teatro de Bayreuth. Ou as leituras de *O pote dourado* de Hoffmann, onde Cosima se encarregava da serpente mágica Serpentina, R. ele próprio, o diabólico arquivista Landhorst, cabendo a mim o



desajeitado estudante Anselmus. Tempos felizes. No entanto, estava preso à rotina acadêmica, sem poder escrever e viajar. Até me licenciar da Universidade. Depois de um certo tempo, os médicos começaram a me proibir as leituras e a me prescrever leite. Então, estou aqui sem saber o que fazer com essa carta, que resposta lhe dar... Gostaria de, simplesmente, ignorá-la. Mas, trata-se de um pedido de um bom e velho amigo, sobre um tema que me tocou diretamente. Retomar a escrita das *Considerações Extemporâneas*? A primeira delas teve boa aceitação no meio acadêmico e leitores atentos. Não



posso dizer o mesmo das outras. Fui ignorado pela maioria dos colegas e pela imprensa. Exceto pelos amigos fiéis como Rohde. Mas, na verdade não estou preocupado com isso. Ocorre que, no momento, sinto-me distante dos assuntos educacionais. Além disso, estou envolvido com outros interesses, em especial a música. Talvez, ainda tenha um acerto de contas a fazer. Desta vez, comigo mesmo.

Ao sair a pé da estação com a minha bagagem, por uma das ruas paralelas que se estendem em direção a Piazza Castello, os pensamentos sobre o tempo passado na Universidade da Basileia e os dias alegres em Tribtschen vão tomando distância. A cada passo que



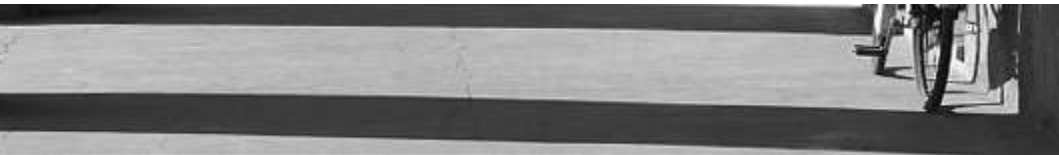
dou Turim me invade. A cidade me surpreende. As suas cores me encantam. Não me lembro de ter visto, ao longo das minhas andanças, construções com tal cor de amarelo e laranja. Tons quentes, aconchegantes, vibrantes, agem sob o meu espírito criativo. Olho com admiração para as amplas arcadas da estação férrea, dos prédios setecentistas. Todas são perfeitas para as minhas caminhadas ao ar livre. A cada passo, o seu ar ameno e seco me revigora. Sem esquecer as calçadas, delas muito já ouvira falar. Qual outro lugar possui pavimentos desse tipo? Sob a luz do sol, não tinha visto ainda tal beleza. Pois, encontram-se não apenas pessoas, mas idéias, entidades e cidades. A metrópole barroca traçada pelo arquiteto Guarino Guarini é majestosa e séria. Por enquanto, não vejo nela nada de moderno, capital, como eu temia: é muito mais uma residência do século XVII, com a corte, a nobreza e um gosto particular em que tudo predomina. É a tranqüilidade aristocrática que está aqui preservada em todas as suas coisas: não há subúrbios miseráveis, há uma unidade de gosto que se estende nas cores amarela e marrom-avermelhada das construções. Tanto para os pés, como para os olhos é um lugar clássico. Que calçadas, que praças sérias e esplêndidas! Os habitantes são agradáveis. O estilo dos palácios é desprezioso, as ruas são limpas, tudo mais imponente do que esperava. Turim é realmente a cidade que agora posso desfrutar!

Caminho até a Piazza Carlo Alberto. Procuo pela casa de número 6. Encontro uma ampla construção de esquina, ao lado da agência dos correios. Instalo-me no quarto que aluguei no último andar da residência do sr. Davide Fino. Homem educado, fala francês, diretor do escritório público e de uma banca de livros e jornais. Quero morar numa casa asseada e bem administrada, onde haja tempo para ler e tocar piano. De uns anos para cá trabalho numa peça musical. Ainda não tenho nome para ela, mas trata-se de um hino à amizade e à alegre aceitação da vida a despeito da dor. Uma querida amiga lhes escreveu os versos. A chegada da primavera provocou a minha saída de Nice. No entanto, ao instalar-me no meu novo cômodo, foi difícil dormir. O tempo estava nublado e chuvoso. Apesar de cansado, as variações de temperatura provocavam desconforto. As mudanças na atmosfera costumam agir sob os meus nervos.

Qual o melhor lugar para se viver quando se padece de terríveis enxaquecas? Não sei ao certo, mas sigo nessa busca desde os 34 anos, quando deixei a Universidade da Basileia, em 1879. Apenas sei que devo evitar a luz solar, o calor e o frio extremo. Em quase dez anos de vida errante morei em Sorrento, Gênova, Veneza, nos Alpes suíços e em Nice. Uma vida feita de deslocamentos, entre diferentes países e cidades, arrumando e desarrumando malas, chegando e saindo de estações férreas, de quarto de pensões, de restaurantes, de hotéis. Um ir e vir a pôr em movimento não apenas o meu corpo, mas os meus pensamentos. Há muitos anos tenho por hábito passar o verão nos Alpes suíços e a primavera na Riviera francesa. Desconheço um lugar que me seja agradável entre abril e maio.

Primeiros passeios

O que podem pensar de um sujeito andrajoso, com enormes bigodes e um livro no bolso sentado num trem? Um filósofo ambulante? Um escritor alemão exilado? Um professor rejeitado? Um profeta? Um Colombo a navegar por mares desconhecidos? Um Napoleão em busca de novas conquistas? Um gênio? Isso não importa, não estou preocupado com questões desse tipo. E sim, com o fato de não poder passar todo o dia lendo e escrevendo, isso exige muito da minha vista. Além de ainda não saber que resposta dar ao pedido de Rohde. Escrever mais uma vez sobre a educação? No passado já fiz isto, não sei se disponho de saúde suficiente para tal. Embora fuja das definições, postulo um mundo onde tudo é máscara. Considero-me apenas um filósofo que está na fímbria das coisas,




apenas na fímbria das coisas... Recordo-me das palavras de R. a meu respeito... disse que possuo a capacidade de me duplicar. Quanto mais extrema a minha dor, maior o meu poder criativo. O poder de retornar de um salto; a capacidade física e espiritual de ser um *Übermensch*. Como os nômades, sem passado ou futuro, tenho uma afinidade pelo meio, pelo devir: filósofo ambulante, professor de filologia, filho de Fransiska, amigo de Franz Overbeck, de Heirich Közelitz, explorador destemido?



Aproximo-me do estreito balcão exterior à janela do meu quarto. Mesmo com o mau tempo, é possível avistar *la collina* – os morros verdes de Turim – a sudoeste e, num dia claro, os Alpes a noroeste. Deste lugar tenho uma visão privilegiada para a pequena Piazza Carlo Alberto, onde o primeiro soberano Savóia de Piemonte e Sardenha aparece imortalizado numa grande estátua eqüestre. À direita, situa-se o palácio Carignano, com sua imponente fachada. Enquanto à esquerda, outro prédio burocrático, o Departamento de Finanças e Tributos.

Levantar cedo, banhar-me em água fria, tomar o café da manhã, ler e escrever cartas, eis a rotina que estabeleci para mim. Força-me a vista, ler e escrever. Consigo trabalhar somente umas poucas horas, pois as palavras se misturam sob a página, tão logo começo a cansar. Então, saio para mais um passeio. Com um pequeno bloco para anotações, parto como um explorador destemido. Essa não é a minha primeira jornada, nem será a última. Nesse meio, muita coisa se passa. Ao descer os lances da escada que conduzem à rua Carlo Alberto, Ernesto Fino, esbarra em mim. Era como se os pés do pequeno Fino voassem pelos degraus. Tão logo ele se dá conta do ocorrido, da minha surpresa, pede-me desculpas. E, antes que volte a correr, pergunto se pode me dizer aonde vai com tamanha pressa. Um tanto encabulado, diz que não pode parar, senão se atrasará para a escola. Fico parado ao ouvir a sua resposta. Cristalizado, como se os


ponteiros do relógio tivessem parado. A última palavra do menino ainda ecoa em meus ouvidos. Ela traz de volta a carta de Rohde e o seu apelo. Escreverei ou não mais uma vez sobre a educação? Darei continuidade às *Considerações Extemporâneas*? Mas, como fazer isso? Pois, trata-se de um projeto longo. Não sei se tenho tal fôlego e tempo suficiente. Ainda não sei, é cedo para responder. Preciso me exercitar ao ar livre. Atividade que em qualquer lugar me acalma e me estimula. Todo o meu trabalho está temperado pelo viandante. Palavra que em alemão não quer dizer apenas itinerante, mas aquele que caminha por prazer. Ao me virar para me despedir do filho do sr. Fino,



percebo que ele já tinha ido embora. Termino de descer as escadas. Sigo em direção aos quatro lados porticados da Piazza Castello, pela coberta Via Pó, rio abaixo. Entre o início e o fim da caminhada sou assaltado pelos meus pensamentos como se do exterior, como se de cima e de baixo, pois como filósofo, permanentemente, experimento vejo, ouço, suspeito, aspiro, sonho coisas extraordinárias, como se através de acontecimentos e cataclismas a se...

Repetir. Uma vez mais, depois outra e assim, sucessivamente. Sem parar... Ser atravessado pelo movimento dos coches, dos bondes, das pessoas entrando e saindo dos cafés, das crianças oscilando com o carrossel da praça... Mais uma vez, respirar o ar ameno e seco de Turim. Sinto-me leve, tenho pés ligeiros, o peso da existência deixei em uma esquina qualquer. Danço com o vai e vem das nuvens, com o apito do guarda da rua, com o menino que corre atrás do vendedor de

algodão doce, com a minha sombra. Hoje estou aqui. E, amanhã? Alguém sabe do amanhã? De que adianta rezar? Posso estar aqui ou não estar. Veneza, Nice, Sorrento, Gênova, já me viram passar. Quantas mais virão? E, por tanto amar o jeito viandante de ser, a reunião de pés e olhos, querer repeti-lo eternamente... Compor-me com o fluxo do subir e descer das girafas, dos elefantes, dos cavalos, das cores das roupas, dos chapéus, dos cabelos, dos sapatos, dos bancos, das árvores, das nuvens, do som da orquestra da Sala de



Música, misturado à luz dos candelabros... Dos eixos sair, perder o rumo. Embaralhar-me. E, fora do prumo, azular. Imperceptível, sou como todo o mundo, sou com o mundo, sou com a praça. Imiscuído na paisagem. Visito outras terras, subo montanhas, sem me deslocar. Vou muito longe, sem sair do lugar. No intervalo de mais uma volta, tudo passa e, aparentemente, nada muda. As girafas, os elefantes, os cavalos seguem as suas trajetórias. Assim como o pipoqueiro e as crianças que aguardam, impacientes, a sua vez de andar. Perambulo entre a terra e o céu, novamente. Mais uma vez. Derradeira volta na qual tudo o que é ruim não retorna. A vista fraca, a dor de cabeça, a náusea. Um gosto pela zona vertiginosa. Região incerta, veloz. Desestabilizadora. Nem aqui, nem lá. Nem antes, ou depois. Passagem eterna. Uma simpatia pelo meio. Onde não há mais nada a reconhecer, só a encontrar. Nem professor, nem filólogo, nem filósofo, nem poeta. Possibilidades de vida, novos modos de ser, de pensar. Um outro e desconhecido eu, fora de mim, mescla de humano

e animal, de animado e inanimado, de pele e madeira. A querer caminhar mais uma vez pelas ruas de Turim, mais uma volta com o corcel azul. Sim, mais uma volta, a penúltima. Nunca a última.

Pela janela

Sem me dar conta, a noite se aproxima. Perdido no meu passeio, pelas praças, pelas ruas, nos meus pensamentos, nos meus apontamentos. Devo ter caminhado por várias horas... Volto para a residência dos Fino. Instalo-me na mesa do meu pequeno quarto. Escrevo, mais uma vez, para a minha mãe.

Turim, 10 de abril de 1889

Minha querida mãe: como estás? O que tens feito desde a última carta que me enviastes? Tens notícia da nossa Elisabeth? Escrevo para me sentir mais próximo de ti, para partilhares, mesmo distante, um pouco dos meus dias. Depois de ter passado por alguns percalços para chegar em Turim, tenho boas notícias para te dar. Cometi alguns enganos, descii na estação errada. Ainda não entendi como pude ser tão tolo. Só depois de me recuperar uns dias em Sampierdarena cheguei ao meu destino. Depois de localizar a minha bagagem na estação de Porta Nuova, me pus a caminhar. Algo que sempre me deu prazer.

Turim é a minha cidade. Ou serei eu que pertenço a Turim? O único lugar que eu posso ser, onde sou possível. Situada aos pés dos



Alpes, a capital piemontesa é um posto ideal entre os balneários costeiros e as altas montanhas. E as estradas parecem subir alinhadas em direção ao centro. Possui um ar majestoso e sério. Os palácios possuem um estilo despretensioso. As construções são altas e amplas, o que me proporciona uma agradável sensação de liberdade. Sem falar que a vida aqui me parece mais barato do que em outras cidades italianas.

Instalei-me num aposento que mede, aproximadamente, dez metros quadrados. Nele se distribuem uma cama, um roupeiro, um criado mudo, uma mesa e até um piano. E a vista ampla que tenho dele, em quase todas as direções é muito agradável. A pequena Piazza Carlo Alberto onde o primeiro soberano Savoia de Piemonte e Sardenha está representado numa grande estátua equestre. O palácio Carignano, com sua imponente fachada municipal e o prédio burocrático que abriga o Departamento de Finanças e Tributos. Aluguei-o, por um preço acessível de um homem muito distinto, o sr. Fino. Ele não fala somente italiano, mas francês, o que facilita a nossa comunicação.

Aqui sinto a minha coragem para a vida crescer outra vez. Experimento Turim. Turim age sobre mim. O ar ameno e seco, as calçadas esplêndidas, as ruas, os bondes, os ônibus, as arcadas espaçosas, as praças, os cafés, tiram-me da queixa, da doença, me dão vitalidade. Um agenciamento, uma reunião de elementos heterogêneos a agir e a reagir uns sobre os outros, a proliferar... Idéias embaladas pelas calçadas que tanto ouvira falar, pelas ruas

limpas e sérias, pelos ônibus e bondes que funcionam bem.

Estava em vias de contar-lhe sobre o inusitado pedido de Rohde e a situação educacional da Suíça, quando o meu aposento é invadido por acordes. Será a orquestra do Teatro Carignano? Mas, tenho a impressão de ter ouvido crianças cantar uma conhecida melodia. Será o filho do sr. Fino? A curiosidade me faz levantar e olhar pela janela. Lá em baixo vejo pessoas se despedindo, se distanciando. Onde estão os pequenos cantores? Algo naquele som transporta-me para o meu passeio da manhã. Os cavalos, as girafas, os elefantes, as crianças, ainda estão no parque a girar... Enquanto isso, espalhados ao redor do carrossel, pais aguardam o momento de tirá-las de lá. Depois de algum tempo o brinquedo pára, as crianças descem com mais ou menos pressa, com mais ou menos coisas a carregar, com mais ou menos vontade de partir. Não importa. Mais uma vez, eles saem da Piazza Ninna, cruzam pela via Sellimio Severo e voltam a se conectar com a máquina. Antes que a sirene toque outra vez. Nesse meio tempo, alguns professores deixam as suas salas, cruzam o saguão e dirigem-se, munidos de livros, pastas, caixa de giz, para as suas aulas. Alguns retardatários se apressam, não querem chegar atrasados, outros se despedem dos seus amigos tão intensamente como se não fossem vê-los tão cedo. Sem esquecer aqueles que, disfarçadamente, atravessam o pátio em direção ao bar.

É importante que o lugar seja o mesmo, que a hora seja determinada, as salas marcadas, as falas preparadas, que os atores, uma vez mais, tomem suas posições no palco. Sem corpos situados no

tempo e no espaço, o espetáculo não tem início. Atores, palco, espetáculo, então, se trata de um teatro, não de uma escola? Sim e não. É e não é. Ora um e ora outro. Simultaneamente. Máquina paradoxal. Aponta para os dois sentidos, num mesmo instante.

Previsível e imprevisível. Regular e irregular. Velha e nova. Conhecida e desconhecida. Completa e incompleta. Certa e incerta. Calma e agitada. Rápida e lenta. Aberta e fechada. Próxima e distante. Forte e fraca. Clara e escura. Grande e pequena. Alegre e triste. Simples e complexa. Quente e fria. Sagrada e profana. Amada e odiada. Tantas características opostas dificultam qualquer identificação ou julgamento que se queira fazer a seu respeito: está em crise, falida, embolorada, ultrapassada, cheira a era medieval? Isso não tem importância.

Serei capaz de dizer um sonoro sim ao seu funcionamento, e a tudo o que ele implica: saber e ignorância, acertos e erros, encontros e desencontros, arranjos e desarrajos, alegrias e tristezas, atrasos e antecipações, novidades e mesmices, agitação e calma, aprovação e reprovação?

Volto a abrir os olhos, eles ardem bastante, as palavras se embaralham no papel. Mesmo sem ter pedido novos pares de meias para minha mãe, vou parar de escrever a carta por aqui. Está muito tarde. É melhor tomar meu cloral e tentar dormir.

Ao despachar uma carta

Um novo dia começa. Levantar cedo, banhar-me em água fria, tomar o café da manhã, ler e escrever cartas, eis a rotina que estabeleci para mim. Termina a correspondência que havia começado para a minha mãe. Conto-lhe que ainda é cedo para dizer se vou aceitar ou não o convite de Rohde e voltar a escrever sobre a educação. No caso de aceitar o seu pedido, escreveria por simpatia. Não se trata de um sentimento vago de estima, mas da mistura de corpos, afetar e ser afetado, caso de amor ou de ódio. Simpatia pelo que se passa entre – mais um período de aula, mais um recreio, mais uma troca de períodos, mais uma reunião... Antes de encerrá-la, faço um pedido. Solicito-lhe que da próxima vez, não me envie salsichas tão salgadas como as últimas. Tenho que zelar pelo meu frágil equilíbrio físico.

Pego o meu chapéu e saio para despachar a carta. Antes de entregá-la no correio perambulo pelas ruas de Turim. Sigo a minha rotina, sempre os mesmos movimentos, na mesma ordem, mas nunca um dia é igual ao outro. Passeio pelas margens do rio Pó, à direita e à esquerda da ponte Vittorio. Caminhar me acalma e me estimula. Cruzo a via Carlo Alberto, além da estação de Porta Nuova. Afasto-me do centro da cidade. Procuo por um café, um local que possa sentar, tomar um sorvete e fazer alguns apontamentos. No caminho converso com minha sombra. Quando darei uma resposta ao convite de Rohde? Surgem algumas idéias, mas nada sistemático, são como fragmentos. Não me agrada escrever sobre a máquina escolar. Mas, seguí-la,

deixar-me levar pelos seus movimentos. Uma sucessão deles que ocorre num espaço específico, a partir de uma aliança – de um lado crianças, suas expectativas e a de seus familiares, arquivos, cadernos, livros, lápis, borracha, régua, lápis de cor, estojos, cola, tesoura. E de outro alunos aprovados, em recuperação ou reprovados. Uma grande linha de montagem. Não tenho idéia do que dessa experiência possa resultar, mas creio que se fosse colocá-la no papel, o seu formato seria bem diferente de qualquer coisa que escrevi anteriormente.

Um vento leve, frívolo, encantador, começa a soprar neste dia de tempo bom, dá asas aos meus pensamentos... Ocorre-me que como toda máquina, ela não opera isoladamente. Não se trata de uma ilha. Máquinas, máquinas e mais máquinas, máquinas de máquinas, um universo... Em todo e qualquer lugar elas funcionam, se acoplam, se conectam para produzir. Uma máquina-órgão produz e interpreta o que nela ocorre segundo o seu próprio fluxo, de acordo com a energia que dela sai, no caso, ligada ao saber. Uma força racional, mental, que provém da filha diletta de Zeus. Palas Atena, nasceu da cabeça do seu pai já adulta e armada. Deusa guerreira e sábia, protege a vida civilizada, as atividades artesanais e a agricultura. Seu nome quer dizer conselheira, o que indica a posse de uma sabedoria prática, reúne a habilidade de utilizar as mãos em articulação com o cérebro. Um agenciamento a produzir não somente formas, certezas, padrões, mas o informe, o incerto, o sem medida. Pois a sabedoria o conhecimento e a razão estão em relação com um Não que os integra. Isto é, todos os três possuem uma sombra, um pensamento não pensante que é necessário enfrentar para se dizer outra coisa, o não dito, o não

pensado sobre a sua produção.

O interessante deixa de ser como alcançar os objetivos trimestrais, como não tirar o conceito D na prova de Matemática, ou atingir a aprovação ao final do ano, não é chegar nos pontos, nas marcas estabelecidas do seu funcionamento e, sim o que acontece no caminho. Uma trilha repleta de linhas que extrapolam os planos de ensino, os textos, os livros didáticos, os exercícios, a planilha de rendimento escolar, o que é dito nas reuniões pedagógicas pois, é assim que se começa a pensar sobre o agenciamento escolar: fora das formas do que é uma escola, do que significa aprender, do que é uma aula, um aluno, um professor, no desacordo entre as coisas e o pensamento. Porém, são tantos os clichês, as idéias pré-existentes e pré-estabelecidas sobre a produção dessa máquina que é preciso fazer passar uma corrente de ar fresco saído do caos que restabeleça a visão e o pensar. O que pode ser visto, o que pode ser dito, hoje, sobre a produção da máquina escolar?

Pouco importa quando a máquina escolar começa a funcionar, nem o momento em que ela pára. Não se trata do fim ou do início de mais um ano letivo, dos turnos, dos períodos de aula, dos recreios, das explicações, dos exercícios, das perguntas, das avaliações, das correções, dos laboratórios de ensino, dos Conselhos de Classe, das reuniões de Série, de Área, de Departamento e Gerais. Como, também, da produção dos aprovados, dos reprovados ou dos que estão em recuperação. Sobre a finalidade da máquina escolar, seus objetivos, suas metas, há muita coisa escrita, muito já se disse.

Alguém ainda não ouviu dizer que a escola está em crise, que ela está ultrapassada, que seus métodos remontam a Idade Média? Ou que os professores estão desmotivados e que os alunos pouco aprendem? E sempre que se pensa desse modo, não demora se instaurar um tribunal. Ah, que tédio! De antemão, já se sabe o desfecho dessa história. Pois, uma vez mais a máquina escolar ocupa o banco dos réus. Culpada ou inocente? Necessária ou desnecessária? Atual ou ultrapassada? Quanta polêmica, quanto tempo gasto, quanto blá, blá, blá... Começa-se a ponderar sobre os seus acertos e os seus erros, por um lado ela é culpada, de outro, é inocentada. Em seguida, surgem apelos de lá e de cá, ambos os lados expõem seus argumentos e ao final, chega-se a um veredicto, algo, verdadeiramente, dito. Verdade que passa a ser verdadeira, incontestável, enunciados são produzidos. Os quais, geralmente, voltam a incidir sobre a máquina, de modo a implicar em alguma espécie de reformulação da sua estrutura.


Depois de percorrer quadras e mais quadras da via Nizza e não ter encontrado uma cafeteria, sigo em direção a Piazza Carlo Felice onde se situa uma agência dos correios. Tão logo entro no local, coloco a mão no bolso e procuro pela carta. Onde a coloquei? Será que a perdi? Ou a esqueci no meu quarto? Como estou bem longe da Piazza San Carlo e da residência dos Fino, por ora não há como saber o que aconteceu.



O solo da cigana

Mais um fim de tarde chega. Volto para o meu aposento na residência dos Fino, depois de ter passado pelo mercado e feito compras. Procuro pela carta que escrevi para a minha mãe e não a encontro. Terei a deixado cair na rua? Apresso-me ao trocar de roupa. Coloco o meu melhor terno. Olho-me no espelho, antes de sair. Estou elegante? Sim, aprovo o que vejo. Toda essa preparação é para conhecer o teatro Carignano. Numa das conversas com a sra. Cândida Fino ela assegurou-me que é a mais famosa casa de espetáculo, não somente de Turim, mas do Piemonte. Construída pelo príncipe de Carignano no final do século XVII, no início era apenas freqüentada pela nobreza. Depois de passar por um terrível incêndio, sofreu uma grande restauração que a deixou como está agora. Dentro em breve, assistirei a mais uma apresentação da ópera Carmen de Bizet. Naquela ocasião, antes de nos despedirmos, a sra. Cândida convidou-me para uma visita, uma oportunidade para ouvir uma de suas filhas, Irene, tocar piano. Creio que chegou ao seu conhecimento que sou um amante da música.


A proximidade da casa dos Fino do Teatro permitiu que fosse um dos primeiros a chegar. Assim, dispunha de tempo para admirar o seu interior, enquanto aguardava o início da ópera. Sentei-me numa cadeira da platéia. Como um príncipe num trono de veludo vermelho, espaldar alto e arremates em dourado. Muito confortável. Toda a sua decoração tem por base essas duas cores, algo majestoso. A cortina do



palco é de veludo vermelho com bordados e franjas douradas. Esta última cor predomina nas belas cariátides. No teto há desenhos que retratam o triunfo de Dioniso e a sua ciranda de ninfas. Há um grande número de camarotes distribuídos em semi-círculo por quatro andares.


Eis que a espera que se anunciava longa, passou muito rapidamente. Pois, quando me dei conta, a casa havia lotado e o espetáculo já ai ter início. Silêncio total na platéia. Tão logo as luzes se apagaram e as pesadas cortinas se abriram, surge Carmen. Uma cigana que a todos enfeitiça com seu corpo e sua voz. Mulher selvagem, orgulhosa, alegre, no seu desapego com as coisas. Amava quem e quando queria, sem se prender a ninguém. Acima de tudo prezava a liberdade. Não conhecia regras nem escrúpulos, era um animal vivo, saltitante. Meus ouvidos são tocados por uma melodia leve, nova, bem trabalhada. Há muito tempo não me sentia feliz assim. Com Bizet o amor foi devolvido ao seu lugar na natureza. Sem maiores explicações, doloroso, violento. Um tom mais moreno, mais sulista, mais bronzeado. Nada de brumas, do clima frio, do pessimismo nórdico. Tudo o que é divino dança em pés delicados.

Dança cigana, dança
Com a leveza de teus pés,
Espanta a dor, a tristeza,
As brumas do pesar,
Rodopia sob mil dorsos



Dança cigana, dança
Dança de mil maneiras,
Afirma a tua graça, a tua cor, o teu amor,
Amor ao destino, fatal, cruel,
Livre como um pássaro

Dança cigana, dança
Como os trovadores,
Entre os santos e as meretrizes,
Entre o bem e o mal,



Entre Deus e o mundo inteiro

Dança cigana, dança
Em plena luz, sob o calor do sol,
Em plena praça, na arena dos touros
Tão distante do frio, do norte
Inventa um mundo só teu



No IV ato, a *mezzo* soprano Carmen canta um solo, sua voz me arrepia. A cigana domina a cena, dançando de um lado para o outro do palco. Fecho os olhos para ouvir melhor. De repente, um grito me desperta. Mas, não era um canto? Quem gritou? Carmen? Mas, um grito não teria mais a ver com esse grupo? O grito não está mais de acordo com o que se passa numa sala fechada, composta por seis filas de classes, uma atrás da outra, defronte a um quadro verde? Embora



todos gritem, não lhes ocorre que seja uma arte. Gritam sem dar importância, até sem se dar conta. No intervalo das aulas, no corredor, durante o recreio, na entrada e saída dos turnos. Mesmo sem notar que é uma de suas características. Quem não o ouviu, não conhece o seu poder. Impossível esquecer aquele som. O inusitado daquele canto era tão grande, que nem mesmo o espírito mais obtuso podia resistir. Não havia como não ser arrebatado por ele. Todos, naquele momento, interromperam o que estavam fazendo. Os que prestavam atenção nas palavras da professora e os que não prestavam. Os que olhavam pela janela e os que olhavam para frente. Os que se distraíam com as figuras da revista em baixo da classe e os que escreviam no caderno. O bilhete que circulava por entre as filas, passava de mão em mão, ficou



entre os dedos da aluna mais tímida da classe. A dupla que permanecia de costas para o quadro, numa conversa que nenhuma advertência conseguia conter, calou. Assim como os três alunos que jogavam uma borracha de um canto para o outro da sala, enquanto cabeças se abaixavam, deixaram-na cair no chão. Inclusive a professora que entre um pedido e outro de silêncio, uma interrupção e outra da sua fala, esforçava-se para que a turma entendesse os tipos de sujeito, não sabia o que dizer, nem o que pensar.

Todos naquele instante olhavam para Josefina. Ela permanecia de pé, sem se mover, aparentemente, inabalável. Uma aluna pequena, de corpo frágil e voz rouca. Ninguém era capaz de rir



do que aconteceu. Apesar de algumas das suas características físicas serem motivo de riso em outras ocasiões. Pois, aquele grito os salvou. Salvou do tédio, da rotina, da não correspondência entre as palavras da professora e o que se passava ao redor. Aquele som os levou para outro território, onde não havia mais sujeito: nem simples, nem composto, nem oculto. Muito menos o seu núcleo. Restou apenas um sujeito indeterminado, incontrolável, selvagem, a romper com as individualidades. Ou, pelo menos, algo que lhes dava ânimo para suportar tudo aquilo. Um estímulo para prosseguir, um pouco mais, até bater para o recreio. Até estarem livres das explicações e sentirem-

se vivos. Um grito se impôs com seu nada de voz, com seu nada de técnica e tocou-lhes a alma. Algo das suas breves e abandonadas infâncias nele havia. Uma perda que não se pode voltar a encontrar. Alguma coisa da vida cotidiana, de pequenas alegrias incompreensíveis e no entanto, que não se pode esquecer. Um grito que se liberou da opressão da rotina escolar e, ao mesmo tempo, a liberar toda a classe, durante um breve instante.

Quando a professora se refez, dirigiu-se até a classe da Josefina. Queria saber o que tinha se passado, se ela estava bem. Mas, eis que professora não a encontrou. Ela não estava mais lá. Inexplicavelmente. Ninguém sabe como ela saiu da sala. Tampouco, alguém a viu sair de lá. Mas, para onde foi Josefina e o seu canto?

De volta ao quarto

Depois de sentar por quase cinco horas, com a música dançando em minha cabeça – *L'amour, l'amour, l'amour, l'amour. L'amour est enfant de boehme. Il n'a jamais, jamais connu de lois.* Atravesso a Piazza Carlo Alberto e retorno ao meu quarto. É muito tarde. Meus olhos estão cansados para iniciar mais uma carta. Apago a luz sob a minha mesa, deito e procuro dormir. Ainda há movimento na rua, é possível ouvir o barulho dos coches em baixo da minha janela. Paulatinamente, o som vai se afastando, não ouço mais nada. Mas, eis que dali a instantes, um apito quebra o silêncio. Um trem se aproxima? Enquanto isso, na plataforma de embarque, uma multidão de crianças das mais variadas idades, as menores acompanhadas de seus pais, aguardam a sua chegada. Algumas delas estão impacientes, mal podem esperar para partir. Outras, nem tanto. Aparentam sono. Enquanto os adultos olham o relógio, demonstram pressa para saírem dali, para chegarem no trabalho. Mais uma viagem? Irei mais uma vez para Sils Maria? Juntamente com pais, mães e crianças? Dentro em breve o trem as levará até lá. Novamente, apreciarei as cores daquela região? Mas, não estou distante da estação férrea? Como posso ter ouvido essa sirene? Sirene? O sinal de uma escola? Um som que avisa aos professores e alunos que mais uma aula vai começar. Tocará sempre mais uma vez? E, de novo, existirão os que chegam no horário, os que atrasam, os que faltam? Um sinal ouvido por alguns, não ouvido por outros, sendo que uns ao ouvi-lo tratam de ir para outro lugar. Onde não existem leituras, nem exercícios, nem correções a

fazer. Como a rampa do prédio, munidos de faixas, apitos e cartazes que serão utilizados num protesto contra a direção. Antes que o professor entre na sala e feche a porta. Uma vez mais seguirei até os Alpes suíços, com uma valise nova e um pouco de salsicha continental sem gordura – *Lachsschinkenwurst* – que a minha mãe me enviara para as refeições vespertinas? Serei capaz de repetir, novamente, esse conhecido trajeto? Direi sim ao deslocamento do trem para nordeste através de Milão? Assim como a tudo o que esse traslado implica: as baldeações inevitáveis, a perda da bagagem, os ataques da enxaqueca, a náusea, o vômito? E, o professor, dirá sim aos que faltam, aos que chegam atrasados, aos que nunca perguntam e conversam enquanto corrige um exercício no quadro, aos pedidos para ir ao banheiro, aos que perguntam, aos risos dos que acham graça das perguntas, aos papéis jogados de um lado para o outro da sala? Serei capaz de encantar-me com a vista ao pé das montanhas escarpadas, as águas cintilantes orladas de altos ciprestes, as palmeiras, os espruces e os abeatos? E, ao lado da linha férrea que dá para a margem mais movimentada, serei capaz de admirar as pessoas se banhando, andando de barco, pescando e se reunindo?

Atordoado por tantos questionamentos, nem percebi que estava sentado ao lado de uma mãe e sua filha. A menina apesar de estar ao lado da janela, não olhava para fora. Abria e fechava a sua pasta repetidas vezes. O que estaria procurando? Não sei. Só sei que na última hora, entrei no vagão. Mais uma vez, o trem atravessa a fronteira Ítalo-suíça, serpenteia e cruza o Passo de Majola, a 1700 m. de altitude. Então, o escarpado declive dá lugar ao solo plano,

revelando, novamente, o espaço amplo, leve e aberto do vale de Sils e os lagos contíguos de Sils e Silvaplana. É nesse local que o trem faz uma parada para as crianças descerem. Algumas delas gritam, outras se empurram, enquanto poucas aguardam, pacientemente, até a porta se abrir e seguirem até a escola. Logo mais serei eu a desembarcar no vilarejo de Sils. Novamente, alugarei um quarto da família Durish? A mesma acomodação austera no andar de cima, forrada de madeira, com uma pequena janela que dá para o sul e mobiliada com cama, mesa e um lavatório? Apesar de nele já ter tremido de frio nunca o troquei por outro mais quente.

Uma vez mais estou nessa pequena e despreziosa cidade. Absolutamente não-dramática exceto pelo sítio natural, bem diferente da sua glamourosa vizinha St. Morritz, mas com uma clientela regular no verão. Desempacoto as camisas novas enviadas por minha mãe para substituir as já rotas pelos anos de penúria e negligência consigo mesmo. Almoço no Hotel Alpenrose, do outro lado da ponte para Sils Baselgia. Não canso de caminhar, pensar e escrever. À noite, sento-me no meu minúsculo aposento, do qual avisto uma parede de rochas sempre úmidas. Entra ano, sai ano, o mesmo vilarejo, o mesmo quarto, a mesma janela, as mesmas rochas molhadas, as mesmas dores de cabeça, do estômago, a náusea, o vômito. Estarei condenado a viver esse momento para sempre? Primavera, verão, outono, inverno. Todas as manhãs eles chegam... com mais ou menos sono, com mais ou menos pressa, com mais ou menos coisas a carregar, com mais ou menos vontade de começar... novamente. Tão certo como há manhãs em que sol aparece e noutras em que permanece atrás das nuvens. Certos dias eles aguardam mais, outros aguardam menos. Certas

vezes eles conversam mais, noutras eles conversam menos. Em certas aulas eles aprendem mais, noutras aprendem menos. Entra ano e sai ano, a mesma escola, os mesmos professores, os mesmos alunos, os mesmos pais, os mesmos conteúdos, as mesmas reuniões. Estarão condenados a viver esse momento para sempre?

Com o chapéu novo que adquiri em Turim saio para caminhar. Ao abrir o guarda chuva que trago comigo, um monte de bolinhas de papel caem sob minha cabeça. Quem as colocou aqui? A menina que viajou ao meu lado no trem? Será que ela sabia que também fui um professor? Ou, quem sabe, foi uma daquelas crianças que esperavam o trem na plataforma? Mas, não havia um outro professor no trem? Um sujeito gentil, afável, mas com um ar cansado, sentado num dos bancos da frente a procurar pelo seu guarda-chuva? Ouvi quando ele disse que ontem o esqueceu na sala de aula e um aluno lhe entregou. Terá ele trocado o seu com o meu? Isso não tem importância agora. Ao andar, admiro o rosa brilhante e profundo da rosa alpina e os azuis intensos da genciana. O vento em tornos dos lagos, repentinamente, começa a soprar forte. Revelando um jogo de luz e sombra dramático. O tempo muda com frequência e rapidamente, uma força perigosa e temperamental conhecida na região. Percebo que com o vento a água muda de cor, do turquesa ao esmeralda e ao negro, e depois prata; mas em determinados momentos a claridade comovente da água revela o fundo arenoso. A partir daí, caminho em diferentes direções até os confins do lago Silvaplana, onde fica o monólito Surlej. Como, também, percorro os bosques da península Chasté, onde sonhei construir uma cabana.

O ponto de encontro entre a Itália e a Finlândia, o lar de todos os tons de prata que a natureza possui, este pedaço de Além-terra *Oberwerd* age sobre mim. Assim como o lago Silvaplana com o seu perímetro uniforme, sem acidentes. Além do jorro da cachoeira acima da pedra Surlej, com tal força e beleza que parece água derramando gaze do céu. O ruído, ensurdecador, ofusca o canto dos pássaros, os cincerros e as vozes que normalmente amenizam o silêncio do vale. Ao mesmo tempo, gotículas de água se espalham pelo ar como gotas de fumaça. Ao fixar o olhar na cachoeira fico atordoado. Olho para trás, na direção de Sils, vejo claramente como às coníferas dão à água do lago sua misteriosa palheta verde, azul e rosa. Nesse momento de grande inspiração, sinto cosmicamente. Para além do eu e do tu. Isso não significa a fusão do pequeno eu com o organismo cósmico em geral, mas sentir o inaudito dentro do qual estou contido. O tempo cuja duração é infinita, deve repetir de período em período uma disposição idêntica de coisas. Tudo voltará a ser. Dentro de tal número de dias, número imprevisível, imenso, porém limitado, um homem como eu, sentado à sombra desta rocha, encontrará de novo esta mesma idéia. É necessário que cada dor, cada alegria, cada pensamento e cada suspiro retorne para ti na mesma série, na mesma ordem e também, está aranha que estás olhando e esta lua cor prata entre as árvores... A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira. Choro com a mais sincera alegria.

Ao ouvir um choro alto, dou um salto, abro os olhos. Onde estou? O que aconteceu? Acordo. Não enxergo quase nada. Sei apenas

que despertei ao ouvir algo, teria sido um choro? Esse som deve ter vindo da rua. Sim, ainda posso ouvir vozes ao longe, o barulho das pessoas circulando pela praça. E, agora como irei adormecer? Onde está o meu cloral? Se quiser voltar a dormir terei de tomá-lo.

O último passeio

O sol já estava alto quando acordei. Como pude dormir tanto? A minha higiene pessoal é feita ainda sob o efeito da ópera de Bizet. A leveza daquela música embala meus pensamentos. Antes de sair para mais uma caminhada, inicio uma carta para uma querida amiga que me escreveu em Nice. Na verdade, ela é mais que uma amiga, uma irmã. Sempre atenta a minha vida de escritor itinerante, aos meus relacionamentos, ao meu estado de saúde.

Turim, 20 de abril de 1888

Estimada Malwida:

Como tens passado? Como vai a tua vida em Londres? Continuas lecionando a língua alemã? Ultimamente, tenho lembrado com muito carinho da nossa temporada em Nice. Dos dias que passamos juntos, das conversas animadas nos cafés, da companhia estimulante de Paul. Lamento só agora ser possível responder a tua carta. Nesse meio tempo, com a proximidade da primavera, saí de Nice. Estava quase seguindo para Veneza, a convite de Peter Gast. Mas, faltou-me disposição. Há mais de meio ano estou afastado do

convívio social. Então, decidi, no último instante, viajar para Turim. Foi a escolha mais acertada que fiz na minha vida. Esta cidade parece que foi feita para mim. Ou serei eu feito para ela? Não importa, e sim o encontro que se deu. Algo que a cada passeio supera toda e qualquer expectativa.

Turim é uma cidade calma, aristocrática. Traçada com precisão geométrica e que preserva um ar meridional. Encanto-me com a homogeneidade de gosto que predomina nas construções, nas cores dos prédios, nas calçadas. Caminhar por essas ruas imponentes é uma delícia. Como em Nice, em Gênova, preciso estar perto da música. O quarto que aluguei fica a poucos metros do Teatro Carignano e da Sala de Música. Onde quase duas mil pessoas assistem às bandas disputarem os mais elevados lauréis. Sem falar que aqui estou sendo reconhecido. Na livraria Loescher, na via Pó, alguns clientes mais eruditos vieram falar comigo. Como o professor de filosofia Pasquale d'Ercole. Além disso, a garçonete da trattoria do Hotel Nazionale atende-me com muita deferência. Até as melhores uvas ela reserva para mim nos almoços.

Descrevo-te um pouco dessa cidade, pois aqui a linha dura dos aborrecimentos, da falta de dinheiro, de companhia, começa a ser rompida. As linhas flexíveis da criação podem ser traçadas, novamente. Quando menos espero. Como naquela tarde agradável. Saíra para dar mais um passeio. Como tu sabes, só por algumas horas posso ler e escrever. No resto do tempo exercito-me. Caminho e penso, penso e caminho. Peguei o meu chapéu, o bloco de notas e

tomei a direção da torre do Mole. Uma obra do arquiteto Antonelli, uma imensa estrutura em domo, com 165 metros de altura, a sudoeste do centro da cidade.

Depois de admirar a cidade vista de cima, de respirar o seu ar ameno, retornei ao centro. Mais uma caminhada ao ar livre. Passado um tempo, decidi descansar no Café Nazionale, onde um conjunto de doze instrumentos costuma tocar. Um lugar muito elegante que serve o melhor chocolate que já experimentei. Comparável, somente, ao de Monte Carlo. Naquela ocasião escolhi uma mesa nem muito perto, nem muito longe da música. Tão logo sentei, o garçom aproximou-se e fez o meu pedido. Uma taça de sorvete acompanhada de água mineral. Enquanto esperava, lia as manchetes do jornal Des Débats.

Passado alguns instantes, tirei os olhos da leitura. Avistei o garçom se aproximar equilibrando a bandeja com o sorvete e a água. Quando ele inclinou-se para servir-me, surge uma criança correndo, não sei de onde e tropeça nos seus pés. A bandeja, o copo, a garrafa, a taça de sorvete, voam pelo ar, caem sob a mesa e se espatifam pelo chão. O menino sacode-se, passa a mão nos joelhos e volta a correr. O estrago foi grande. Por um instante tudo pára. A água transformou-se em ácido oxálico. O líquido foi jogado na calça de um aluno em plena feira de Ciências. O auditório da escola estava lotado. Eram mães, pais, irmãos, colegas e professores a circular por entre os estandes. Em cada um deles um experimento diferente. Há poucos instantes o evento havia sido, oficialmente, aberto com as palavras da diretora. Embora muitos dos presentes não tenham prestado atenção ao que

era dito. Havia alunos que circulavam e pais que ao se encontrarem não paravam de conversar.

De qualquer modo, a sua fala louvava a iniciativa dos professores de Ciências e a grande receptividade dos alunos. Além de consistir numa oportunidade de convívio harmonioso e uma troca de experiências entre os jovens de diferentes séries. Pelo menos foi esse o tom que a direção quis imprimir ao evento. No entanto, ao circular pelos estandes, Rafael destoava. A sua curiosidade não tinha relação com o que se passava com os tubos de ensaio, com os corantes, com as pipetas. Nem com o que ia acontecer com o ratinho preso numa caixa. Ou com o esqueleto deitado numa maca. Estava mais interessado em ver quem estava atrás das mesas. Quais eram os colegas que iriam apresentar os trabalhos. Quem entre os seus pares ia se destacar naquela tarde. Quem ia ser beijado e fotografado ao lado dos pais. Quem ia receber a atenção dos professores. Por isso, circulava, rapidamente, por entre as mesas. Ficava um mínimo de tempo e saía. O necessário para não evidenciar que tinha pressa. Queria disfarçar a ânsia para que algo rompesse com aquele espetáculo no qual era apenas platéia. Não estava habituado com esse papel. Geralmente era protagonista. Líder dos agitos e confusões. Até avistar a Carla e ser mordido pela raiva. Como ela e seu grupo de colegas podiam estar ali? Logo a Carla. Aquela menina insegura, estudiosa e tímida. Excluída do grupo mais popular da turma na quinta série. Aquela que nunca olhara para ele. Nem quando fazia a maior bagunça e era retirado da sala de aula. Por isso Rafael ia e vinha. Parava no seu estande, insultava-lhe, saía e voltava. Retornava com novos ataques.

A Carla fazia de tudo para ignorá-lo. Fixava o olhar nos tubos e continuava a demonstrar a experiência. Mas, essa tática não estava funcionando. Mesmo sem querer, ela começou a se perturbar. Tinha dificuldade em se concentrar no que dizia. As suas mãos tremiam. Rafael, finalmente, estava conseguindo o que queria. As colegas do grupo pediam, insistentemente, que ele fosse embora. Ele as ignorava. Continuava com o seu deboche. Chegou a vez de Carla lhe dizer para ir embora, aborrecer outro. Mas, ele não ouvia, estava se

divertindo e seguia lhe provocando com palavras. Até Carla não agüentar mais e jogar o ácido na sua calça. Quem estava lá não acreditou no que se passou. A reação de Carla a todos surpreendeu. Principalmente, ela mesma. Sem falar no Rafael que saiu dali esbravejando. Agora, tudo o que ele queria era uma calça nova. Enquanto isso, o garçom se desculpou, limpou o estrago e trouxe, novamente, o meu pedido.

Quando menos espero, no meio de uma caminhada, num café, no teatro, o meu pensamento adquire asas, ganha velocidade, visita outros territórios. Talvez, aproveite-as para um novo trabalho. Não sei. No momento, penso em escrever algo, diretamente, relacionado à música. Agora tens uma idéia de como tenho passado os meus dias. Cara amiga. aguardo notícias tuas. Por favor, não leve tanto tempo para me escrever como eu.

Abraços, F. Nietzsche.

Saio para mais uma caminhada. Não sem antes elaborar mais uma lista para o meu bom funcionamento: esperar esfriar o chá antes de beber, evitar toda a bebida alcoólica e multidões, ler, escrever cartas, vestir roupas quentes à noite, usar o guardanapo no café da manhã, não esquecer o caderno de notas. Não me lembro de ter visto uma cidade tão bonita sob a luz do sol. Do seu interior posso ver os Alpes cobertos de neve. A paisagem da montanha, a altitude, um posto de observação único. Com a altitude das montanhas tenho a sensação de poder entregar-me ao trabalho de maneira mais eficiente; de poder ver mais longe. Ao contrário do reino das idéias de Platão, as altas montanhas não sugerem um mundo ideal incognoscível e situado além, mas o melhor posto de observação possível nesse mundo real – um mundo que é apenas a soma de suas imagens. Não estou interessado num duplo sistema de valores que compense as aparentes limitações da existência humana, mas numa melhor maneira de ver que a existência é realmente limitada. E, ao experimentar essa limitação dela me liberto. Pois, enxergo longe e acima das nações, credos e indivíduos, elevando-me acima da desordem, indo além do



mundo conhecido para ver a arbitrariedade de seus valores...

Lamento ainda não ter escrito uma carta em resposta ao pedido de Rohde. Pois, não sei o que lhe dizer. Confesso que fiquei surpreso com o seu convite. Tendo em vista que no passado, nem todos os textos que escrevi sobre o futuro das escolas foram bem recebidos. Normalmente não sou bem compreendido, quer seja pelo meio acadêmico, quer seja pelo público em geral. Os meus leitores, até agora, são poucos. Será por que estou à frente do meu tempo? Nesse sentido, escrevo para o futuro, para um povo que virá, um dia. Sigo escrevendo para todos e para ninguém. Apesar de ter ficado bastante sensibilizado com o relato sobre a situação da educação na Suíça, estou inclinado a não atender ao seu convite. Em primeiro lugar, por não me ocupar, especificamente, com temas educacionais há bastante tempo. Em segundo lugar, pela minha saúde instável. Em terceiro lugar, por estar escrevendo, no momento, um memorando às embaixadas européias conclamando-as à formação de uma liga anti-germânica. O meu intento é prender o Reich numa camisa de força e obrigá-lo a uma guerra desesperada.

Sem me dar conta havia chegado na Piazza Vittorio Veneto. Encontro um banco para sentar e descansar. Depois de algum tempo, ponho-me a andar. Sigo em direção da ponte Umberto. Ao dar início a travessia as pessoas que encontro me saúdam. Será que elas me reconhecem? Leram os meus livros? A primeira, não consigo distinguir bem, de longe parece uma cigana. O seu vestido é colorido, colado ao corpo, comprido. Será Carmen? Ao se deslocar tenho a impressão que ela não caminha, mas desliza. Ou melhor, ela dança em

minha direção. Não canso de admirar a leveza dos seus movimentos. A música de Bizet embala os nossos passos. Sim, agora estou a rodopiar com ela. O seu corpo sensual pulsa, vibra em meus braços, entre um acorde e outro. Ela sorri e aproxima a sua cabeça em direção ao meu ouvido. Tenho a impressão que ela tem algo a me dizer, a me sussurrar. Quando chego mais perto, ela solta um grito. Dou um salto para trás. Onde foi parar a cigana? Agora quem está na minha frente é Josefina. O som que ela emite tem o poder de paralisar a todos. Quem está próximo olha para o seu corpo frágil e não acredita no poder do seu grito. Por um breve instante, ela levou-os para longe das suas



preocupações, dos seus afazeres, quebrou as suas rotinas. Ela não teve tempo de me dizer nada. Estava com muita pressa. Tinha que correr. E, ao se afastar com tamanha pressa, não era mais Josefina quem corria, mas a Carla. Ela quer alcançar aquele colega que a insultou na feira de Ciências, antes que bata o sinal. Antes que todos entrem nas suas salas e mais uma aula comece. O que será que ela fará agora? Terá mais ácido para jogar nele? Mas, eis que o garoto é veloz. Corre muito. Tenta escapar das bolas que ela joga. E, mesmo ao ser perseguido, ele se vira para trás e continua a lhe xingar. A menina vai se enfurecendo, mais e mais. A raiva é tamanha que a cega. Ela não olha mais para onde anda. Sem notar, derruba uma criança. É um menino que cai sob os meus pés. Será que ele se machucou? Quando vou ajudá-lo a se

levantar, ele me diz oi. Sim, a criança me conhece. É Ernesto Fino. Ofereço-me para acompanhá-lo, levá-lo até a sua casa. Mas, a sua professora chega correndo, me cumprimenta e diz que vai levá-lo à escola. Depois de todos esses percalços, chego até a outra margem do rio, sinto uma vertigem.

Caminho próximo à via Pó, a procura de uma banca de frutas. Converso, animadamente, com o vendedor e os seus clientes. Aqui em Turim as uvas são mais doces e baratas do que em Veneza. E, as pessoas me reverenciam como um príncipe. Não sou de fato um príncipe? Por onde ando atraio o olhar curioso das mulheres, elas comentam os meus livros, admiram minhas idéias. Sem dúvida, sou a pessoa mais importante de todos os tempos. Minha mãe gostaria de saber que seu filho é extremamente célebre, claro que não na Alemanha, cujos habitantes são muito estúpidos e vulgares para a altura do meu espírito. Pretendo receber em meus aposentos o rei e a rainha da Itália. Mas, para isso preciso da colaboração do sr. Fino. O meu quarto necessita ser remodelado para essa ocasião. Colocar-lhe afrescos seria o mais apropriado, a fim de se pareça com um templo. Espero logo encontrá-lo para falar-lhe desse assunto.

Percorro a via Pó, desde a Piazza Carlo Alberto e depois à direita, seguindo o rio até o Parco Valentino. Ao longe escuto o estalar de um chicote. Não enxergo bem o que se passa de onde estou. Só percebo uma aglomeração de pessoas. Caminho até encontrar um cavalo sendo massacrado por não puxar uma carga muito superior ao seu peso. Cruelmente, o animal recebe as chibatadas do seu condutor.

Não sei por mais quanto tempo o pobre animal suportará tantos maus tratos. Só sei que eu não agüento mais presenciar esse espetáculo deplorável. Acabou. Tudo acabou aqui. Não mais escreverei uma linha sequer. Abraço-me ao cavalo. Caímos juntos. Não temo o que possa acontecer. Vou ao encontro do meu destino.

Repetição dos percursos

Ao sair de casa

Entre passos determinados, em meio a neblina, a cidade acorda. Janelas se abrem lentamente, carros deixam as suas garagens, o guarda noturno pega a sua bicicleta e vai embora, sem perceber que um cachorro o segue pela sarjeta. Envolta em uma névoa fina, rasteira e branca, percorro até o ponto do ônibus, exatamente, sete quadras. Todos os dias, exceto os sábados e os domingos. Não são oito, nem seis. Mas, sete. Nem mais, nem menos. Algarismo ímpar e primo, divisível somente por um e por si mesmo. Consagrado ao deus Osíris no Egito (símbolo da imortalidade), ao deus Apolo na Grécia (o número de cordas da sua lira), a Mitra, deus persa da luz (o número de estágios de iniciação nesse culto), a Buda (seus sete emblemas). Número considerado perfeito para o judaísmo, cristianismo e islamismo: relativo às cores, as notas musicais, aos planetas, aos dias da semana: segunda, terça, quarta, quinta... a seguir um pós outro, numa certa ordem. Um modo de me proteger do caos, do devir que tudo arrasta, à deposição de todas as permanências, ao rompimento das medidas, dos limites. Seqüência de dias, seqüência de quadras, seqüência de passos... até a parada. Um ponto fixo, uma espera estabelecida para corpos em trânsito, como o meu. Será que eles também, diariamente, percorrem o mesmo percurso? Será que eles, também, se vêm envolvidos numa seqüência repetida, infundável de gestos? Será que eles, também, se encontram presos a um movimento circular? Momentaneamente, sou obrigada a fazer uma pausa, necessária reterritorialização entre outros tantos corpos. E, o

pensamento? Ele não obedece a convenções, ele não aguarda, ele não é barrado por sinaleiras, ele escapa pelas ruas entre tantos carros e ônibus. Antecipa movimentos, pula o trajeto, percorre quilômetros num segundo, coloca-se, diretamente, em conexão com o que o está por vir...

Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, período do turno da manhã. Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, período do turno da tarde. Os professores e as suas reuniões de Série, de Área, de Departamento e as Gerais. Todos os dias, inverno ou verão, quer chova ou faça sol, às oito horas iniciam as aulas, às doze horas e dez minutos elas acabam. E se não conseguir ver, se não tiver o que dizer, se não souber o que está ocorrendo, pois as idéias mal esboçadas fogem, seja pelo esquecimento, por uma espécie de embaralhamento ou superposição? Novamente, estou envolvida por uma seqüência de pontos arbitrários, fixos, a ordenar tempos, espaços, posturas, gestos, sons... Antes de entrar nessa rede de incontáveis nós, chega o esperado ônibus. O corpo põe-se em movimento. Movimentos repetidos, automatizados, em busca de um lugar para sentar. A paisagem, rapidamente, se desloca pela janela. Um ponto fixo, tudo passa por



mim e retorna... Um eterno dobrar e desdobrar do insondável abismo divino, da eternidade. A mesma avenida, o mesmo corredor, o mesmo riacho, a mesma ponte, as mesmas árvores, os mesmos canteiros, o mesmo vendedor de jornais, a mesma grama crescida, até a carrocinha é a mesma... Parece que tudo isso já passou por mim, parece que já passei por tudo isso, parece que é sempre o mesmo dia, parece que tudo se repete... afinal, este é um novo dia ou uma reedição do dia anterior? Quando me dou conta, chego na escola... a mesma. É aqui, tenho que descer.



Ao despertar

Não, eu não desci da cama. De fato eu caí, enrolada em lençóis, tentando abafar aquele maldito despertador. Invenção torturante! Vai ver que foi criado por um professor – um obcecado por horário. Apesar da minha performance, da dor no traseiro, o infame não desliga, volta a tocar. Maldição! Saio correndo do banheiro, em direção ao criado mudo e lhe calo com um tapa. Antes que o tal acorde o meu irmãozinho. Daí sim, é bronca na certa. Ainda não aprendestes como o relógio funciona, menina? Será que tens que acordar toda a casa? Todos os dias, acordo morrendo de sono, me visto, tomo o meu café, pego os meus materiais e saio com pressa. Não, eu não consigo dormir cedo, apesar dos repetidos apelos da minha mãe. Às vezes, a rapidez é tanta, que esqueço de pingar o meu colírio. Os meus olhos ardem, amanhecem vermelhos, não sei se é sono, ou outra coisa. Então, coloco um colírio para aliviar essa sensação. Mas, nem sempre me lembro desse ritual. Quando o esqueço, é melhor cantar: quem não tem colírio usa óculos escuros. Não é o que diz uma velha canção, uma daquelas que a minha tia canta? Pois, é. Nem essa alternativa me resta. Os meus óculos de sol eu não consigo encontrar, será que os perdi? Com ou sem colírio, saio de casa em direção ao meu caminho.

Um trajeto que leva, mais ou menos, 20 minutos. Há dias em que esse tempo parece escorrer entre meus passos. O sol nascente me aquece, as buzinas me distraem, o vento que sacode os galhos das árvores é o mesmo que agita os meus cabelos. Suave som verde soa

como música em meus ouvidos a me transportar para o bosque. Por detrás do pátio da casa da minha tia se chegava até ele. Que maravilha, voltar a brincar nos balanços, na gangorra, no escorregador... se cansar de tanto correr, de tanto gritar, de tanto pular, de tanto se esconder, de tanto se perder entre as sombras daquelas enormes árvores... Agora, quando nos dias de chuva o meu pai resolve me levar, o tempo não passa. Assim como as suas perguntas. Ou melhor, um interrogatório: como fostes na prova de matemática? Não fostes bem? Mais uma vez? Como não me falastes nada? Ah! Falastes para a tua mãe. Por que não me mostrastes a avaliação? Estás em recuperação? Os resultados da escola ainda não saíram? Não te vejo estudar! Somente navegar na Internet. Quando é que vais começar a encarar a tua situação de frente? O que estás esperando? O tempo está passando minha filha! Em meio a tal bombardeio, não consigo explicar nada, nem sei por onde começar, me perco entre as respostas e o tempo congela.

De fato, têm vezes que esse corre-corre cansa. Para que tanta pressa, eu me pergunto? Sim, vocês sabem que eu sei a resposta. Para não chegar atrasada, para não ter que pegar uma autorização para entrar em aula, para não ter que me explicar. Só e por tudo isso. No entanto, perder-me pelo caminho, ao dobrar uma esquina, não será mais interessante do que chegar? Quanta coisa pode-se encontrar ao se perder? Cumprir horário, permanecer na sala de aula, carregar os materiais, manter as leituras e as tarefas em dia, estudar para as provas. Ah! Já vi esse filme! Tudo se repete, tudo recomeça, nada tem fim... Parece que na escola, em síntese, não se faz outra coisa além de

repetir: leituras, exercícios, correção dos exercícios, provas, mais leituras, correção das provas... O sinal toca, entra professor, sai professor, tudo tão rotineiro, sem graça, previsível....

Na escola

Desço em direção ao esperado. Ou será o esperado que me dirige? Horários, regras, ordens, rotinas... Não sei dizer. Desço em direção ao sabido. Dar aulas, corrigir trabalhos, planejar avaliações, fazer perguntas, responder perguntas... Desço em direção ao conhecido. O grupo de professores, as turmas de alunos, os funcionários... Só sei que ao me aproximar da escola, não sei explicar, algo em mim acontece... Meus passos se tornam mais decididos, minha cabeça fica ereta, respiro mais forte, os pelos se arrepiam, meu coração acelera... Sigo em frente. Mais alguns passos e entrarei em cena, a fim de representar um papel. Uma ponta de ansiedade surge, inevitável... Num segundo, volto no tempo, como se fosse uma principiante... Ah! Como eu transpirava, gesticulava, não sabia direito o que fazer com as mãos. Muito menos o que dizer com todos aqueles olhos sobre mim. Embora tenha passado por essa situação há muito tempo, algo na sua repetição não passou de todo. Insiste. Só sei que há algo no esperado que me faz retornar... Cruzo os dedos, a fim de que a minha expectativa se cumpra e não se cumpra, que todos os alunos estejam me esperando e não estejam. Faço uma aposta que as promessas feitas sejam realizadas e não se realizem, que todos tenham lido o texto sobre os pronomes oblíquos e não tenham. Torço que tudo volte a acontecer – as aulas, as explicações, os trabalhos, as perguntas e não volte, ao mesmo tempo... Que o inesperado se faça. Todos os dias, aguardo a produção dos movimentos da escola em sentidos opostos, simultaneamente. Uma simpatia pelos paradoxos.



Atravesso o saguão, caminho por entre alunos e suas mochilas, por entre pais que buscam informações junto aos funcionários, por entre os motoristas do transporte escolar, por entre colegas carregados de materiais, por entre o som do telefone que toca, como se dele fizesse parte. Todos os dias aqueles gestos, aquelas falas, aquelas cores, aquelas posturas, aqueles sons, compõem um espaço,



um território, uma cena. Cenas repetidas, guardam muita semelhança com um teatro. Um teatro clássico que visa representar a repetição a fim de atingir uma semelhança extrema ou equivalência perfeita? Ou um teatro dionisíaco e intempestivo produzido pelas velocidades, intensidades e afectos que subordinam as formas consagradas à deformidade do movimento?

Ao mesmo tempo em que ao cruzar o saguão participo desse espetáculo, meu pensamento se desloca. Parece que sai do meu corpo, como uma espécie de observador a me dizer que já vivi esse momento anteriormente. Paro em frente à porta da minha sala, tiro a chave do



bolso para abri-la, sem mesmo ter completado a volta na fechadura, já sei o que me aguarda. O prefixo latino re e o seu significado de repetição, de reforço. Tudo de novo? Sim, pois essa escola, permanentemente, ensaia. Exercita, muitas e muitas vezes, com seus professores e seus alunos uma série de atividades relacionadas às mais diversas áreas do conhecimento. Desde a leitura, a escrita e a interpretação de textos na Língua Portuguesa, até o canto *Oh Happy Day*, na Música.

Oh! Escola repetidora. Oh! Escola incessante. Oh! Escola circular. Repete o que não pode ser substituído. Uma vez que o seu modo de operar impede que se troque um aluno por outro, um professor por outro, uma aula por outra, um Conselho de Classe por outro, uma reunião por outra, um dia letivo por outro. Pois, professores e alunos não produzem apenas aulas, ensino, aprendizagem, em geral. Há uma singularidade dos elementos que compõem a escola e a sua relação. Apesar de externamente, todos afirmarem seguir as mesmas normas do regimento escolar, internamente, não há uma relação de semelhança ou equivalência entre o ensino dos professores, como entre o aprender dos alunos.

Ao abrir a porta da minha sala, ao largar minhas coisas sobre a mesa, ouço o telefone tocar. Sentimentos conflitantes tomam conta de mim. Uma disputa de forças se estabelece. Sinto-me dividida. Uma delas aprecia a previsibilidade do teatro antigo, aquele que busca representar a repetição a fim de atingir uma semelhança extrema ou equivalência perfeita. Mas, não será isto uma ficção? Ou o seu

movimento aparente? A outra força quer a repetição como uma renovação. Pois, ao repetir-se uma cena, será possível repetir a mesma coisa, será que se pode copiá-la, duplicá-la, ou produzi-la fielmente? Um movimento que se funda em relação ao que não pode ser substituído, a uma singularidade não trocável, insubstituível. Uma



repetição que está na origem de toda a renovação, como as estações primavera, verão, outono, inverno – que forma um ciclo que se repete a cada ano. Será que não se trata de uma repetição de dissimetria que se oculta nos efeitos simétricos, a repetição do outro sob a repetição do mesmo? Não sei, só posso dizer que oscilo, vibro, entre repetir e representar.

O telefone continua chamando sem que o tenha atendido. Depois de soar, insistentemente, retiro o fone do gancho. Avisam-me que a reunião de professores de hoje à tarde foi antecipada. Solicitam-me que divulgue o trabalho de campo planejado com os meus alunos aos demais colegas da série. Novamente, volto a pensar na produção do inesperado dentro do esperado, do surgimento do teatro novo dentro do teatro velho, no modo de funcionar dessa máquina. Em termos práticos, conseguirei terminar o planejamento do trabalho de campo dos alunos mais cedo?

De carona

Eis que o trajeto da minha casa até a escola que, normalmente, leva uns 20 minutos, hoje parece que levou o dobro o tempo. Apesar de tê-lo feito de carro. Não, não foi o meu pai quem me largou na escola. Como também, não houve engarrafamento algum. Ocorre que ao sair de casa com a pressa de sempre, em plena rua, ouço repetidas e curtas buzinas. Como o som parecia me seguir, me viro para trás e vejo a professora de História parar o seu carro e me oferecer uma carona. Tive um ímpeto de dizer não, mas antes de me dar por conta, já estava sentada ao seu lado. Apesar da vontade, não pude lhe negar essa gentileza.

Bem que eu queria ficar calada. Bem que eu queria cantarolar. Bem que eu queria me distrair com o corta e recorta das motos. E, por fim, bem que eu queria pular pela janela do carro. Mas, não teve jeito. Não havia como escapar. Tive de ouvi-la todo o tempo. Até o fim. Aquela mulher falou sem parar. Claro, o assunto não podia ser outro... as aulas de História. Parece que não existe nada além das suas aulas, não existe nada mais importante do que os Gregos, os Romanos, os Bárbaros... Meu Deus, como ela se repete. Como ela gosta de dar exemplos. Parece que está dando uma aula, na qual tenho que entender tudo direitinho. Na qual eu tenho que ter as respostas na ponta da língua. As mesmas que ela têm, claro. E, para lhe corresponder, só faço é balançar a cabeça.

Contou-me, mais de uma vez que, quais conteúdos vai trabalhar nesse trimestre. Assim como, o modo de ensiná-los: os seus textos devem ser lidos, resumidos e respondidos, sempre de uma aula para outra. Tudo de acordo como ela explicou, anteriormente, em aula. Aula, que segundo o comentário de amigas, ninguém fica quieto, ou presta atenção, depois dos 10 minutos iniciais, pois só ela fala. Queixou-se, não sei quantas vezes, da falta de estudo dos alunos. Comentou até, que não entende como eles passaram de ano, uma vez que demonstram saber tão pouco. Disse estar preocupada com alguns deles, que tem até perdido o sono – aqueles que não entregam trabalhos, que vão mal nas provas, que faltam aulas. E, além disso, que não a procuram para tirar alguma dúvida. Mas, de que jeito alguém pode alguém esclarecer algo, se ela não pára de falar? Agora, o seu grande enigma é decifrar o que se passa com uns poucos que ora estão em aula, ora não estão. Quando entregam os trabalhos vão bem, mas nem sempre isso acontece. Na maioria das vezes estão quietos, alheios, mas quando perguntados, respondem corretamente. Afinal, são ou não alunos dessa escola? Ela disse que não sabe muito bem o que fazer com eles. Nem normais ou anormais, a escapar de qualquer referência normativa – se alojam na extremidade, vivem na margem. Assunto que ela faz questão de encaminhar para a discussão na próxima reunião de professores.

Quando estava estacionando o carro, entre uma volta na direção e outra, lhe ocorreu perguntar pelo meu desempenho em História, neste ano. Finalmente, surge a oportunidade de eu dizer alguma coisa, mesmo que não tivesse nenhuma vontade de comentar

sobre os meus estudos. Mas, antes que abrisse a boca ela notou algo em meu rosto: nossa, como os teus olhos estão vermelhos! Fiquei meio sem graça com o comentário. Olhei-os pelo espelho retrovisor e lhe dei razão. É mesmo, de casa até aqui, eles não pararam de arder. Tratei de pegar meu material, rapidamente, e descer do carro. Antes, que ela tivesse tempo de fazer outro comentário. Quando botei o pé para fora da porta, vi a Aline chegar. Então, agradei a coroa, corri até Aline, gritando: – espera me espera!

Na sala de reuniões

A sala de reuniões fica no segundo pavimento. Próxima a ala administrativa. Muito em breve, a grande mesa retangular situada bem no centro do espaço, estará repleta de colegas, representantes das diversas áreas do conhecimento. Invariavelmente, eles ocupam os mesmos lugares. Na grande maioria das vezes, participam do mesmo modo. Os professores de Inglês ao lado da professora de Português, próximo do professor de Espanhol, de frente ao professor de Matemática, ao lado da professora de Ciências, distante dos professores de Educação Física. Um pouco depois, deve chegar a professora de Geografia, que leva algum tempo até encontrar um lugar. Geralmente, próximo ao professor de História, que senta ao lado da professora de Artes. Do andar inferior onde me situo, até lá, basta caminhar até o fim do corredor, subir dois lances de escada, seguir em linha reta por mais um corredor, passar por três portas e dobrar à direita. Refaço mentalmente o caminho. É só fechar os olhos e, facilmente, vou de um ponto ao outro. Sem desvios, ou interrupções. Conhecido trajeto, incontáveis vezes trilhado no decorrer das semanas. E a reunião? Qual rumo seguirá? O esperado? O de sempre? Seguirá uma linha reta entre a produção e o produto da escola, entre a aprendizagem e os aprendizes?

Mais uma reunião, uma reunião a mais entre muitas de mais um ano letivo. Reuniões que reproduzem o movimento circular do oroboro, aquele animal com o corpo flexível, a descrever um círculo



largo a volta do corpo e a abocanhar com os dentes a própria cauda. Hoje, por mais que caminhe em sua direção, parece que nunca chego. Não, eu não encontrei outro colega para conversar, tão pouco um aluno me chamou pelos corredores. Não parei por motivo algum. Nem para ir ao banheiro. Ando e ao andar é como se a sala se afastasse de mim. Ou serei eu quem dela se afasta? Ando e ao andar, o cansaço toma conta dos meus membros. Exaustão por caminhar, exaustão por chegar nos pontos arbitrários, exaustão por identificar, exaustão por ter que reconhecer tudo o que a escola produz. Que mesmice! A cada passo, é como se a sala ficasse mais longe. Minhas pernas fraquejam. Ao chegar, finalmente, no pavimento superior, cruzo pelas três portas que antecedem a sala de reuniões e não consigo encontrá-la. O que está havendo? Estou perdida? Errei o caminho? Por fim, paro em frente a uma porta com um grande cartaz, um aviso. Ele informa uma alteração dos horários das reuniões.

Ao colocar a mão na maçaneta, ouço vozes. Será essa a minha reunião? E, se não for? Devo entrar na sala? Entro e fico sem graça. Pois, não sei como explicar, a reunião começou. Vários colegas já se encontram sentados na disposição de sempre. Como posso ter me atrasado? Não, eu não me atrasei, ocorre que uma reunião nunca acaba. Uma reunião permanece de uma semana para outra. Os assuntos não são vencidos, eles ressoam, ecoam pelos corredores,

pelas salas, até em festas... mesmo com a troca de lugares os alunos da turma 61 seguem conversando..., um grupo de alunos da turma 62 foi visto circulando pelo pátio no horário de aula..., há vários alunos da turma 62 que não estão assistindo às aulas de laboratório... Ou melhor, uma reunião segue após outra, ininterruptamente, de forma que parece sempre a mesma. A sala é a mesma. A pauta é a mesma. Mudam os alunos? Ou, também, são sempre os mesmos? Embora não tenha sido explicitado, cada professor possui pressupostos sobre o que é



aprender, o que é uma aula ideal, um bom aluno, os quais regem as suas ações – neste trimestre os alunos vão realizar trabalhos de campo, escreverão relatórios, elaborarão pesquisas, farão trabalhos individuais, além das provas. Enquanto, para outro – como estamos estudando a Segunda Guerra Mundial, os alunos assistirão a documentários sobre esse episódio, além de elaborarem em grupo pesquisas a serem, posteriormente, apresentadas aos colegas. Por enquanto, não pretendo aplicar provas. Já, para um terceiro as provas são fundamentais, pretende aplicar várias no decorrer do trimestre, todas sem consulta.


Porém, as linhas da reunião começam a se misturar quando se trata de reconhecer e representar o que a escola produz. Pois, não é

nenhuma novidade, faz parte do funcionamento da escola não funcionar bem. A capacidade de representar pressupõe uma identidade num conceito, duas coisas são entendidas como idênticas somente se elas coincidem num conceito idêntico. O coordenador da reunião ia começar a ler os nomes dos alunos de cada turma, a fim de que cada professor falasse sobre o rendimento de cada um. De repente, antes do primeiro nome ser lido, ouve-se a porta da sala de reuniões abrir e fechar. Alguém entrou? Aparentemente, não. Como, também, ninguém foi visto circulando pelo corredor. Mas, um ar gelado invade a sala, apesar da janela estar fechada. Ao mesmo tempo, a luminosidade da peça fica prejudicada. Há mais alguém na sala? É difícil esconder o desconforto, o mal-estar, ninguém sabe muito bem o que pensar, nem o que dizer, daquele que pode estar em aula e não estar, aparece e desaparece, faz alguns trabalhos e não faz outros. Imiscui-se entre os demais, quer tornar-se imperceptível. Parece um aluno como os outros, mas não é. Furta-se aos padrões, aos modelos. Não se deixa representar. Como é possível não saber o que se passa com esse aluno? Há alguma patologia que justifique o seu comportamento ou não? Como pode algo não ser representado? A impossibilidade de saber do que se trata desconcerta. Um grande desconforto se instala... O frio e a escuridão aumentam. Como é possível não ter respostas na ponta da língua sobre tudo, suportar o silêncio do não saber, numa escola que se caracteriza pela sua produção?



No lugar do silêncio, no lugar do pensamento, para se restituir o encontro das faculdades, facilmente, pode-se traçar uma linha dura. Aquela que tentará reconhecê-lo, classificá-lo na categoria do desvio, da doença. O traçado desta linha pode dar origem a um carimbo, um rótulo. E o risco que se corre é o de colocar o rótulo no aluno, passar a não enxergá-lo nele mesmo, e sim de acordo com o nome que lhe foi dado. Será que isso tornará tudo mais fácil? Será que assim todos respirarão aliviados? Afinal, uma categoria foi encontrada para ele. A partir desse momento se saberá como trabalhar com esse aluno? Ou, tão logo ele for enquadrado, as queixas de sempre voltarão? Direcionadas para aqueles que não se deixam representar, confundem os sentidos, dificultam o reconhecimento?

Ainda com a visão prejudicada, envoltos pelo ar frio, vários integrantes da mesa querem falar, eles têm algo a dizer sobre o aluno-simulacro. Aqueles que disfarçam, desafiam os modelos produzidos pela escola, encerram uma dessemelhança interior. As linhas da reunião se enrolam mais um pouco... Ah! Ele aparece na tua aula? Na minha não. E, contigo? Ele entrega os trabalhos? É, comigo ele não



quer falar, só escrever. Assim não dá para entender nada, pois para mim é o oposto. De quem estamos falando? Do mesmo aluno ou de um outro? Comigo ele não escreve nem uma linha. Pede até que


escrevam para ele. Mas acompanha bem a aula. Além de adorar ler, devora o que cai nas suas mãos. Quando está disposto a participar faz boas perguntas. Não, comigo o maior problema são as faltas, pois ele sabe a matéria. Mas, faz tempo que não o vejo. Não tenho o que me queixar dele, pois na minha disciplina além dele ser presente, seus desenhos são muito criativos.

A semelhança que se busca não é de uma percepção sensível, mas de uma semelhança interna. Diz-se que dois alunos são semelhantes não quando existe entre eles uma similitude aparente ou exterior, senão quando existe uma identidade entre as suas relações internas. Nomeia-se um aluno na medida na medida em que se parece à Idéia de aluno. Mas, o que dizer daqueles que não possuem nenhuma relação intrínseca a um modelo ou fundamento? Desde muito tempo se quer acorrentá-los no fundo do mar, pois eles encerram uma



perversão, um desvio essencial. Em absoluto eles são umas cópias degradadas, pois são portadores de uma potência positiva ao negar tanto o modelo como a sua produção. Mas, não importa o tamanho ou o peso das correntes, eles sempre conseguem escapar, subir à superfície e aparecer em mais uma reunião de série.

E, se de tão confusos, de tão estarecidos, todos permanecerem calados? Olho em volta e não mais reconheço a sala, uma penumbra



vermelha envolve a todos, assim como cortinas pesadas e escuras cobrem as janelas. Não consigo mais distinguir nenhum rosto, somente uma voz. Trata-se de uma voz perturbada, ansiosa, tem algo a dizer. Será mais uma de suas aparições? O professor estava confuso, assombrado, com os sentidos embaralhados. Nesse momento, um outro colega levanta-se em direção a um candelabro para acender umas velas. Ele estava lá, tinha certeza que era ele. Apareceu no laboratório de Ciências, durante uma experiência comum, na semana passada. No fundo da sala, num lugar pouco iluminado... Sacudindo o seu corpo numa cadeira, com a sua mochila fechada no chão, para frente e para trás, alheio a tudo. Não, ele não copiou nada. Não que ele não soubesse escrever. Ele não queria escrever. Não queria deixar rastros. No entanto, era capaz de fazer o relato da experiência e de explicar aos colegas o que se passou em aula. Depois de um certo tempo, após ter dado algumas instruções no quadro, fui falar com o aluno. Mas, para a minha surpresa ele já não estava mais lá. Desapareceu, não sei dizer como, sem deixar nenhum trabalho, nenhum rastro.

Ao ouvir o relato sinto um calafrio percorrer a espinha. Sentimentos misturados se apoderam de mim, enquanto procuro por um lugar para sentar. Partilho com os colegas o desconforto de ser confundida. A angústia por não ter o que dizer. De não saber o que

fazer para me aproximar dele, quando todas as abordagens falharam. Entrevistas? Todas foram em vão. Como não assustá-lo? O que fazer para conhecê-lo? E, ao mesmo tempo, preservar o seu mistério? Pois, sou atraída pelos simulacro-fantasma. Pela potência que encerram ao se disfarçar em meio aos outros, de ser e não ser, de se encaixar e não se encaixar nos padrões estabelecidos. Potência de abalar o que é dito nas reuniões pedagógicas – as verdades sobre aprender, sobre as suas etapas, sobre a caracterização psicológica da sua faixa etária. Potência positiva ao negar tanto o modelo de aluno como a sua reprodução. Uma atração pelo que embaralha a visão, pelo impensado, pelo que provoca o pensar, pelo que desafia o sentido único, pelo que pede para ser visto nele mesmo.

Quando, finalmente, encontro um lugar para sentar, não reconheço os colegas. O que houve? Não entendo mais nada. Olho em volta e percebo que outra reunião já teve início. Onde foram os colegas? Saíram da sala? Sem que tivesse percebido. Sem ter me manifestado. A sala é a mesma, a pauta é a mesma, os alunos são outros. As linhas de mais uma reunião estão para serem traçadas. Como um show, a reunião não pode parar. Mas, o abrir e fechar da porta? E a brisa gelada? E a falta de luminosidade? Será que ele voltará a aparecer? Ele voltará a assombrar? Tanto melhor, mais uma oportunidade para provocar um estranhamento, um mal-estar... Mal posso esperar por mais um dos seus passeios pela escola, livre das correntes, entrando e saindo das salas, dos corredores, das reuniões... Uma nova oportunidade de quem sabe, pensá-los, independentemente, de padrões e modelos.

Até bater

Alice espera, quero te falar. Que bom te ver. Meus olhos? O que houve? Sei, lá. Estão ardendo de novo. Se não melhorar até amanhã, vou pedir para a minha marcar um horário com a oftalmologista. Vamos ver o que a médica vai descobrir. Vai ver que é uma doença antiga, uma alergia a aula. Ou, uma reação à carona que peguei com a professora de História. Meu Deus, como aquela mulher fala! Fiquei tonta. Ainda bem que te vi logo ao chegar. Foi a minha salvação. Só assim, pude descer rápido do carro. Mas onde é que tu vais com tanta pressa? Não vamos deixar primeiro as nossas mochilas na sala de aula? Ah! Nós vamos para o pátio, sentar nos bancos. Não? Vamos para os fundos da casa das máquinas? Ok! Meu Deus, então temos que apertar o passo, daqui a pouco vai bater. Mas, que cara é essa Alice? Estás chateada? O que houve? Não vais me contar? Nem para a tua melhor amiga? Ah! Não chora. Brigastes, de novo, com a tua mãe? Ela te proibiu de sair? Não. Pior. Vão cortar a tua mesada? Não. O quê? Discutistes pelo telefone com o Gui? Quando? Ontem à tarde? E ele não te ligou mais? E tu estas morrendo de vontade de falar com ele? Calma, boba ele vai te ligar, dá um gelo nele. Mas, qual foi o motivo da bronca? Não, eu não acredito. Só, por que ele não quer ir à festa da Paula? E, daí? Ah, ele não quer que tu vás também? Ah, nada a ver. Qual é a dele, ciúmes agora?

Não fica assim, amiga. Calma. Vem. Vamos embora, trata de secar o rosto e pegar o teu arquivo. Acho que ouvi o sinal. Sim, ele já



deve ter tocado, são 7h. e 50 minutos. Daqui até a sala de aula é um tanto longe. Será que vale a pena correr? Não, tu tens razão, já estamos atrasadas. Ah! De novo, não. Que saco! Isso não podia ocorrer. Não suporto dar explicações para aquela mulher. Parece que estou vendo o que ela vai dizer – atrasada de novo menina? O que houve? Não tens despertador em casa? Será que terei de mandar um bilhete para os teus pais? Parece que ela sente prazer em me repreender. Posso até ver aquele sorrisinho em seu rosto redondo. Droga! Jurei para mim mesma que isso não voltaria a acontecer. Mas, não tem jeito, temos de enfrentar a fera.

Cruzo a porta da escola, entro no saguão e é como se não existisse mais ninguém. Nem a Alice. Só tenho olhos, só enxergo o balcão onde são feitos os registros de atraso. Mas, não tem ninguém ali. Não acredito! Nem ela nem nenhum outro aluno. Por essa não esperava. Só vejo o segurança. Olho para o lado, disfarço, finjo que não o vi. Sigo reto. Alice faz o mesmo. Esta bem atrás de mim. Procuro nem respirar, não fazer o menor barulho. Caminhamos lado-a-lado pelo corredor. Até encontrar a quinta porta à esquerda. E agora? É hora de entrar em aula. Será que o professor vai deixar?

Em direção ao leste

Ao dobrar na próxima avenida, muita coisa passa. Passo por carros, ônibus, lotações, a formar longas filas, a se deslocarem ora rápida, ora lentamente, andam e depois param. Ao longo do trajeto alguns deles estacionam, enquanto outros seguem pela elevada. Sendo que uns, mais adiante, dobram à esquerda e desaparecem no túnel. Acompanho uma seqüência de movimentos repetidos, engatar a primeira, a segunda, a terceira marcha, frear... Acelerar e depois desacelerar, andar e depois parar, expandir e se contrair, como as batidas do órgão vital. Vibro ao circular pelas suas artérias, suas ruas, seus parques, suas elevadas. Um gosto por circular pelas suas esquinas agitadas e as esquecidas, pelos seus conhecidos lugares, pois a volta, por mais conhecida que seja, nunca é a mesma. A fuligem dos carros, o cheiro de verde dos parques, as buzinas dos engarrafamentos, o burburinho das ruas, misturam-se, compõem novos percursos, novas possibilidades de vida dentro do mesmo trajeto.

Passeio pelos seus espaços de encontro, de passagem, de trabalho, de lazer. Dou voltas e mais voltas em direção ao leste, onde o sol se levanta, traz a luz, o calor e o verde. A tranqüilidade das árvores me acompanha, subo morros, sigo trilhas, distraio-me com o sobrevôo dos pássaros de um galho a outro, com o cão que aparece e desaparece na mata farejando algo, até chegar a um conhecido lugar. O pátio e os bancos, o prédio central, o amplo saguão, as salas repletas de classes,

o quadro verde, os longos corredores com seus armários, as quadras de esporte, os banheiros, iguais a tantos outros e tão diferentes. Tudo tão conhecido e desconhecido ao mesmo tempo.

Ao me aproximar da entrada principal, ouço bater um sinal... De repente, vejo tudo se acelerar... os carros, enfileirados, disputam uma vaga em frente ao portão, um espaço seguro para que os alunos e suas mochilas desçam; a funcionária do balcão despacha, rapidamente, um professor que pede giz, enquanto solicita que a pessoa do outro lado do telefone aguarde; o segurança uniformizado apressa o passo em direção a entrada secundária; o motorista do transporte escolar corre com um aluno pela mão a fim de alcançar os colegas do menino; os alunos que circulam pelo corredor, entre conversas e risos, entram nas suas salas; os pais que aguardam a chegada da professora, despedem-se dos seus filhos e vão embora. E, assim, mais um turno de aulas tem início. Sempre igual e nunca o mesmo.

Aquele som forte e prolongado me atravessa. Não é a primeira vez que ele ecoa, nem será a última. Nesse intervalo muita coisa acontece... De repente, tudo se desacelera, no pátio distribuem-se quatro pavilhões de madeira pintada de verde. A servente do avental xadrez, circula pelo beiral do prédio principal, entra e sai da cozinha com uma grande bandeja de madeira. Alunos com uniformes nas cores branca e azul marinho chegam à pé e se espalham pelo terreno. Mães cruzam o portão trazendo seus filhos e filhas pelas mãos, aguardam no pátio até as crianças formarem fila. As professoras, tão

logo chegam, passam pela secretaria para assinar o ponto. A funcionária encaminha-se para a extremidade esquerda do balcão, alcança a sineta que dali a instantes sacudirá. Lugares diferentes, épocas diferentes, conectados por um gesto repetido... Um outro sinal, dentro do mesmo sinal... Vestígios do inesperado dentro do esperado, pois nunca se sabe, exatamente, o que irá resultar dos movimentos repetidos dos alunos que chegam a escola, dos professores que se dirigem para mais uma aula, dos pais que conduzem seus filhos e aguardam mais um dia letivo começar.

Percorro, rapidamente, as suas diversas salas, corredores, saguão, laboratórios, quadras e pátio, sem ser vista. Embora, há quem diga que já me viu de branco, entrando e saindo de reuniões quando, em mais um fim de tarde, ainda existem decisões a serem tomadas. Aquelas que devem ser pautadas pela razão – aprovação, reprovação, transferência de alunos. Mas, nem sempre fico por aqui, posso tomar outros rumos. Quem sabe o oeste, onde o sol se põe, direção do frio, da morte e das trevas? Ou o norte de onde provém os ventos furiosos? Ou o sul ligado ao fogo e a paixão? Pois há quem afirme ter visto uma mulher de branco dançando ao luar no convés do *Queen Mary*. De quem se trata? De mim? Não sei, isso não importa. Talvez, só tenhamos em comum a cor. O branco. A luz da rua se apaga quando mais um dia começa. A cidade, sonolenta, desperta com o ruído dos ônibus, dos carros que deixam as suas garagens, com a água que escorre pela mangueira e limpa a calçada, com o cão que late para uma carroça que passa, com o som do rádio de pilha do trabalhador, com o piar dos pássaros que mudam de galho em busca de abrigo. A

cidade e seus movimentos previsíveis, aparentemente, iguais, a produzir uma outra volta dentro da mesma volta. As pessoas saem de suas casas, transitam por vários lugares, a fim de ganhar mais um dia, mesmo sabendo que seja o que for que aconteça, irão perdê-lo. Andam com mais ou menos pressa, com mais ou menos determinação, com mais ou menos cansaço, por caminhos conhecidos e desconhecidos. Não importa. O que conta é repetição dos movimentos entre mais um ir e vir, o que conta é a produção de dissimetria dentro da simetria, o que conta é a mudança de rumos dentro do mesmo rumo... Antes de retornarem para suas casas, com mais um dia ganho e perdido, e as luzes voltarem a se acender.

Sigo uma trajetória cortada, não linear, pois uma vez na escola, ligo-me ao fluxo de saber que ela produz. Algo que não é posse de ninguém, nem se encontra em um único e específico lugar. Mas, que é inacabado, fendido. Pois, nunca se vê tudo o que se diz, nem nunca se diz tudo o que se vê. Mesmo assim, fico aflita com a ignorância, com o fato de não poder solucionar tudo o que ocorre, de não saber o que se passa no saguão. Não é por acaso que o símbolo dessa escola é a coruja. Gostaria de ter os poderes do animal de Atena, ser veloz e ágil, de enxergar até cem vezes mais do que os humanos e girar o pescoço em 180 graus. Misturo-me a vários alunos que descem a rampa correndo em direção a uma bola branca. Uma bola de tênis de mesa? Ouço um deles dizer que é uma das bolas que saiu do globo. Aquele utilizado para o sorteio dos candidatos a alunos da escola. Cada um deles quer alcançá-la primeiro. E, agora? Alguém a pegará? A bola se perderá? O sorteio será interrompido? Olho para o globo que

dá voltas e mais voltas... Não consigo definir nada, alunos e candidatos misturam-se, os que querem a vaga e os que não querem a vaga, os que gostarão da escola e os que não gostarão, os que terão condições de aqui permanecerem e os que não terão, um emaranhado de linhas se forma. Ao seguir os giros da circunferência de metal sinto uma vertigem... as linhas retas que conduziam a seleção dos candidatos não mais existem, o chão balança sob os meus pés, tonteio, sinto que vou cair.

Caminho alguns passos e agarro-me na maçaneta de uma porta entreaberta. Esta conduz a uma sala onde alguns professores estão definindo os critérios de quem entra ou não nessa escola. As linhas que ligam os candidatos às vagas não se embolam, o seu traçado é reto. Trata-se de uma reunião que define, previamente, os pré-requisitos que os candidatos devem possuir para ingressar. Além disso, os postulantes a uma vaga serão submetidos a exames, a eles cabe provar que possuem as mínimas condições de estudarem aqui. O candidato a ser escolhido deve refletir a imagem ideal de aluno definida pelos professores. De repente, alguém do lado de dentro da sala fecha a porta. Sinto um puxão, abro os olhos e nem sinal da reunião. Agarro-me ao corrimão da rampa. Sigo olhando para o globo que vai sendo retirado. Não entendo mais nada. Um aluno chega correndo e devolve a bola ao funcionário que a recoloca numa caixa de madeira. Aos poucos o globo se afasta. E o sorteio, acabou? Como os novos alunos irão ingressar? Qual tipo de seleção se fará? Não, não é nada disso, hoje não é o grande dia. Tudo não passou de um teste dos equipamentos.

Poderia ir embora, mas não consigo me afastar deste lugar... Onde as aulas têm início no mesmo horário, na mesma sala, com suas explicações, leituras, exercícios e avaliações. Com os mesmos professores e as suas correções, os mesmos alunos e os seus acertos, os seus erros, as suas dúvidas, a produzir mais aulas, novas explicações, mais exercícios e outras avaliações. Há algo nesta repetição que me faz retornar... O outro que se disfarça sob a capa do mesmo... Não consigo me afastar da repetição dos movimentos da escolar que visam representar uma forma. Uma forma de aprender, uma forma de responder corretamente aos exercícios, uma forma de participar das aulas, uma forma de corresponder ao que os professores esperam. Não consigo me afastar das linhas que rompem os contornos das formas... do grupo de alunos que conversa no fundo da sala, enquanto o professor vai iniciar mais uma aula, do aluno que balança o corpo numa cadeira, ao mesmo tempo, que seus colegas escrevem um relatório, do professor que corrige mais um exercício de Inglês, enquanto dois alunos trocam um bilhete.

No corredor

Deixo a minha sala em direção ao laboratório de Ciências. Uma vez mais cruzar o corredor para preparar mais uma aula. Abro a porta com cuidado. Lentamente. Antes de fechá-la e sair pelo corredor, olho para os dois lados. Não vejo ninguém circulando, além das funcionárias da limpeza. Entre uma vassourada e outra, recebo um aceno. Inclino a cabeça. Esboço um ligeiro sorriso em retribuição. Por enquanto, aparentemente, tudo está tranqüilo. Será um bom sinal? A calma, o silêncio, atíça meus nervos, um frio percorre a minha espinha. Algo se passa e não chega a perturbar o andamento geral da escola: as aulas continuam ocorrendo, as explicações são dadas, as perguntas respondidas, os exercícios realizados, os recreios aguardados, as avaliações marcadas. Dou mais alguns passos. Ouço o estrondo de uma porta que bate. Olho, rapidamente, para trás. De repente, parece que as cores das paredes, das portas, dos painéis estão mais vivas. Mas, não vejo ninguém, sigo sozinho. Será que foi o vento? O laboratório, tão próximo, se torna distante. Anseio por lá chegar, o mais breve possível. Devo preparar a sala para mais uma experiência, antes que o sinal do terceiro período bata e os alunos cheguem. No caminho espero não ser interrompido, chamado por ninguém. Mas, se ele aparecer e desaparecer, novamente? O que é que eu faço? Devo interpelá-lo? Fingir que não o vejo? Procurar por alguém da direção? Essas incertezas me consomem. Tento disfarçar, manter a cabeça ereta, mas meu pisar inseguro, tateante, me denuncia. Envolver-me pelas dúvidas, distraio-me, sigo além do laboratório, em

direção ao final do corredor. Lá chegando, dobro à esquerda, entro no banheiro e inclino a cabeça na pia para lavar o rosto. Quem sabe o meu devaneio não vai embora, escorrega pelo ralo como a água. Ao secar as minhas mãos, sou surpreendido, não sei vindo de onde, por um som conhecido. Será ele? Estará na sala ao lado? Ou na de cima? Aquele som repetido, insistente, trás o episódio de volta, rouba a minha paz. Era um dia como o hoje. Estava no laboratório com a turma em mais uma aula prática. Os alunos espalhavam-se pelas mesas hexagonais em cinco grupos. Em cada uma delas havia um tubo, uma pipeta, e duas substâncias químicas a serem misturadas. Inicialmente, dei as instruções gerais do experimento, sendo que ao final do trabalho, cada um deveria entregar o seu relato por escrito. Na medida que as explicações eram dadas, os alunos faziam uso dos seus materiais para fazer devidas anotações. Menos ele que mantinha a sua pasta fechada e, aparentemente, alheio a tudo, seguia embalando o seu corpo com a cadeira. E, agora? Deveria ignorar aquelas batidas do móvel no chão ou não? Depois de passar pelos outros grupos, de dar mais explicações, aproximei-me do seu grupo. Observei que os demais






colegas já haviam começado a escrever, menos ele. Perguntei-lhe o que estava havendo. Ele me disse que não havia nada de errado, apenas que não queria escrever. Ao mesmo tempo, ele era capaz de explicar, detalhadamente, aos colegas e a mim o que ocorreu no experimento. Naquele instante, era como se tivesse perdido a capacidade de reagir ao que se passava. Afinal, quem estava sentado naquela cadeira? Um aluno como os outros? Um outro aluno? Um falso aluno?

Os embalos sucessivos da cadeira, um corpo a se inclinar para frente e para trás.... De repente, surge uma vontade de escapar do tédio, do aborrecimento, do cansaço. Como se há muito tempo os corpos ocupassem aquele laboratório, como se não houvesse nenhuma novidade naquelas instruções, como se tudo já fosse visto, já fosse dito e já fosse sabido. Uma exaustão por não acreditar mais nesse mundo, onde tudo carrega a forma do que já estava presente, do pré-existente. Estranha sensação de paralisia... Uma vontade de não fazer nada, de deixar tudo como está. De não avançar, mas também de não recuar. Algo como a fórmula perturbadora de *Bartleby*, o escriturário criado por Melville, que ao ser solicitado a reler uma cópia que dois escreventes fizeram, respondeu ao seu chefe: preferia não, em inglês, *I would prefer not to*. Uma passividade paciente. Diferença maldita, assustadora, desafiadora, está atrás de toda coisa,

mas não há nada atrás dela. A diferença é que faz com que o fundo suba e dissolva a forma. A repetição é o que se disfarça ao se produzir e só produz ao se disfarçar, diferença sem conceito, não mediatizada. Diferença que não se submete à identidade, à oposição, à analogia e a semelhança. Uma má vontade, pois não se chega a saber o que todo o mundo sabe, que contraria o que se considera ser reconhecido por todo o mundo, que não pensa naturalmente, que não tem pressupostos, só repete, diferenciando-se.

Os embalos sucessivos da cadeira, um corpo que se inclina para frente e para trás, até cair... Uma vontade, súbita, de escorregar pelo chão e, lentamente, sair da sala, seguir pelo corredor, ganhar o pátio, o ar livre... Pode até parecer idiota, mas que seja ao modo russo. Como um homem do subsolo, que não se reconhece nos pressupostos subjetivos de um pensamento natural, nem nos pressupostos objetivos da cultura de seu tempo. Um quer não ser reconhecido, comparado aos demais, a quebrar os padrões de comportamento consideráveis aceitáveis pela escola, a expressar uma singularidade. A singularidade de ser capaz de aprender e não escrever, sem usar a mão, expressando



o que sabe somente pela fala. Um outro aprender, singular, que não quer deixar marcas, rastros, que não se deixa fixar, ambulante, nômade. Singularidade que faz pensar sobre o aprender. Um aprender outro, um outro aprender, não igual, não como o de sempre, nem de

acordo com modelos.

Termino de secar as minhas mãos e ouço o sinal. Bateu! O que estou fazendo aqui? Como pude me demorar tanto no banheiro? Tenho que ir depressa, pois muito em breve eles chegarão no laboratório.

Na sala de aula

O que houve com a lotação? Estou aqui há mais de 15 minutos e ela não passa. A parada já está cheia. E eu cheio de ficar em pé aqui a me abrigar do vento. Como tantos outros vindos dos mais diversos pontos do bairro à espera de se deslocarem. Ponto, espera, parada. Parada, ponto, espera. Espera, parada, ponto. Espera, ponto, parada. Brinco com a ordem das palavras para passar o tempo, repito os nomes de um e de outro jeito, como um mántra e nada. Começo a sentir o peso da minha pasta. Troco-a de mão. Olho para o relógio, novamente. Fixo os olhos na rua, na esperança de enxergar além dos carros, além do cruzamento, além do azulzinho, além do trânsito lento. De que adianta? Nem sinal dela. Abro a minha pasta para me distrair, para matar o tempo, para diminuir minha espera. Mais uma vez, tudo está ali o velho estojo de canetas, os exercícios corrigidos, o caderno de anotações, a gramática. Não, não esqueci de nada. Que lástima! Talvez, se tivesse esquecido os materiais em casa, alguma coisa pudesse mudar...

Por um momento fecho os olhos, já cansados de tanto fixar a visão. Não consigo relaxar, não consigo parar de pensar. Atrás de mim, ouço a palavra caos, vinda não sei de quem, a reclamar do trânsito. Volta à mente um lugar que era feito de calor, umidade, geada, zonas secretas e escuras. Algo que fazia parte do meu sonho da noite passada. Não sei bem que lugar era, mas estava em meio ao informe, a confusão, ao abismo nebuloso, o terrível caos. O caos

caotiza, é menos a falta de determinação do que a velocidade infinita com a qual as idéias se apagam. Meio de todos os meios. Meio de passagem. Onde as coisas não têm lei, nem geometria, dispostas em lugares tão diferentes, o que torna impossível encontrar um lugar de acolhimento, por sobre umas e outras, um nicho comum. Tratava de evitar a embaraçosa situação de não poder dizer nada sobre eles – os freqüentes, os pouco freqüentes, os ativos, os menos ativos, os rápidos, os lentos, os entusiasmados, os apáticos – ao permanecerem espalhados, sem um lugar comum. Corpos que inquietam, lugar de potências: ações e paixões em termos de profundidade. E, com relação à superfície, de acontecimentos, de vapores, de acontecimentos incorporais decorrentes daquelas misturas. Repetíveis, transformáveis, ligados a outros acontecimentos. Dos quais pouco se sabe: suas aproximações, seus afastamentos, os limites dos seus territórios, suas afinidades.

Ao caminhar por um longo corredor com portas dos dois lados, abria e fechava a pasta para me certificar que tudo estava ali, que não havia esquecido nada antes chegar à sala: o velho estojo de canetas, os exercícios corrigidos, o caderno de anotações, a gramática. Preparava-me para chegar a um fim. Para que os alunos atingissem os objetivos trimestrais, para que eles estudassem, para que eles obtivessem o conceito A. Previa um dia antes, queria antever o que poderia ocorrer amanhã, antecipar as prováveis conseqüências do meu detalhado plano. Atribuía muita importância a finalidade do que fazia, como também, da escola a qual fazia parte: estaria realmente falida, perdida no tempo, ainda presa na era medieval?

Preocupava-me com o antes, com o modo de atingir os objetivos da minha disciplina. Assim como me aborrecia ou me alegrava com o depois, dependendo dos resultados dos meus esforços. Era guiado pelos marcos estabelecidos, arbitrários da escola: os dias e os horários dos períodos, das reuniões de Série, de Área, de Departamento e Gerais, das datas comemorativas, das avaliações, dos Conselhos de Classe, da entrega dos conceitos ao setor pedagógico.

Preparava-me sempre, para um futuro, um amanhã, um depois. Por isso, aquele movimento repetido me proporcionava segurança – o estojo era mais do que um estojo, assim como o caderno laranja e a gramática. Com eles sentia-me forte, capaz. Eram como bússolas a me apontar o Norte, a direção onde o Sol nasce, luz em meio às trevas. Serviam como guias no espaço, uma proteção contra o caos. Estranho poder conferido aos materiais, como se através deles pudesse traçar coordenadas, saber qual direção seguir, o que dizer, o que fazer, quando o sinal tocasse. Desfilava de um ponto a outro pelo espaço estriado da escola, como uma grande rede, onde as linhas da trajetória se subordinavam aos nós do tecido que se ia compondo. Ao olhar de longe para essa rede, tinha a impressão dela ser regular, uniforme. Porém, vista de perto surgem os buracos, as falhas. Ou seja, por mais que aparente, esse percurso não é de todo estável e previsível. Tudo pode acontecer...

Ao trocar os passos, ao revisar meu material mais uma vez, me pergunto: será que já não vivi isso antes? Era como se estivesse preso a um ciclo; em que passado, presente e futuro eram a mesma coisa.

Aparentemente tudo igual, mas será a mesma coisa? Pode até parecer enfadonho repetir aulas, leituras, exercícios, trabalhos de campo, pesquisas, exercícios. Mas, há uma potência própria da repetição. Não se trata de reproduzir uma aula e os seus diferentes momentos uma, duas, ou três vezes. Porém, de elevar cada vez a sua enésima potência. Repetia gestos, posições, falas, pausas, como num teatro que visa a semelhança exata, a equivalência perfeita. Será que nesse teatro tudo pode ser representado? Representação que trata de manter uma igualdade entre um conceito e um objeto. De modo que tudo o que a escola produz passa a ser rotulado, carimbado.

Como as idas e vindas da lotação, com as suas voltas, é preciso que esse teatro se repita incessantemente, a fim de diferenciar-se de si mesmo e produza o novo. Uma vez que sem repetição não existe diferença. Pois, ao repetir-se uma cena, não se repete a mesma coisa, já que não se pode copiá-la, nem duplicá-la, nem produzi-la fielmente. Assim como ao repetir-se uma volta com a lotação, apesar do percurso ser o mesmo, nunca se trata da mesma volta. Um movimento que se funda em relação ao que não pode ser substituído, a uma singularidade não trocável, insubstituível. A sua repetição trata de afirmar algo naqueles corpos que é singular, insubstituível, diferente – sem identidade. Uma repetição sem modelos prévios, não visa reproduzir o mesmo ou o semelhante, ao contrário, é a repetição que produz o único “mesmo” naquilo que difere. A verdade das cenas está na máscara, no disfarce, na dissimulação, pois a repetição não se oculta em algo, mas se produz no disfarce.

De modo algum é uma falsa imitação, mas um teatro dionisíaco e intempestivo produzido pelas velocidades, intensidades e afetos que subordinam a forma consagrada dos corpos à deformidade do movimento. Repetição que forma e deforma os corpos produzindo um desmoronamento do espaço representativo. Um teatro que busca fazer da repetição de cenas daquela máquina algo novo, uma prova seletiva, ligada à vontade e à liberdade. Há uma potência que se afirma contra a lei da generalidade. A repetição expressa a singularidade contra o geral, um relevante contra o ordinário, uma universalidade contra uma particularidade. Nesse sentido, repetir é transgredir. Um teatro que, também, contrapõe a repetição à lei moral, coloca o pensamento para além do bem e do mal. Por isso, repetir é da ordem do pensamento do futuro. Tudo é potência. Quer seja o que se queira naquela máquina, trata-se de elevá-lo à enésima potência, de extrair sua forma superior através da operação seletiva do pensamento.

Ao me aproximar da sala de aula, ouço a sirene, novamente. E, agora o que vai se passar? A campainha avisa que o esperado vai ter início. O espetáculo vai começar. Ou será que já começou? Ao mesmo tempo o inesperado se produz. O não visto e o já visto passam a significar a mesma coisa. Uma vez após outra, por mais semelhante que pareça, jamais se trata da mesma aula. A repetição mecânica dos gestos como pegar o meu casaco, a minha pasta, a caixa de giz, abrir e fechar a porta, encobre algo mais profundo. Uma grande incógnita se impõe. O coração dispara, os pêlos se arrepiam, um nó tranca a garganta. O pátio, o amplo saguão, os longos corredores, as salas, as quadras de esporte, o bar, a biblioteca, os alunos, os pais, a pasta de

couro marrom, a gramática, os funcionários são os mesmos. Porém, como nenhum dia é igual ao outro, nunca se sabe o que a escola vai produzir... O que irá resultar do funcionamento das suas engrenagens?

Entro na sala de aula. Alguns olhares se voltam para mim. Outros, parecem fazer questão de me ignorar. Como sempre. Com muito ruído, os alunos começam a se dirigir para os seus lugares. Cruzo a sala em linha reta até o seu lado oposto, para colocar a minha pasta sobre a mesa. Olho o relógio. Mais uma vez está na hora de começar, de fechar a porta, de solicitar silêncio, de falar com o grupo, de ser ouvido, de fazer a chamada. Repetidos movimentos a me levar de um ponto a outro, a formar uma linha reta. Dirijo-me até a porta, estico o braço para fechá-la. Empurro-a e sinto uma pressão no sentido oposto. Paro de fazer força. Haverá alguém atrás dela? Um aluno atrasado? Ouço risos. Serão um ou dois alunos? Quando o corpo se inclina para o lado, a fim de ser visto, um raio vermelho acerta bem os seus olhos. Imediatamente, a aluna os fecha, esfrega-os com a mão esquerda. Desequilibra-se e encosta-se na colega de pé ao seu lado. Logo a seguir, ela volta a abrir os olhos e percebo que eles estão bem vermelhos. O que houve? Não sei explicar... Não posso mais enquadrar, classificar, acomodar, o que vejo. Algo rompe o planejamento, o previsto, o esperado, a dissimetria se repete. O que eu faço? Não sei, não sei como agir. Fui atacado pelo mundo para pensar. Saio dos modelos, das respostas prontas, das receitas. A linha reta que se estendia de um ponto ao outro se rompe. Bem próximo, perto mesmo daqueles olhos é como se o seu fundo branco e a sua íris desaparecessem. Água e terra se misturam. Surge um vermelho

cruzado, um emaranhado de pequenos vasos que se conectam e se sobrepõem. Uma rede de fios vermelhos, rede vital, da paixão. Nelas me perco, não sei aonde vou... Sem que me dê conta sigo a luz do corpo. Envolve-me num emaranhado de linhas. Uma trama que Palas Atena tece com o vermelho do sangue, da vida. Sangue que nas batalhas em defesa das cidades verte sobre a terra. Terra ocre, vermelha a se espalhar sobre os mortos. Onde todos os estratos se ligam e se sobrepõem. Meio vital. Cabe à deusa grega com o escudo, o broquel e o raio de Zeus pai proteger. Impedir que a cidade sucumba. Atena é conhecida, também, pelos seus “olhos cinzentos”, ou “cintilantes”, olhos que são a luz do corpo, suas lâmpadas.

Ouçõ a aluna pedir para ir ao banheiro, pois seus olhos ardem. Não sei o que lhe responder. Mas, antes que eu possa lhe dar uma resposta, uma buzina soa forte. De repente, abro os meus olhos. Eis que a minha visão é tomada pelo vermelho da lotação. Não estou mais na escola. Finalmente, o meu transporte chegou. E pára bem na minha frente. Subo, com pressa, os seus degraus, pois não quero me atrasar para mais uma aula.

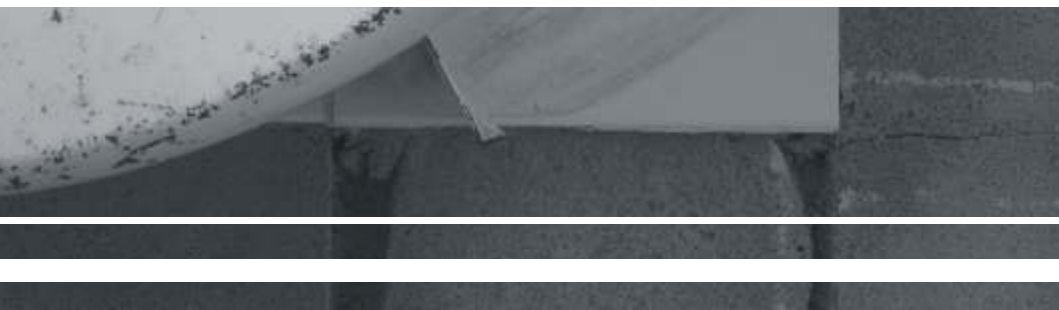
No banheiro

Ai, como os meus olhos ardem. De tanto esfregá-los, não tenho idéia por onde estou andando. Tropecei em algo, o que será? Não sei. Felizmente, o professor me deixou ir até o banheiro. O percurso é curto, é só seguir reto e no final do corredor, dobrar à direita. É perto, mas agora parece distante. Tão logo entro no local, procuro pelo espelho. É, os meus olhos estão com a cor de sangue. Não sei por que isso incomoda tanto. E se eles estivessem verdes? Ah! Que divertido. Ninguém saberia o que pensar. E, agora? O que é que eu vou dizer para aquela mulher? Sim, infelizmente, vou ter que falar com ela. Hoje consegui entrar em aula, não perder mais um período, não ganhar mais uma falta, mas de enfrentá-la será que posso escapar?

Abro a torneira da pia. Com a água corrente lavo minhas mãos, em seguida o meu rosto. Volto a me olhar no espelho e está a mesma coisa. Aquele vermelho não desapareceu. Parece até ter se espalhado. Saio do banheiro. Refaço o caminho de volta até à minha sala, caminho pelo corredor, sem perceber as outras salas de aula, sem notar o que se passa ao meu redor. Cada passo trocado me aproxima, não somente da aula, mas do que se passou comigo hoje pela manhã...

O despertador não tocou, como sempre, as 6h30min. Acordo com um pulo, assustada: sonhei que tinha me atrasado para a aula. Atiro as cobertas para o lado, saio da cama, rapidamente e entro no banheiro. Lavo o rosto com água fria, mas não conseguia parar de

bocejar, estava difícil livrar-me do sono. Então, ao abrir a porta do armário sob a pia, tive a idéia de pingar algumas gotas de colírio para ver se acordava de vez. Pego o frasco na mão, tiro a tampa, inclino a cabeça para trás e coloco uma gota em cada olho. Passado nem um minuto, começo a gritar, a esfregar fortemente os olhos, tal era a ardência. Parecia que meus olhos queimavam. Lavei-os com muita água, mas eles continuavam lacrimejando. Quando tive condições de ler, vi o que tinha feito. Não era um colírio que havia usado, mas um perfume que estava num frasco muito semelhante ao do colírio. E,



apressada, visto-me, tomo o café da manhã, saio para a escola. Porém, mesmo correndo, chego atrasada para a primeira aula. Abri, repentinamente, a porta da sua sala de aula e o professor faz cara de espanto.

Sigo caminhando, mais alguns passos e...

Será que ouvi o relógio tocar? São 6h30min horas? Não sei, acho que não ouvi. Acordo sem pressa, e lembro do sonho que tive: havia chegado atrasada em aula. Porém, a lembrança do sonho não me

perturba. Atiro as cobertas para o lado, saio da cama, calmamente, e entro no banheiro. Quando estava lavando o rosto, ao piscar sinto um desconforto: eis que um cílio entrou no meu olho esquerdo. De várias maneiras, tento tirá-lo: assopro o olho, puxo a pálpebra, giro-o de um lado para outro. Tudo em vão. Ao piscar novamente, percebo que ele ainda esta lá. Então, abro a porta do armário sob a pia, à procura de um colírio. Tiro a tampa do frasco, coloco-a sob a pia, inclino a cabeça e pingo duas gotas naquele olho. Sinto um alívio, ao conseguir me livrar do incômodo. Visto-me, tomo o café da manhã, sigo para a escola. Apesar do contratempo no banheiro, entro na sala de aula, antes de iniciar a aula de Português.

Chego mais perto, dou mais um passo e...

Não sei como, mas havia acordado antes do relógio tocar. Tão logo abro os olhos, tento lembrar-me do sonho que tive. Por alguns segundos, faço um esforço para evocar alguma imagem, qualquer lembrança. Porém, não consigo. Atiro as cobertas para o lado, saio da cama e tropeço num carrinho de controle remoto que meu irmão deixara no chão. Acabo cortando o dedão do pé. Entro no banheiro, lavo o rosto e abro a porta do armário, sob a pia, para alcançar o estojo dos primeiros socorros. Sento-me no vaso e faço um curativo. Coloco minhas roupas, mas não tomo o meu café da manhã: sigo para a escola. Quando estava caminhando no corredor em direção a sala de aula, chega um colega correndo e tropeça no seu pé. Ao me encostar





na parede do corredor choro, sinto dor. Quando me recupero, vou mancando até a sala de aula. Devagar, caminho até uma classe e me sento, um pouco antes da chegada do professor.

Não, ainda não cheguei, falta pouco, um passo a mais e...

O relógio tocou, como sempre, às 6:30 horas. Embora tenha despertado logo, tive a impressão que meus olhos custaram a abrir. Atiro as cobertas para o lado, saio da cama, repentinamente e entro no banheiro. Lavo o rosto com água fria, enquanto esfrego os olhos, sinto uma ardência. Principalmente, no esquerdo. Então, levanto a cabeça a fim de me enxergar no espelho. Noto que as minhas pálpebras inferiores estão, levemente, inchadas. Não dou muita atenção ao fato, pois não quero chegar atrasada ao primeiro período de aula. Coloco minha roupa, tomo meu café da manhã e sigo para a escola. No

caminho, por umas três vezes, coço o olho esquerdo. Quando estava próxima da sua sala de aula, uma colega que cruzava o corredor, olha para mim e se espanta com o vermelho dos meus olhos. Antes de chegar na sala de aula, vou com ela ao banheiro. Ficamos conversando por algum tempo. Sem ao menos dar tchau à minha colega, saio correndo, apressada, esfregando os olhos e abro, repentinamente, a porta da sala de aula.

Abro a porta da sala de aula. O início do dia volta, mas embaralhado. Retorna aos poucos, com os meus passos. Misturado a outras manhãs, a outros despertar. Um só e único dia ou uma sucessão deles? Quem sabe? Ou será que tudo o que se passou não consiste num jogo, num jogo das possibilidades de acordar?

Das bolas

Depois de muitas voltas, escorrego. Bato no canto da mesa. Caio no chão. E, agora, aonde vou? Desço em direção a uma rampa, mais e mais, por entre pés curiosos, esperançosos, atentos, descrentes, ansiosos, cansados, confiantes, distraídos. Desde muito cedo eles vão chegando. Alguns, de muito longe, atravessaram a cidade para lá estar. Outros não, moram perto. Enquanto uns estacionam e saem dos seus carros, um grupo desce de um ônibus na parada mais próxima, outros se despedem de suas caronas e há, ainda, os que surgem a pé. São mães, pais, irmãos, padrinhos, tios, primos, avós e amigos. Aos poucos, eles vão entrando, praticamente sem fazer perguntas, mas com grande curiosidade, cheios de expectativa nos olhos. De algum modo, mais à direita ou à esquerda da porta principal, encostados na parede do saguão, ou até mesmo, sob o vão da rampa, eles aguardam. Os mais ansiosos se agitam, enquanto outros permanecem onde estão. A espera pode durar horas. Formam um universo: são pessoas das



mais variadas idades, cores, raças, religiões, profissões, bairros e nível sócio-econômico a partilhar um mesmo objetivo.

Parei de descer. Por enquanto, rolo no plano, pois até então, minha falta não foi notada. Ninguém veio atrás de mim. Não sei onde

nem quando vou parar... Talvez, até no bolso de alguém, numa sala de aula, ou, num canto qualquer.... Só sei que a cada ano eles voltam. A cada ano isso se repete. A cada isso é produzido. A cada ano dou voltas e mais voltas sem saber se sairei ou não do globo. Não se trata de uma metáfora. A cada ano uma grande aposta se renova – ensinar os novos alunos, atender as suas expectativas, contar com o apoio das suas famílias... Em meio ao meu errante percurso muita coisa passa... Arrastado por fluxos, a cada giro do globo. Pela vontade de conseguir uma vaga, de não pagar por um ensino de qualidade, de que essa escola abra as portas do futuro, de alcançar uma formação superior, de ter sucesso na carreira.

O espetáculo é o mesmo, mas é sempre outro, uma repetição que salva da repetição. Alguém será capaz de dizer, previamente, depois de tantos giros, qual número será lido? Qual bolinha sairá daquele globo? A ocupar um espaço central no saguão do andar superior. Juntamente com um quadro verde, um microfone, caixas de som e alto-falantes. Em meio a tanta gente, algumas centenas de pessoas, misturo-me com as vozes, os rostos, os gestos, os olhares, as cores das pessoas. Não é possível distinguir nada nem ninguém. Ao girar das bolas no globo, abre-se um espaço que não é o da forma, das medidas extensivas, porém do informe e da intensidade. Uma fenda no tempo se faz, Cronos cede lugar a Aion. O tempo é liberado do presente, da ação dos corpos, das medidas, do círculo. E passo a seguir uma linha reta sem antes nem depois, pulsante, a flutuar. De repente,



envolvo-me num jogo, não usual, mas ideal: não há regras categóricas anteriores, nem hipóteses que dividem o acaso entre a perda ou o ganho e que servem para organizar a pluralidade das jogadas. No qual o conjunto dos lances afirma todo o acaso. Os giros e voltas das bolas no globo são como um princípio afirmador do caos. Um jogo muito movimentado, sem normas, vencedores ou vencidos. Agora todos estão satisfeitos. Tanto aqueles que não querem ser sorteados, como os que querem ser chamados. E, desse modo, não mais existe aquele que ao ser escolhido fica triste, pois não quer mudar de escola, deixar sua turma de colegas, são os seus pais que o escreveram no sorteio. Ou, a expressão de desapontamento do outro que não foi contemplado e vê frustrada a esperança de pertencer a uma instituição de qualidade. Assim como, aquela que pula de alegria e abraça a melhor amiga, pois conseguiu uma vaga na sua turma.

O ar exala uma grande expectativa, flutuo com a linha que se forma, com as possibilidades de pertencer. Pois, ao contrário daquele jogo que se passa no pensamento esse é real, possui regras e resultará em vencedores e vencidos. Dentre os 600 inscritos uma minoria fará parte da escola, enquanto a maioria irá embora. As bolas se agitam, rolam, giram, param e a cada rodada, um novo fluxo se estabelece. As pessoas acompanham, atentamente, a leitura dos números e o seu

registro no quadro. A cena tem um toque de surrealismo, de inacreditável, de impossível. Nela tudo é mistura, os sentimentos irrompem, se cruzam. Ouvem-se gritos, risadas, aplausos e choros, à medida que um número e mais outro, são lidos. Abraços, beijos e pulos mesclam-se às expressões de tristeza, incredulidade e desapontamento daqueles que não foram chamados.



A cada interrupção do movimento caótico das bolinhas no globo, mais um número é lido, um novo aluno, uma vaga a menos. A cada novo giro, algo incorporal se passa na superfície dos corpos, um extra-ser que os envolve, uma ação que se passa além dos movimentos dos corpos, na sua borda, como também num tempo-borda que reúne o passado e o futuro, e se furta ao presente de um estado de coisas. Uma transformação que se refere aos corpos, mas ela mesma é incorporal: a partir do instante que a pequena bola sai do globo e o seu número é lido, ela deixa de pertencer ao universo dos candidatos e se transforma num aluno, estudante dessa escola, adquire uma nova identidade.

O movimento errante das bolinhas, o seu vai e vem, produz uma indefinição, um indiscernível, uma bruma se forma com o

choque dos corpos que se cortam, se penetram. Não é possível separar aluno de candidato, os que moram em Porto Alegre e os que moram em Viamão, os que têm pais analfabetos, os que têm pais com curso superior, os que freqüentaram a pré-escola, os que não freqüentaram a pré-escola, os que possuem bom rendimento escolar, dos que não possuem bom rendimento escolar, os que gostam da escola, os que não gostam da escola. Tudo isso produz uma névoa que não consiste num estado de coisas (os sorteados e os não sorteados), mas nele se atualiza, nos corpos, no que se passa. Sempre existe um lado sombrio e secreto, que não deixa de se furtrar ou se acrescentar à sua atualização: contrariamente ao momento em que as pequenas bolas param de rodar e uma delas é retirada, a ação de sortear não começa nem acaba: quando é que se deixa de ser candidato? Qual é o momento em se começa a ser aluno? Interminável, ele não acaba nem começa, não finda nem acontece, o movimento é infinito.

Algo, naquele instante, foge à sua própria atualização. Um entre-tempo que não é eterno, é devir. Os intervalos das ações comunicam-se numa zona de indiscernibilidade, de indecibilidade. Uma mistura de elementos heterogêneos, todos simultâneos, cada um num entre-tempo a se comunicar. Algo se passa entre o momento do

início do sorteio e o seu término... A fissura torna-se a primeira, não sigo uma cadeia de ações, mas dela fujo: no alto da mesa, dentro do globo, as pequenas bolas giram, dão voltas e mais voltas, sem cessar... Ao fundo, uma grande platéia atenta mantém a visão fixa no movimento errante das bolinhas. Olhos que tentam adivinhar o futuro, o que vai acontecer: meu filho ficará com uma vaga? Será que irá gostar dessa escola? Conseguirá acompanhar a exigência dos professores? Sairá daqui preparado para enfrentar um vestibular? Que tipo de aluno entrará? Os que possuem facilidade para aprender? Os que possuem dificuldade? Aqueles que a família participa da vida escolar? Aqueles que não dispõem do auxílio dos pais na sua vida escolar? Alunos provenientes de escolas públicas? Alunos provenientes de escolas particulares? Alunos com um nível sócio-econômico baixo? Alunos com um nível sócio-econômico alto? Os olhos são a luz do corpo, suas lâmpadas. É um órgão divino associado à divindade. A capacidade da vidência é a eles atribuída, sendo que os israelitas chamavam de “videntes” os seus antigos profetas. Para os humanistas um único olho representa Deus, assim como Zeus e Shiva possuíam três. Estão relacionados com a visão espiritual, a sabedoria e a onisciência.

Enquanto isso, o globo segue girando, as bolinhas continuam se batendo, se misturando e uma bruma, uma névoa se forma. Entro num outro tempo, um outro espaço... Um lugar onde não há mais sorteio. Ao parar o movimento do globo, apenas uma bola deveria ser sorteada. Um aluno a mais, uma vaga a menos. Mas, ninguém sabe bem o que aconteceu, quando o movimento circular cessou, ao invés



de sair um só número, todos os restantes escaparam. As bolas não paravam de saltar e rolar por todos os cantos. O caos tomou conta da cena. Num primeiro momento, atônitos, os que estavam mais próximos se abaixaram para apanhá-las. Mas, a tarefa não era nada fácil. Rapidamente, algumas rolaram pela rampa. Num ambiente tão cheio, não havia como correr atrás delas. Em poucos segundos elas se espalharam por entre pais, mães, filhos, avós, padrinhos, tios, professores e funcionários. Não havia mais ninguém parado, nem calado. O inusitado da situação quebrou a formalidade do momento. Lá pelas tantas, as pessoas começaram a se apresentar. As curiosidades dos filhos e dos pais com relação à escola, estavam sendo saciadas. Houve um professor que falou sobre o sistema de ensino. Enquanto outra explicou o que era uma escola laboratório. Já, um terceiro forneceu várias informações sobre os projetos de ensino. Sem esquecer uma outra que discorreu sobre os horários das diferentes séries. As dúvidas dos professores em relação aos candidatos também foram diminuindo. Muitos deles disseram de qual escola provinham, onde e com quem moravam, como pretendiam chegar na escola, se faziam alguma atividade extra-classe e por que queriam ali estudar.

A partir desse momento, selecionar alunos deixou de ser um problema. Muitas famílias que não sabiam o que era uma escola laboratório foram embora. Entenderam que esse não era o ensino que esperavam para o seu filho. Sem falar naqueles que estavam ali obrigados pela família. Tiveram uma oportunidade de conversarem com seus pais sobre esse assunto e de adiarem a troca de escola. E, assim, permaneceram ali aqueles que ao entenderem a proposta da

escola, decidiram que esta era a mais adequada ao seu filho. Ou os candidatos que ao conhecerem os professores, ficaram entusiasmados com o seu trabalho e resolveram nela ingressar.

Com o sorteio nada passa, porém tudo muda. E, assim, nessa escola, a cada ano, novas turmas vão se compondo. Uma mescla, uma matéria informe, bruta, molecular que se relaciona com forças do cosmos. Arte do acaso, do lance de dados, da mistura. É a mesma modalidade de seleção que se repete, há muito tempo, mas o sorteio é sempre único. Produção de singularidade. Uma grande novidade. De algum modo, as características atribuídas a Atena: inteligência, razão e equilíbrio passam a ser buscadas naqueles alunos. Como se a deusa lhes brindasse com os seus atributos. Uma trama, um trançado, um tecido vai se compondo, sempre igual e nunca o mesmo. A cada interrupção dos giros do globo, a cada nova rodada, a cada novo sorteio, a cada novo ano. Um grande desarranjo produzido por essa escola logo irá, novamente, ser introduzido na produção.

No sexto período

Retorno ao labirinto, mais uma vez. Onde tudo recomeça, sempre, no mesmo local, na mesma hora, a cada novo dia. Uma vez mais percorrer os seus muitos caminhos. Novamente, refazer o movimento circular? Aquele que conduz ao primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, períodos do turno da manhã. Ao primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, períodos do turno da tarde. De segunda à sexta-feira. Talvez sim, talvez não. Ou, quem sabe, os dois? Sim e não. Ao mesmo tempo. Pois, ninguém sabe muito bem o que pode acontecer ao percorrer os seus caminhos. Ao contrário de Teseu, não recebo auxílio de Ariadne, não sigo nenhum fio de seda. Não se trata do labirinto construído por Dédalo para encerrar o Minotauro. Nem os jovens que aqui se encontram esperam ser devorados por um monstro.

Na verdade, professores e alunos são guiados por uma linha que vai de um ponto a outro: do jardim nível B para a primeira série do Ensino Fundamental, de uma experiência de Ciências para um filme de História, dos conteúdos do primeiro trimestre de Português para os do segundo. O espaço vai sendo estriado, repartido como uma grade, onde as diversas áreas do conhecimento se encontram representadas. É necessário que cada disciplina crie um meio, a fim de afastar as forças do caos, fixe um ponto como centro. Além da demarcação do território, através de suas particularidades, o tempo é também por elas fracionado: quatro períodos para Português, mais quatro para

Matemática, outros três para História, sem esquecer os três de Geografia, e assim por diante. O espaço é ocupado de ponto a ponto, de acordo com os movimentos que nele se produzem.

Pode parecer que essa trama é composta somente por uma sucessão de normas, horários, rotinas e regularidades. Uma grande e eterna mesmice se instala. Como se fosse um teatro da repetição, onde se repete para alcançar a semelhança ou equivalência perfeita entre a produção e o produto dessa máquina. Então, ao caminhar pelo labirinto, vêm-se apenas coisas, estados, um mundo estático. Cria-se um ponto de vista para ser reproduzido. Dá-se uma forma ao que essa escola produz. Regida pelo intelecto. Apartada de tudo que não possa ser conhecido, identificado, denominado. As ações produzidas nessa escola devem se pautar pela racionalidade e o equilíbrio, uma vez que dela flui uma força que provém de Atena, deusa que nasce da cabeça de Zeus. Cabeça, a parte mais elevada do corpo, integra a esfera do mundo superior, relaciona-se com o céu, com a transcendência, com modelos.

Eis que aquela linha reta me conduz para mais um período de aula. O sexto do dia. Depois do intervalo do almoço, parece que o calor aumenta, tudo fica ainda mais pesado. Os alunos aguardam estirados no corredor, com suas mochilas e garrafas de água. Está quase na hora deles entrarem na sala. Lá, os ventiladores estão funcionando a pleno e o ar pouco refresca. A porta se abre, paulatinamente, as classes vão sendo ocupadas. Ninguém se apressa. Apesar da temperatura elevada, os alunos sentam em duplas. Será

que a turma terminou de ler o texto da aula passada? Fizeram os exercícios dos pronomes pessoais? Calma! Uma coisa de cada vez. Vou colocar os livros sobre a mesa e começar pela chamada para ver se eles param de conversar. Ana Cristina, Angélica, Artur, ... Peço silêncio, que baixem o volume da voz, aviso que quem eu chamar e não responder ficará com falta. Sigo com os nomes: Beatriz, Berenice, Davi... Apesar do pedido de parar a conversa, ainda posso ouvir ruído de vozes...

Meu Deus, cadê a bendita folha de exercício? Será que deixei sobre a escrivaninha do meu quarto? Achei! Está aqui, solta entre as pastas. Mas, droga! Esqueci de responder as questões. O que vou fazer? Rápido, P. dá uma idéia, o que é que eu faço? Sei lá, vai ao banheiro, começa a passar mal. Não sei..., acho que não vai dar certo.

Ao concluir a chamada, levanto da mesa. Peço que todos peguem a folha da aula anterior, releiam o texto pois a seguir, iniciarei a correção dos exercícios.

É melhor me acalmar e começar a ler. Quem sabe ele me esquece, não me nota? Se eu deitar a cabeça sobre a classe e fechar os olhos...

Começo a caminhar por entre as filas, entre os alunos, suas mochilas e seus exercícios. De longe, vejo um corpo se inclinar sobre o verde da classe. Sem pressa, vou conferir o que está se passando, enquanto caminho, ouço risos. Porém, ao me aproximar, não sei mais

o que vejo. A linha reta subordinada aos pontos se rompe. Sigo um emaranhado de fios castanhos que se espalham por todos os lados. De repente, só há o marrom. Um solo argiloso, primitivo de onde os seres se originam. Útero da vida. A fertilidade da terra cultivada que sustentava a minha família. Na lavoura, de quando em quando, havia um pouco de verde: a sombra dos cinamomos que abrigavam as minhas brincadeiras de infância. Lá no interior, com meus pais e irmãos, o verão era tão divertido e tão quente...

Ouçó alguém perguntar se tenho uma caneta para emprestar. Não respondo, é melhor ficar bem quietinha. Aos poucos, parece que tudo vai ficando distante, as vozes, os risos, as perguntas, as respostas, o professor... Transporto-me para a minha casa, não tenho aula, nem faz calor. Ou melhor, estou no meu quarto dançando com o rádio ligado. As folhas dos exercícios de Inglês, de Matemática e de Ciências se espalham sobre a escrivaninha. Quanta coisa para fazer! E, nem comecei a arrumar minha cama. Se a minha mãe entrar aqui estou frita. Para ela eu estou sempre atrasada. O problema é que tenho deixado as tarefas para depois. Depois da música, da conversa, do lanche. É tão bom ouvir música, falar ao telefone com minhas amigas e navegar na Internet. Nossa, são 20 horas, não arrumei nada: os exercícios estão incompletos e nem tomei banho. É melhor guardar tudo bem depressa, colocar as folhas na pasta e descer para jantar. J.? Acho que estão me chamando, é melhor descer... J. podes ler a questão número 5?

Com os sentidos embaralhados, fico confuso, não sei mais o

que se passou. Ao me aproximar, não teria visto dois corpos se inclinarem sobre o verde da classe? Um se levanta, se ajeita na cadeira. E o outro? Parece que continua como está. Vou conferir o que está ocorrendo. A sala fica silenciosa. Todos aguardam o que vai acontecer. Porém, ao me aproximar, não sei mais o que vejo. Um grosso feixe de fios castanhos pende sobre o verde. Agora, gotas de sangue começam a pingar. Sangue? Sigo uma linha que passa entre os pontos. Retorno ao acidente que ocorreu quando estava vindo para a escola. O trânsito parou, os carros rapidamente se enfileiraram, queimavam sob o sol. Tudo o que pude perceber era o corpo esguio de um cavalo deitado na grama do canteiro. O marrom de sua crina estendida no verde da grama. E uma de suas patas encolhida e ensanguentada.

Ouçó alguém perguntar se tenho uma caneta para emprestar. Não quero responder, nem emprestar coisa alguma. Uma vontade de fazer nada me domina. Como é bom fechar os olhos. E, por uns instantes poder me isolar de tudo e de todos. Como posso não estar cansada? Como poderia ter terminado o tema de Inglês? Sinto-me exausta, depois de ter feito os exercícios de Matemática e Ciências, até bem tarde da noite. Quando pensava que tudo estava terminado, surge no meio das folhas, mais um exercício de Inglês. Bem que tentei acabá-lo para hoje mas, o sono me venceu. Estava começando a guardar meu material na mochila, quando ouço a minha mãe me chamar: J., vai dormir, já é tarde. J., podes ler a questão número 5?

Com os sentidos embaralhados, fico confuso, não sei mais o

que se passa. Entro num labirinto sem fio. Volto a caminhar por entre as filas. De longe vejo uma classe vazia, parece que um corpo se abaixa: havia alguém sentado ali, ou não? Vou conferir o que está se passando. Enquanto me dirijo naquela direção, batem à porta. Os sons das batidas me remetem fora dali.

De repente, não me encontro mais em aula, mas sentado na sala de reuniões. Elas ocorrem, no mínimo, uma vez por mês. Nela, as várias áreas do conhecimento estão representadas: as Línguas, as Ciências Físicas e Biológicas, a Matemática, as Ciências Humanas, Artes e a Educação Física. Aos poucos, os professores chegam e o trabalho só começa, após todos estarem presentes. A pauta é lida. O principal assunto é a disponibilidade de planejamento de atividades interdisciplinares com as turmas. Inicialmente, o representante de cada área do conhecimento expõe o que pretende trabalhar, ao longo do ano. A tarefa parece não ter ido muito adiante, pois foi combinado que, no decorrer da semana, quem tiver interesse nesse trabalho, procurará seu colega. O próximo assunto é encaminhado por uma professora, sua fala encontra eco no grupo. Ela afirma a necessidade de conhecer com maior profundidade os alunos. Alega, para tal, razões de planejamento. De fato, eles esperam que lhes seja fornecido um diagnóstico em termos cognitivos das turmas. Uma linha dura está para ser traçada. Os grupos apresentam prontidão para as atividades, são muito barulhentos, brincalhões, ou demonstram pouca autonomia para aprender?

Será que tudo o que a escola produz tem que ser reconhecido e representado? O pensamento será suprimido tendo em vista a ânsia

por dominar, por solucionar os imprevistos? Será que nada nem ninguém podem ficar sem respostas? Todos os fluxos têm que ser reconhecidos, carimbados, classificados? O verdadeiro problema não consiste na sua irrupção, mas em capturá-los segundo formas pré-determinadas. Instaure-se uma volúpia pelo saber, por saber tudo sobre todos, a energia de Atena é exacerbada. Tal onipotência e onipresença impedem que verdadeiramente se pense sobre o que foge do esperado, dos cadernos, dos livros, das metodologias, dos planos de ensino. Como se os problemas desaparecessem na medida que as suas soluções fossem encontradas. No entanto, só os resolvemos quando se restauram suas quebras, suas discontinuidades tendo uma Idéia, o plano virtual, como fundo. Isso ocorre quando se explora todas as suas possibilidades e não ao conformar a situação problemática ao conhecido.

O som das batidas na porta fica mais forte. Depois de abri-la, recebo a informação que foi cancelada a reunião de professores das 16 horas.

Muitos percursos em um?

Primeiro

Desço na parada do ônibus. A de sempre. Velha conhecida a sinalizar que o mesmo se aproxima – cumprir os horários, assistir às aulas, ter os cadernos em dia, fazer as tarefas, estudar, não tirar o conceito D nas disciplinas, passar de ano. Que saco, tudo de novo! Caminho, lentamente, até a escola. Afinal, para que ter pressa se lá tudo se repete? Qualquer coisa que eu venha a perder será retomada. Explicações, provas e trabalhos. E, caso nada disso funcione, repete-se o ano. Tudo, novamente. Mais alguns minutos e estarei lá. A distância que dela me separa é pequena. É só atravessar a avenida e seguir por mais três quadras que não são longas. Perto o suficiente para não cansar, mas os meus passos ficam pesados só em pensar em tantos deveres, no meu papel de aluno. O peso de ser... o que os outros querem que eu seja. O peso de ser... o que os outros afirmam que é o melhor para mim. O peso de ser... igual aos outros. Um papel estabelecido que não se ajusta muito bem... Ou é grande demais para mim, ou serei eu pequeno demais para ele? Quem sabe, ambos? Ou, quem sabe, nem um nem outro? Talvez fosse melhor manter distância dessa posição, não preferir nada disso. Ficar longe dos olhares que me avaliam. A verdade é que desde que me entendo por gente, sempre sobra ou falta alguma coisa em relação à minha vida escolar.

O que fazer se a exatidão me aborrece, se a definição me paralisa, se sempre borra os contornos? O fato é que muita coisa se passa entre o excesso de algumas habilidades e a escassez de outras,

como dizem os meus professores. O que não tem medida, o que não tem jeito, o que atrasa, o que adianta, o que escapa, o que burla.

Uma vida a corrigir. Uma vida a passar a limpo. Uma vida a aperfeiçoar. Lá se vão anos de advertência...

Senta, abre o caderno e copia.

Sentar, para quê? Por que não posso ficar em pé? Por que não posso passear pela sala? Copiar o quê?

Ora, o que está no quadro. Mas, eu já sei o que está no quadro. Sei ler tudo. Queres ver?

Então, copia.

Mas, copiar para quê?

Para teres a matéria no caderno.

Mas, eu sei a matéria. Para quê copiar?

E depois...

Mais, rápido. Vamos, mais rápido. Corre! Pega a bola do colega e sai correndo para o outro lado do campo.

Para o outro lado? Não pode ser por aqui? Tenho que correr sempre?

E depois...

Falar, resumidamente, do livro que eu li? Mas, eu sei contar muitas coisas, muitos detalhes. Lido, inclusive, em outros livros. Não importa? É para falar pouco?

Por entre o muito e o pouco me movimento.



Segundo

Abro o portão, entro mais uma vez no pátio. Agora vazio, senão fosse pelo cachorro deitado a tomar sol. Onde estão todos? Será que já bateu? Por que o estacionamento está lotado? Aonde vou? O que vim fazer aqui? Onde poderei ter paz? Qual o lugar que posso deixar de ser observado? Em meio a essas dúvidas, com pés de chumbo, procuro por um outro rumo dentro do mesmo espaço. Só sei que ao caminhar evito ser visto. Tudo ficaria mais fácil se fosse invisível e atravessasse paredes. Se tão logo me vissem, desaparecesse. Se pudesse embaralhar a visão, caminhar envolto numa névoa. A todos confundir – afinal, era ele ou não era? Eu o vi ou não? Ele estava ou não estava no pátio? Assistiu ou não assistiu à aula? Uma vez que não possuo tais poderes, é melhor tomar distância dos olhares dos inquiridores: O que estás fazendo aqui? Chegastes atrasado outra vez na aula? Não consegues acordar mais cedo pela manhã? Será possível não deitares tão tarde? Será que terei que chamar, novamente, os teus pais? Perguntas e mais perguntas. Repetidas. As de sempre. Mas, que respostas dar às velhas perguntas? As conhecidas? Será que eles já não sabem as respostas? Ou será que o que quer que eu diga, soará como velho? Os professores insistem numa justificativa, enquanto a minha vontade é de não dizer nada e mais uma vez pular fora. Mesmo que não saia do lugar. Fora da sala de aula, fora dos trabalhos, fora dos horários, fora do que dizem que devo fazer, fora do que dizem que é bom para mim, fora do que dizem que devo aprender, fora da escola.

Terceiro

E se eu contar que hoje a minha intenção não era a de chegar atrasado. Será que eles irão acreditar? Ficarão surpreendidos? Qual a minha justificativa? Querem uma nova? Ou serve a dos outros dias? Tem que ser uma só? E, se forem várias? Todas impossíveis. Todas aconteceram e não aconteceram num só dia. Todas existiram e não existiram ao mesmo tempo. Todas compõem e não compõem o meu dia. Como foi que acordei? Será que fiquei na cama mais tempo do que devia? Será que o despertador tocou? Será que ninguém me chamou? Não sei dizer. Não ouvi. Ontem, só consegui dormir depois dos sanduíches que comi. Parece que ter assistido a maratona dos episódios do Arquivo X na TV me deu fome. E, com o estômago vazio, não consigo dormir. Não sei depois de quanto tempo, ouço gritos e a buzina dos carros bem embaixo da minha janela. Odeio acordar assustado. Parecia que mal havia pegado no sono. Estava muito sonolento. Virei em direção ao relógio e o mostrador marcava 7 h. e 20 min. Como posso ter dormido tanto? Por mais que tentasse me apressar, não teria como chegar a tempo do primeiro período. Então fui ao banheiro, me vesti, tomei meu café, calmamente, peguei minha mochila e saí. Caminhei até a parada mais próxima. Lá permaneci por alguns minutos, até o meu ônibus chegar. Desta vez, consegui sentar. Olhei para fora da janela. O céu estava cinza, carregado de nuvens, de repente, pequenas gotas de água começaram a molhar o vidro. Por enquanto eu estava seco. O ônibus andava e parava, gente subia, gente descia, o fluxo do trânsito era lento. Minha atenção ao que se passava

ao meu redor flutuava com as gotas da chuva, ora vinham, ora iam embora. Até enxergar numa vitrine de uma loja, um despertador igual ao meu. Imediatamente, volto para o meu quarto. Onde está o meu despertador? Como foi que acordei? Como cheguei até aqui? Ouvi alguém me chamar? O despertador tocou? Aquele som, juro eu não suportava mais. Entra ano e sai ano e ele segue ao meu lado buzinando nos meus ouvidos. Num impulso, o desliguei, bem rápido, para que ele não voltasse a gritar. Em seguida, voltei para a cama, acho que fechei os olhos. Não sei por quanto tempo. Ontem, só consegui dormir depois de terminar de ler um conto de mistério de W. G. Wells. Ah! que vontade de não ir para a escola, mas para um castelo em *Lorraine*. Uma construção muito antiga, cercada de lendas, como a do quarto vermelho. Poderia me esconder em seus aposentos e atrair os incrédulos, aqueles que não acreditam em fantasmas. Os que só crêem no que podem comprovar. E embaralhar, confundir, perturbar os sentidos de quem lá entrasse! Adoro histórias sobre o medo que os fantasmas despertam nas pessoas, era difícil largar o livro. Acho que adormeci com ele entre as mãos. Só sei que dei um pulo da cama quando ouvi uma sirene. O livro caiu no chão ao lado da cama. Uma ambulância? Talvez. Quando cheguei à janela, seja o que for que tenha ocorrido, já tinha passado. Não sabia bem que horas eram. Mas, já que estava acordado tratei de me preparar para sair. Fui ao banheiro, vesti minhas roupas. Ao chegar na cozinha, decidi não tomar café, estava sem fome. Depois, peguei minha mochila e bati a porta do apartamento. Até a parada fui caminhando. Era perto. Tão logo cheguei lá, entrei no ônibus. Mas, foi difícil, ele estava bem cheio. Não pude sentar. Mal podia ver por onde andava. Estava cercado de

gente por todos os lados. Quando me dei conta, já havia passado o ponto de descer. Droga! Perguntei as horas para o cobrador. Eram 7 h. e 45 min. Ainda havia tempo de assistir ao primeiro período. Decidi continuar até o fim da linha no ônibus. Era mais seguro do que voltar a pé sozinho. Depois de cinco paradas, desci. Caminhei, rapidamente, até a escola. Mas, a cada passo trocado, meu estômago dava voltas. Tinha a impressão que seus roncos podiam ser ouvidos de longe. A fome era tanta que, ao entrar no pátio, fui direto ao bar tomar um café. Antes mesmo de servirem o meu pedido ouvi o sinal. Incrível. Esse som é muito parecido com o do meu despertador. Hoje pela manhã ele tocou? Sim, tão alto que dei um pulo, bati o meu braço nele e derrubei-o no chão. Terá ele estragado? Não sei. Ontem demorei muito tempo para dormir. Rolava na cama e nada. Já estava ficando impaciente. Fui à cozinha e tomei um copo de leite morno. E, para garantir que dormiria logo, comecei a fazer um caça palavras. Isso comigo não falha. Nem cheguei a completar a primeira página, já estava bocejando. Apaguei a luz do abajur e não vi mais nada. Mas, será que ajustei o relógio para despertar? Não sei. Fui acordado por alguém? Como cheguei até aqui? Ontem à noite fiquei por muito tempo no computador. Afinal, tinha que alimentar o meu bichinho de estimação virtual e aumentar o meu escore de pontos. Não posso ficar atrás do Raul, só falta aquele *nerd* alcançar a minha pontuação. Ele sim, passa mais tempo do que eu brincando com os Neopets e não dá nada. Não leva bronca alguma. Ninguém lhe chateia, nem em casa, nem na escola. Lá ele só aparece quando está a fim. Não de estudar, mas de zoar. Mas, esta é outra história. Quando me dei conta, já era muito tarde. Estava com muita fome e nem havia tomado banho. Aí, o

telefone tocou. Corri para atendê-lo, tropecei na minha mochila, caí no chão. Tudo isso por nada, o telefonema era engano. Estava muito cansado, tomei um banho rápido e fui me deitar. Mas, o maldito cachorro da vizinha não parava de uivar. Nem colocando o travesseiro no ouvido aquela lamúria era abafada. Virava-me de um lado para o outro na cama e nada. Não havia jeito de dormir. Foi então que me lembrei de comer. Fui até a cozinha, assaltei a geladeira. Voltei para a cama. Depois disso, não lembro se tomei o café da manhã, mas peguei a minha mochila e saí para a escola. Será que foi mesmo isso? Onde estão todos? Que horas são? Será que estou atrasado, novamente? O que estou fazendo aqui? Será que hoje é feriado e não tem aula?

Quarto

E se eu contar que a minha intenção ao chegar era de encontrar a Simone e pedir emprestado o seu caderno de Geografia. Simone, aluna exemplar, uma unanimidade entre os professores, um modelo a ser seguido. Menos por mim. Modelo de aluna, modelo de colega, modelo de filha. Uma pretendente bem fundada ao título de melhor aluna, garantida pela semelhança que possui com uma imagem ideal de aluna. Além de ser a dona do mais completo e caprichado caderno da turma. Não que eu tivesse vontade de estudar a matéria, mas é que a professora de Geografia resolveu pegar no meu pé. É isso mesmo, ela me deu um ultimato, ameaçou chamar os meus pais, se eu não lhe entregar o caderno com toda a matéria, até a próxima aula. Aquela mulher cisma que eu não sei escrever, que eu tenho algum problema grave, só por que não copio nada nas suas aulas. Copiar para quê se eu vou bem nas provas, se respondo as suas perguntas, se não tiro D no trimestre? Caminhava pelo pátio, olhava para os grupos de alunos, a fim de enxergar a colega. Ficarão convencidos? E se eu disser que perambulava envolto em dúvidas – onde está a Simone? Será que já bateu? Estou atrasado? E, se me virem fora da sala de aula? Vou me ferrar? Chamarão os meus pais? Quando me dei conta, já havia entrado no saguão. Como vim parar aqui? Não sei. Ah! Avistei uma menina magrinha, com cabelos crespos, que parecia a Simone a me acenar de longe, através da porta de vidro. Ela estava próxima ao





balcão da portaria, junto a outras meninas, do lado interno do saguão. Desloquei-me até lá, queria encontrá-la. Mas, de que jeito? Ao entrar no prédio não consigo nem me mexer de tão cheio. Como vou passar se mal consigo entrar? Em meio a uma multidão não adianta ter pressa. Eram pais, mães, crianças, avós, amigos, tios, padrinhos, a me cercar. Espalhados, a tomar conta do espaço, como os gases. Embora não os conhecesse, era como se já os tivesse visto antes por aqui... Acho que eles ainda não participaram de nada igual, pois pareciam hipnotizados. Aquelas pessoas olhavam para cima, não me viam. Perfeito. Tinha uma chance de circular sem ser visto. Quem sabe, voltar para o pátio? Ou dar mais um passeio sem sair do lugar? Estava em meio a uma multidão, mas era como se não estivesse ali. Era como se fosse invisível. Sensação que muito me agrada. Garantido pelo anonimato... danço entre as sombras com uma mulher vestida de branco. Será um convés? Ela sussurra em meu ouvido que se trata de um navio cruzeiro, ativo até 1967, o *Queen Mary*, que serviu ao exército britânico na Segunda Guerra Mundial. Depois, sou conduzido pela misteriosa dama em direção a uma piscina vazia, a fim de deixar rastros de pegadas molhadas para os visitantes que se aproximam. Ao nos afastarmos do *deck* ouço gritos. Por mais que a minha acompanhante quisesse que eu os ignorasse, não podia, olhei para trás. Será ela? Acho que sim, aquele penteado capacete poderia reconhecer em qualquer lugar. Incrível, nem mesmo à beira da piscina vejo um fio de cabelo fora do lugar. É ela, a professora de História. Será que vai me reconhecer? Vai chamar os meus pais? Será que vai




lembrar que ainda não lhe entreguei o trabalho sobre o Brasil colonial? Não creio. Uma vez que ela está tão pálida, sem a mínima condição de me perguntar nada, de cobrar qualquer coisa. Pois, ela está morta, morta de medo. Entre as gargalhadas da minha acompanhante desapareço, sem deixar pistas. Volto a aparecer nas proximidades de uma mansão vitoriana que nunca foi completamente terminada e habitada. Como ela se chama? *Woodchester*? Monto num cavalo branco a espera de alguém... paro em frente a de um de seus portões de ferro. Aguardo o vigário local... Será que ele não vai perder a fala se eu aparecer num de seus portões e logo desaparecer? Para surgir num de seus banheiros, na mão a sacudir uma cabeça flutuante?

De repente, sinto uma batida em meu ombro. Será que me viram? É a professora de História? Já estão me procurando? Será que estou atrasado? O que faço aqui? Como explicar que ainda não fui para a sala de aula?

Quinto




E se eu contar que ao chegar a minha intenção era a de ir ao banheiro. Será que ficarão convencidos? Ainda não disse isso antes? Dessa vez, a minha intenção não era a de me esconder, mas poder assoar o meu nariz. Além disso, teria alguns minutos de privacidade para arrumar o meu disfarce – o cabelo despenteado, a calça folgada, o tênis sem cadarço, o casaco enorme, a mochila vazia. Tudo isso para ficar igual aos outros e não ser percebido. Tudo isso para não perturbar o andamento geral da escola: as aulas continuam ocorrendo, as explicações são dadas, as perguntas respondidas, os exercícios realizados, os recreios aguardados, as avaliações marcadas. Tudo isso para confundir e poder escapar das certezas – Será que ele tem algum problema? Será que ele é portador de alguma patologia ou não? Mas, para chegar até o banheiro tinha que atravessar o saguão. Caminhei na sua direção, sem me preocupar muito com o horário. Só que ao chegar lá me vi cercado por uma multidão. Abri espaço entre os presentes para conferir o que estava se passando. De onde estava não conseguia ver muito bem. Mal havia espichado meu pescoço, algo bateu em meu pé. Não, não era outro pé, nem a minha mochila que caiu, mas algo branco, redondo. Uma bola de papel? De onde ela surgiu? Alguém a



jogou? Será que era destinada a um professor? Só pode ter escapado lá de cima, do globo. Incrível. Como pode chegar até aqui? Abaixei-me para apanhá-la. Mas, como era difícil mantê-la em minhas mãos. Ela escorregava para cima, para baixo, depois para um lado, logo a seguir, para o outro. Fazia tudo para escapar... O que pode uma bola? Sortear e não sortear? Furtar-se de participar de um processo seletivo? Escapar das definições? Embaralhar a escolha de quem entrará e de quem ficará fora da escola? Com que facilidade ela escorregava por entre meus dedos... Uma bola pode percorrer outro percurso, uma bola pode driblar a sorte e o azar...

Ao tentar mantê-la em minhas mãos, um outro tempo se desenrola dentro do mesmo tempo. Foi assim que tudo começou... disseram-me que participaria de um grande jogo. Como uma brincadeira. Nele poderia ter sorte ou azar, ficar com uma vaga ou não, independentemente, do que soubesse. Por mais que me explicassem, era difícil entender o significado de tudo aquilo. Ao tentar mantê-la em minhas mãos, divirto-me com a sua leveza, com a sua forma redonda, com os seus movimentos. Mas, mas não será ela quem brincou comigo? Não joguei o seu jogo? Ela não me capturou? Isso foi há tanto tempo... Por causa de uma bola como essa não estou aqui? E em nenhum outro lugar? Camuflado entre tantos outros, aparentemente, sendo mais um deles, mas não sendo, ao mesmo tempo? Todos os dias tendo que me disfarçar, forçado a agir como os demais? Questão de sorte ou de azar? Não sei, quem sabe não seja



nada disso? Só sei que não fui o primeiro, nem serei o último sorteado. Desde que esse sistema de escolha foi implantado, muitos giros foram dados, muitos giros ainda serão dados. Centenas já passaram por aqui, outras centenas ainda irão passar. Mas, algo se passa entre a primeira e a última vez... Algo que não quer ser fixado... que embaralha os sentidos... que não quer ser identificado.... nem rotulado.... algo que foge. Desde que possa me esconder em meio a tanta indefinição, pouco me importa como essa história vai terminar.

Sexto

Qual a minha intenção ao chegar na escola? O que foi que ocorreu? Por que não estou em aula? Onde estava? Caminhava com os passos lentos, com a quase certeza de já estar atrasado. E, agora o que vou fazer se o saguão estiver vazio? Como posso atravessá-lo sem ser notado? Atordoado, com a possibilidade de voltar a ouvir aquela maldita pergunta: atrasado, de novo? Só em repeti-la na minha mente, era como se caminhasse na ponta dos pés. Mal tocava o chão. Levitava. Não queria fazer barulho ou deixar rastros. Sinais a destoar, grandes demais ou pequenos demais, adiantados ou atrasados, fora da ordem, fora do esperado. Sinais do descompasso. Além do mais, não estava a fim de justificar nada para ninguém. E, se eu evitasse passar pelo saguão? Não, não tinha como. Para entrar em aula, só passando por ele. E, se eu não fosse para a aula? Se eu vagasse pelos pátios, corredores, escadas e banheiros? Se eu não me fixasse em lugar nenhum? Se eu conseguisse confundir aqueles que insistem em me apanhar? E, se alguém me visse? Eu poderia contornar o prédio, entrar pela sua outra porta, mais longe da portaria. Quem sabe, passaria despercebido? Foi por esse outro caminho que entrei no prédio. Uma manobra desnecessária, tal era o número de presentes no lugar. O que fazia aquela multidão por aqui? Eles estavam com os olhos fixos lá em cima, no que ocorria no andar superior. O que era tudo aquilo? Microfones, alto falantes, uma mesa, um grande globo, um quadro verde. Ao levantar minha cabeça em direção ao piso superior, não havia como não ser atraído pelas voltas e mais voltas das bolas no

globo. Estava contagiado pela expectativa que se criava... as bolas se agitavam, o tempo congelava – quem entraria?, quem ficaria fora? Dentro em breve, mais um número seria lido. O que pode um sorteio? Será capaz de transformar um candidato num aluno? Quando se deixa de ser candidato? No exato instante em que o movimento do globo foi interrompido e uma bola foi sorteada? É como se, a partir de então, todos tivessem que vestir um uniforme que serviu aos que me antecederam e que deve servir aos que irão me suceder... Uma forma única que deve passar de geração em geração, desde aquelas que estudaram no Campus Central até, as que hoje estudam no Campus do Vale.

Um número é lido, o tempo voltou a seguir seu curso, um aluno a mais, uma vaga a menos. Sorrisos e choros misturam-se a palmas e gritos. Um entra e muitos outros ficam fora. Alegria e tristeza se espalham ao meu redor. E se a minha aula tivesse começado? Sabia que tinha de ir embora. Mas, como sair dali? Como não ser capturado pelos giros, pela mistura de todos os inscritos, pelo movimento incessante? Voltas e mais voltas das bolas no globo. Nada está definido. Uma mistura de todas as formas. Momento nebuloso. Uma bruma se forma, se espalha, levanta do chão e começa a invadir o ambiente. Ninguém tem condições de distinguir coisa alguma. Um grande vir a ser... Entre aluno e candidato. Nem um nem outro. Entre aluno e não aluno. Nem um nem outro. Entre candidato e não candidato. Nem um nem outro. As fronteiras se apagam, os contornos se esfumam, os limites somem. Um encontro com a zona de passagem. De repente, tudo se afasta...



Onde estou? No convés do *Queen Mary*? Num de seus banheiros? Na mansão *Woodchester*? Caminho entre as portas das salas de aula que vão se sucedendo à direita e à esquerda. À medida que caminho, é estranho, o corredor vai ficando escuro, envolto em sombras, as portas desaparecem. Apesar da penumbra, sigo caminhando até encontrar uma escada em caracol. Subo por ela até o fim, dobro à esquerda, percorro um estreito corredor gelado que me conduz a uma porta. Pego uma vela de um candeeiro na prancha do seu lado de fora. Antes de abri-la, não sei o que aconteceu, percebo que estou leve. Estou livre. Experimento a sensação de me desprender do corpo. Afinal, ele me mantinha preso à ordem da existência. Por sua causa estava ligado à identidade e a imortalidade, a personalidade e a ressurectibilidade, a incomunicabilidade e a integridade. Agora, meu espírito está livre das propriedades que o corpo lhe impunha. Ao caminhar pelo corredor, escapo do sistema divino que tem por base a identidade: a de Deus como único fundamento, a do mundo como meio ambiente, a da pessoa como instância bem fundada, a do corpo como base e por último, a da linguagem como potência para designar todo o resto. Aproximo-me da porta, o máximo possível, a fim de poder escutar alguma coisa do seu interior. Nada. Ao resolver entrar na sala, fecho a porta, imediatamente, atrás de mim.

Após verificar, se realmente, havia fechado a porta dou alguns passos, examino em volta de cada peça de mobília, enrolo os cortinados da cama e abro parcialmente as cortinas. Não se trata de um aposento qualquer... Mas, de um quarto grande e penumbroso, com

suas janelas de sacadas envoltas em sombras, cantos negros e trevas viscinais. Sim, é este. O quarto vermelho no qual morrera um jovem duque, ou melhor, no qual ele começara a morrer, ao abrir a porta e cair de ponta cabeça nos degraus da escada que acabara de galgar. O que provocou a sua morte súbita? Dizem que ele estava fugindo das brincadeiras a que foi submetido. Minha vela era apenas uma pequena chama na sua vastidão, insuficiente para penetrar no extremo oposto do quarto, o que deixava um ar de mistério e insinuações além do meu ponto de luz. A curiosidade me conduzia, como não inspecionar o ambiente?

Movi a vela de um lado para o outro para tentar ver em que tipo de nicho me encontrava. Descobri um grande espelho no quarto, com um par de arandelas com velas e, sobre o aparador, também encontrei mais velas em candeeiros de louça. Empurrei as persianas e examinei os ferrolhos de várias janelas, antes de fechar as folhas, abaixei-me e olhei o negrume da grande chaminé e bati de leve nos lambris de carvalho escuro em busca de alguma passagem secreta. Por enquanto, não encontrei nada. Ao caminhar, esbarrei numa poltrona coberta de chintz, posta na lateral de uma lareira com lenha. Para o meu espanto, ao me dirigir à janela...

Tudo se aproxima, a mesa, o globo, as pessoas me cercam. Quero caminhar mas, não posso. Sinto uma dor na minha perna. O que houve? O que aconteceu? Levei um chute? Alguém esbarrou em mim? Olho para o lado e vejo uma avó gritar, pular, ficar eufórica, abraçar uma menina e, num impulso, suspendê-la no ar. Surpresa,

com o rosto incrédulo, a garota sorri em retribuição. Do outro lado um casal continua atento ao número que vai sendo escrito no quadro. O homem confere o papel que tem na mão. Sacode a cabeça e comenta com a mulher que por um número o seu filho deixou de ser sorteado.

na mesma escola que o seu primo. Mais um a ficar de fora. Minha atenção se volta para a avó, não consigo esquecê-la. Será que a sua neta se tornou uma aluna? Será que ela conseguirá desempenhar esse papel? Ou será mais uma como eu? A vagar pelos corredores, pátios, salas, saguão, quadras, sem descanso. A escapar das responsabilidades pendentes. A fugir dos rótulos. A embaralhar os sentidos. Aparecendo num período e desaparecendo em outro, sendo um mau aluno e não sendo, simultaneamente. Imaterial, sem corpo, desafiando quem queira me identificar. Visível em apenas alguns momentos e somente por algumas pessoas. Na maior parte do tempo a carregar um disfarce. Sim, uma fantasia. Um figurino de aluno. Algo que me torne igual aos demais. Algo que não me destaque. Calça folgada, tênis desamarrado, casaco comprido, mochila. Algo que permita me movimentar: ir além ou aquém dos pontos estabelecidos, atrasar ou adiantar o que querem que eu faça.

Sem querer, a bola que segurava cai da minha mão. Rola pelo chão. Mistura-se em meio a tantos pés. Não posso perdê-la de vista. Tenho que segui-la. Mas, é difícil me deslocar pelo saguão e acompanhá-la. Aonde poderá ter ido?

Sétimo

E, se eu contar que a minha intenção ao chegar não era de atravessar paredes, nem arrastar correntes, ou usar roupas brancas. O quê? O professor não sabe dizer o que se passou? Não falou nada para ninguém? Não registrou nenhuma ocorrência disciplinar? Foi surpreendido? Perdeu a fala? Não, não foi culpa minha. Eu não fiz nada, juro. Nem era a minha intenção assustá-lo. Mas, para que eu entrasse, ele deveria sair da sala. Senão, o interrogatório viria mais uma vez. O que aconteceu? Não tinha outra alternativa, a não ser escapar por entre mais um período, mais um exercício, mais uma redação, mais um trabalho de campo, mais uma explicação, mais um sorteio... Não poderia deixar de encontrar aquela insubordinada. Aonde ela foi? Não consigo lembrar o que aconteceu. Será que a deixei cair do bolso enquanto dançava no convés do *Queen Mary*? Ou, talvez, tenha ficado perto da sua piscina? E se ela rolou até um dos banheiros da mansão *Woodchester*? Ou entrou na sala vermelha de um castelo em *Lorraine*? Será que virou diversão dos fantasmas? Que importa se eles existem ou não existem, se vivem ou não em casas ou locais onde morreram ou, se são, de fato almas penadas em busca de acertar contas anteriores? No entanto, o mais inusitado poderia ter acontecido. A bola poderia ter entrado numa sala de aula. Tenho que encontrá-la. Por onde começar a minha busca? Olho à minha direita, além do saguão, em direção ao corredor. Minha atenção foi atraída por um grupo de alunos a chutar algo branco e redondo que dava voltas pelo ar. Eles se empurravam, corriam de um lado para o outro, todos

queriam alcançá-la por primeiro. Será que a encontrei? Ou será que vão me encontrar? Aos poucos consegui cruzar o saguão em direção ao corredor. Quando, finalmente, me aproximo do local, vi um dos alunos do grupo colocar algo no bolso, antes de entrar numa das salas de aula. E, agora? Tinha que segui-la onde quer que ela fosse. Mesmo numa aula. Corria o risco de ouvir as perguntas de sempre – O que estás fazendo aqui? Como podes não estar na aula menino? Terei que chamar os teus pais novamente? Nem sempre quero dar respostas. Tenho vontade é de escapar das perguntas. É comum não saber o que dizer. Outras vezes tenho é vontade de fazer perguntas: por acaso, não viste uma bola branca? Alguém a encontrou? Podes me avisar se alguém a achar? De qualquer forma, não dava para ficar muito tempo no corredor. Mas, como entraria na sala? Se alguém saísse para ir ai banheiro, poderia aproveitar para entrar... O tempo passava, a porta não abria. Então, dei uma batida na porta. Nada, ninguém veio abri-la. Será que não ouviram? Decidi insistir. Antes de bater, novamente, empurrei para dentro da sala um envelope. Será que até isso ignorariam? Alguns segundos que mais pareciam séculos se passaram. Ouço passos... O professor abriu a porta, estava com o papel na mão. Olhou para os dois lados do corredor, em busca do seu entregador. Não viu nada. Coçou a cabeça... Levou algum tempo para se convencer que não havia ninguém. Teria lido o convite? Nesta altura dos acontecimentos já estava em aula, sentado no fundo da classe. Será que ele me notaria? Aonde andaria a bola? É ele, sim, é aquele o colega que a tinha colocado no bolso. Ele está sentado, de




costas para a parede, com algo na mão. Mas, para a minha surpresa, depois do professor fechar a porta da sala e ficar de frente para o quadro, aquele mesmo colega atirou uma bola branca no professor. Por pouco, ela não atinge a sua cabeça. E, agora? Como irei pegá-la? Mas, nem deu tempo de encontrar uma solução e, bolas e mais bolas foram jogadas no professor. Bolas de caderno, bolas de papel. O que pode uma bola? O que podem várias bolas? Quem ficou mais perdido? O professor inundado pelas bolinhas ou eu sem encontrar a minha em meio a tantas outras? Quem ficou mais sem graça?

Oitavo

E, se eu disser que ao chegar percorri os pátios, os corredores, as escadas e as quadras da escola, em segundos. Sem cansar, sem ser visto. Será que vão acreditar em mim? Não me farão mais perguntas? O curioso é que tive a sensação de não estar sozinho. Parecia estar acompanhado por alguém, como se estivesse sendo seguido. Senti uma presença, uma presença imaterial. Querem saber se estava com medo? Não, de modo algum, isso até era divertido. Estava era intrigado. Quem estaria me acompanhando em meus percursos? A mulher de branco? A mesma que me levou a passear pelo *Queen Mary*? Acho pouco provável, pois ela não gosta de ambientes

fechados, muito menos de pó de giz misturado a gritos de crianças. Pelo que sei, ela pertence ao mar, ao vento, aos navios. Quem sabe uma outra? Uma que foi vista mais de uma vez por aqui. Uma que também usa branco. Uma cor ligada a pureza, a verdade, ao sagrado. Como o saber que ela gostaria de encontrar nesta escola. Um saber imaculado. Idealizado. Capaz de resolver toda e qualquer situação que surja. E assim, instaura-se uma volúpia pelo saber, por saber tudo sobre todos – O que dizer da cor dos olhos de uma aluna que chegou atrasada? De um outro que se negou a realizar um exercício por escrito? E, de uma outra aluna que, aparentemente, dormia em aula? No entanto, será que tudo o que a escola produz pode ser identificado, rotulado, carimbado?

Só sei que entre fluxos e cortes, idas e vindas, como o movimento das marés, a escola produz. A passagem entre o não-saber e o saber não é obrigatória, não está dada de antemão, nem é automática. É um grande mistério. E a dama de branco, certamente, se inquietaria ao perceber o que se passa numa segunda-feira. O dia em que tudo recomeça. Soa o sinal. Alunos das mais variadas séries caminham pelo corredor. Ao longe, surge uma professora de Português, grupos de alunos encaminham-se, lentamente, para a sala de aula. A porta se fecha, três deles correm, riem, não conseguem entrar em aula. Passam-se 50 minutos, sai a professora de Português, retornam dois dos atrasados. Chega o professor de Espanhol, mais outro período de aula, enquanto ele explica a matéria, um bilhete passa de mão em mão. Uma aluna é excluída da sala. Esta encontra o colega atrasado que estava fora de aula e saem a caminhar pelo pátio. Aguarda-se o recreio. Novamente, soa o sinal. Professores andam, rapidamente, em direção às suas salas. Alunos correm pelo pátio, outros conversam em círculo, enquanto dois casais de namorados se abraçam no banco. Ouvem-se gritos para comprar lanche no bar. Uma auxiliar do Serviço de Atendimento ao Estudante faz um curativo no braço de um aluno que brigou com outro. Dor, espera, raiva. O sinal toca mais uma vez. Termina o recreio. Professores com os seus materiais voltam às suas turmas, os alunos entram em suas salas, menos dois que depois de saírem do banheiro, tomaram o rumo das quadras de esporte. Enquanto isso, a professora de Matemática chega para dar aula. Quatro alunos dela se aproximam, rapidamente, lhe perguntam: haverá prova? Será que a mulher de branco perceberá que



a produção da escola é cortada, cruzada, emaranhada e não um fio, uma linha reta que se estende entre um aluno e uma matéria?


Embora nas minhas andanças ainda não a tenha encontrado, dizem que ela não fica muito tempo sem aparecer. Costuma desfilar pelas salas, pelos corredores, num final de tarde. Enquanto os professores estão reunidos. Contam que a mulher torce para que as decisões aqui tomadas sejam pautadas pela racionalidade e o equilíbrio. Uma vez que da escola flui uma força que provém de Atena, deusa que nasceu da cabeça de Zeus. Cabeça, a parte mais elevada do corpo, integra a esfera do mundo superior, relaciona-se com o céu, com modelos, com a transcendência. Assim como lhe agrada ver os problemas que surgem na escola solucionados. Será que todos os problemas são passíveis de solução? Será que verdadeiro problema dessa escola é uma categoria subjetiva do processo de conhecimento? Como uma falha de procedimento, uma infelicidade de não saber algo que desapareceria com o saber adquirido: O professor de Espanhol avisa que está doente? Quem dará aula para os seus alunos no primeiro período? O que fazer com os cinco alunos que não trouxeram o livro e foram excluídos do período de Português? Será que a mulher de branco viveu aqui? Terá algum acerto de contas a fazer? Ou alguma responsabilidade pendente? Teria sido vítima de alguma injustiça? Será que vão acreditar em mim? Será que não falei isso antes? Será que vão desistir de chamar meus pais?

Voltas e mais voltas pelos pátios, pelos corredores, pelas escadas e pelas quadras. E nem sinal dela. Da mulher de branco? Não,

da bola. Estará no quarto vermelho? Procuo por ela atrás de latas, em baixo dos armários, na grama, enquanto os outros estão em aula. As boas almas, ou melhor os bons alunos. Aqueles que desde Platão até hoje são destacados. Por que são chamados assim? Já li sobre essa história em algum livro, apesar de não me lembrar do nome, sei que ela é muito antiga e tem origem na Grécia. Os bons alunos são os pretendentes bem fundados, garantidos pela semelhança. A semelhança que aquele filósofo grego se refere não é a de uma percepção sensível, senão de uma relação interna. Nomeia-se algo na medida em que se parece a Idéia desse algo. Um bom aluno é aquele que se parece com a Idéia de aluno. A intenção de Platão era a de separar os postulantes, distinguí-los. De um lado o puro, do outro o impuro, de um lado o autêntico, do outro o inautêntico, de um lado o bom, do outro o mau. Isso tudo para distinguir os modelos (formas) das cópias (corpos). Ou melhor, separar a coisa mesma e as suas imagens, o original e a cópia, o modelo e o simulacro/fantasma.

O que fazer com o simulacro/fantasma? Aquele que é formado a partir de uma dissimilitude, é um farsante, encerra uma perversão, um desvio essencial. Platão queria assegurar a vitória das cópias sobre o simulacro, mantê-lo acorrentado ao fundo do mar, impedir que ele suba à superfície e corrompa tudo. Tanto esforço para não pensar a diferença em si mesma. No entanto, o simulacro/fantasma apesar de acorrentado consegue escapar e aparece em meu quarto, enquanto lia. Ontem, li bastante tranqüilo até as vinte e duas e trinta. Então faltou luz no bairro. Fui em busca de velas para continuar minha leitura. Acendi duas delas no meu criado

mudo. Deixei a porta do quarto entre-aberta e atirei-me vestido na cama. Lembro de ter acertado o despertador para às sete horas. À minha frente, o lume estava alto e, no tapete, provavelmente adormecido estava o Sultão, o gato de minha mãe. Mais ou menos meia hora depois, senti um ar extremamente frio passar pelo rosto, como uma brisa súbita. Imaginei que a porta do quarto que dava para o corredor se abrisse. Mas, não ela continuava como estava. Voltei então os olhos à minha direita e vi as chamas das velas balançarem com força, como sob a ação de uma golfada de vento. No mesmo instante o




despertador deslizou suavemente da mesa – muito lentamente, sem que qualquer mão o tocasse – e desapareceu. Pulei da cama, olhei o chão em torno. Nem sinal do relógio.

Não tenho dúvidas de que era ele. Muitos querem evitar a desordem que ele provoca. Assim como os meus passeios que burlam os horários, os períodos de aula, os exercícios. Mas, não posso ir para a aula agora. Quem sabe, depois. Tenho que encontrar aquela bola. Caminho mais um pouco. Percorro o corredor do andar térreo que, paulatinamente, vai ficando escuro, silencioso, sombrio. Embora haja falta de iluminação, sigo caminhando até avistar uma escada em caracol. Subo por ela até o fim, dobro à esquerda, percorro um estreito corredor gelado que me conduz a uma porta. Antes de entrar na sala tenho que pegar uma vela, pois está tudo muito escuro, pouco

enxergo. Quando vou me aproximar da prancha, ouço vozes. Olho para trás, para me certificar que não está vindo alguém. Por enquanto, tudo tranqüilo. Mas, as vozes continuam. Estranho, elas parecem conhecidas. E, estão vindo do outro lado da porta. Não, não pode ser. Há mais alguém na sala vermelha? Quem mais sabe da sua existência? Será que conhecem a sua fama? As lendas que existem a seu respeito?

Entro na sala com a vela na mão. Nesse exato momento, a chama da vela começa a tremer. Não entendo como, pois não há corrente de ar. As janelas encontram-se fechadas. Cruzo de frente o grande espelho, tenho dificuldade de encontrá-lo, pois está tapado por um longo pano branco, um lençol. Deixo o aparador para trás, em direção das vozes. Ao me aproximar da chaminé, bati uma três vezes nos lambris de carvalho escuro, em busca de uma passagem secreta e não encontrei nada. Tomei cuidado para não esbarrar na poltrona coberta de chintz, ao lado da lareira. As vozes me conduzem para perto da janela. Para o meu espanto, ao chegar bem próximo da grande abertura ouço nomes.... Joana, Juliana, Júlio. Nomes conhecidos. O que está se passando? Há mais alguém aqui? Dou mais alguns passos, a chama da vela tremula. Não acredito no que vejo, ou no que consigo distinguir na escuridão. São eles, todos eles, sentados em torno de uma grande mesa retangular. Na parede próxima à mesa, no alto, encontram-se uma série de fotos. Reconheço alguns daqueles rostos, outros não. São todos os antigos diretores. Posicionados, lado a lado, para dar a impressão de uma continuidade. Uma linearidade. Neste exato momento, a leitura da chamada é interrompida, há uma discórdia no grupo. Ninguém é capaz de estabelecer a identidade entre

o que a escola faz e o que diz que faz, entre a aprendizagem e os aprendizes. Os professores buscam ajustar as experiências a um modelo pré-concebido e ideal de aprender, o que implica na produção de um modelo pré-concebido e ideal de aluno. No entanto, uma professora pede a palavra e diz que para aprender é necessário partir. Iniciar uma viagem sem que ninguém saiba onde se pode chegar. Fixá-lo é difícil: ele corre, salta, é ligeiro. Sem deixar o ninho, o sossego, a segurança do que é conhecido ninguém aprende. Apesar de ser possível defini-lo: *apprehendere*, quer dizer tomar conhecimento, instruir-se, ficar sabendo, ignora-se como ele ocorre. Pois, como todo o verbo no infinitivo, ele trata de devires ou acontecimentos que vão além dos modos e dos tempos. Ao terminar a sua fala, a expressão no rosto dos colegas alternava-se entre a concordância e a ansiedade. Apesar do seu depoimento, eles voltam a sua tarefa, não conseguem chegar a um consenso sobre alguns alunos. Em certas disciplinas eles não faltam às aulas, noutras eles não aparecem. Para alguns professores eles entregam os trabalhos, para os outros não entregam. Há provas que eles acertam tudo, noutras, erram muito. Em Artes são



os melhores alunos, mas não fizeram nenhuma redação. A discussão prosseguia, até o professor decano ter uma idéia. O seu plano consiste em chamar, sem exceção, todos os nomes. Se bem entendi, cada um dos chamados deve se submeter a uma prova. A prova do espelho. O professor se levanta e retira o lençol que o cobria. Um exame

definitivo, pois há casos de dúvida. Situações embaraçosas em que eles não sabem bem o que pensar ou que atitude tomar com relação a certos alunos. Afinal, trata-se de uma patologia ou não? Ele é um aluno como os demais ou não é? Corresponde a imagem de aluno estabelecida pela escola ou não? Por isso um espelho, diante do qual os casos indefinidos deverão se postar. Aqueles que tiverem suas imagens refletidas de volta, ótimo, estão salvos. Pois, sabem-se quem são. E, a partir daí, pode-se definir uma estratégia de ação. Mas, aqueles que não tiverem a sua imagem refletida... devem ser apartados dos demais corpos, pois podem espalhar a desordem que subsiste e corrói a ordem escolar. A potência equívoca e múltipla deve ser aprisionada, contida numa sala fechada chamada de Limbo. Mas, aprisioná-los até quando? Pergunta outro professor. Até, os pais virem à escola e tratarem desse assunto.

E, agora? Tenho que sair daqui, antes que seja tarde, antes que seja chamado para me apresentar na frente do espelho. Antes que meus pais venham à escola. Ouço alguém se aproximar... Quem será? A mulher que veste branco? Um professor? Um pai? Um outro aluno? Uma voz conhecida indaga onde fica a sala vermelha. Será que alguém irá lhe dizer? O que ele quer aqui? Será que foi chamado pelos professores? Só sei que, anteriormente, um jovem duque ao cair de ponta-cabeça nos degraus da escada que conduz ao aposento veio a falecer. Dizem que foi por causa de uma das minhas brincadeiras. Eu? Vocês acreditam nisso? Jamais faria uma coisa dessas. Será que os zeladores não lhe avisaram que não há escola como essa? Nem todos resistem ao que aqui se passa...

Afasto-me da janela, tomo distância da grande mesa. Aproximo-me da porta. Ouço passos percorrem o corredor, comprido, atravessado por correntes de ar, gelado e empoeirado. Abro a porta do quarto e vejo as velas de um candeeiro tremularem, suas sombras tremerem, se agitarem. Vi, bem à minha frente, a impressão de um pé como que subitamente formar-se. Parei onde estava. Diante daquela pegada, tão subitamente como antes, fez-se uma outra. A impressão que tive é que se tratava de um pé descalço. Mas, de quem? De uma mulher? Eis que a porta do quarto se abre e alguém despeja um monte de bolinhas para dentro e sai correndo. As bolas deslizam, chocam-se, fazem barulho. Quero me aproximar delas, mas não posso. Será que a bola que estou procurando estará entre elas? Como elas vieram parar aqui? Só sei que elas acabaram por perturbar a reunião dos professores. Alguns deixaram de lado o que estavam fazendo, saíram dos seus lugares para verificar o que estava acontecendo. A essas alturas procuro, rapidamente, por um lugar para me esconder. Desloco-me para atrás da poltrona. Abaixado, imóvel, espero que eles não me vejam, não me encontrem. Daria tudo para chegar nas bolinhas antes deles, mas não havia como. Só me restava não fazer o menor barulho e observar. A professora de História foi a primeira a se abaixar e a pegar uma delas na mão. Eis que ela a atira na direção do professor de Espanhol e solta uma gargalhada. Seu riso fácil ecoa pela sala. Com a cara de quem não entendeu nada, sem conseguir pegá-la, o professor observa a esfera rolar pelo chão, até parar ao lado da poltrona. E, agora será que ele virá pegá-la? Será que vai me encontrar? O tempo congela. Não sei o

que fazer. E, se eles me encontrarem aqui? A professora caminha de volta à mesa, diz para os seus colegas voltarem aos seus lugares, pois as bolinhas que foram jogadas eram de papel.



Nono

E se eu disser que hoje eu cheguei muito cedo. Não posso afirmar, exatamente, que horas eram, só encontrei o funcionário da portaria. Este não conseguia esconder a sua cara de espanto ao me ver. Até ajeitou os óculos para conferir. Será que fui o primeiro a entrar no prédio? Inacreditável. Tudo indicava que tinha tempo mais do que suficiente para caminhar até a minha sala de aula. Deveria ir para lá? Comecei a me distrair com o barulho dos meus próprios passos no corredor. Passos arrastados pelo sono a quebrar o silêncio. Sim, dormi pouco, fiquei rolando na cama de um lado para o outro. Não conseguia dormir. Não conseguia parar de pensar que depois de amanhã é o grande dia. O dia do Conselho Participativo. Aquela manhã em que tenho que sentar com os meus professores para conversar sobre o meu desempenho no trimestre. Sim, falar com todos eles. Sozinho, frente a frente, com cada um. Só em pensar naqueles olhares sobre mim, um calafrio percorreu o meu corpo. Como se cada um deles medisse a distância que estou do aluno ideal. Aquele que é assíduo, pontual, faz perguntas, interage com os colegas, entrega os trabalhos em dia, vai bem nas avaliações. Cada um deles a me mostrar uma falta ou quem sabe, um excesso. Falta de estudo, falta de participação, falta de trabalhos entregues. Ou excesso de faltas, excesso de atrasos, excesso de passeios, excesso de perguntas, excesso de participação oral, excesso de lentidão. Virava-me na cama, de um lado para outro, pensando no que dizer para eles. Por que tenho que me justificar? Não será melhor não dizer nada? Sentar, ouvir e não falar. Não dizer nem

sim nem não. Não mover nenhum músculo. Confundir-me com a mobília da sala. Ou quem sabe, não parar de falar? Atordoá-los com as minhas justificativas. Para cada um deles contar uma história diferente? Aquela que eles querem ouvir? Aquela que confirma o que eles pensam a meu respeito? Ou uma outra que os deixam intrigados? Professora eu estava doente, por isso não entreguei o trabalho. O atestado médico? Sim, eu sei que deveria tê-lo trazido, mas ao sair de casa, na pressa, o deixei sobre a mesa da sala. Professor eu não fiz a sua prova, pois tive que viajar para o interior. Meu que morava em São Luiz Gonzaga faleceu e fui acompanhar a minha mãe no enterro. Não poderia deixá-la sozinha nessa hora. Acho que entendes a minha situação, não? Professora na quinta-feira da semana passada eu cheguei em casa exausto. Cansado depois de ter corrido ao longo de duas quadras dos assaltantes. Dormi demais e não acordei a tempo de vir fazer a avaliação. Sim, naquele dia ao sair da escola fui perseguido por dois marginais. Felizmente, eles não conseguiram me pegar pois, parei num posto de gasolina. Foi a minha sorte. Ou, quem sabe, não deva ir ao Conselho? Ou, então, seja melhor chegar atrasado e não conversar com todos os professores? Depois de imaginar não sei quantas maneiras de participar do Conselho, acabei dormindo. Talvez tivesse sido melhor ter ficado acordado. Pois, assim que fechei os olhos, três homens vieram à minha cela e a destrancaram. Dois deles eram carcereiros, o outro era o padre Francisco, amigo de infância da minha mãe. Após um aperto de mão rápido e forte, ele tentou me explicar como consegui estar aqui, como foi que o deixaram substituir o capelão da cadeia, mas não entendia nada. Só lembro que ele trazia uma pequena Bíblia na mão, com o indicador marcando a

página. Quis lhe dizer alguma coisa, mas tive receio de gaguejar, de não encontrar as palavras apropriadas. O guarda habitual da galeria, um sujeito imenso, bronco e gentil, sacou do bolso uma pequena garrafa de *whisky* e me ofereceu um gole. De olhos fechados, dei um longo gole na bebida. Afinal, num momento desses não havia risco de virar um hábito. Tinha a esperança que com o tônico para os nervos, a coisa toda seria mais fácil. Dos sete apenados, apenas três disseram-me palavras de despedida. O Juca que matara um carcereiro ao tentar fugir da prisão, o Beto um assaltante de bancos que liquidara um vigia e Tonho que assassinara a namorada e os dois policiais que foram capturá-lo. Os demais permaneceram mudos em suas celas. Obedeciam a hierarquia do crime. Aquele que mata a céu aberto, que abate seu inimigo no ardor do combate, nutre desprezo pelas variedades humanas de ratos, aranhas e cobras. Todos sabiam que era quase oito horas. O horário em que eu iria para a cadeira. Quando estava saindo para o corredor da morte tive um lampejo. As testemunhas, os espectadores, os preparativos para a execução, adquiriram uma aura de irrealidade. Num lampejo, tive a sensação de que estavam cometendo um terrível engano. Por que deveria ser amarrado à cadeira? O que havia feito de errado? Nada me ocorria além de ter tirado o conceito D em quatro disciplinas, de ter matado vários períodos de aula, de ter tido vários atrasos. Nos breves momentos em que atavam as correias, fui sacudido. Mais de uma vez. Depois, vieram os chamados: acorda, vamos! É hora de saíres da cama. Não ouvistes o despertador tocar? Fazia muito tempo que não ficava tão aliviado ao ver o rosto da minha mãe. Tive vontade de lhe dar um beijo, mas ela já havia deixado o quarto. Aliviado por acordar

levantei. Acordei para entrar num ônibus lotado, chegar até aqui, caminhar pelo corredor e estranhar. Em meio ao silêncio, ouço algo. O que será? Alguém me acompanha? Estarei sendo observado? Por um instante paro, olho para trás, depois para os lados e nada. Não vi coisa alguma, estava só. Não havia mais ninguém por aqui. O que poderia ser? Os meus próprios passos? O som deles retornava para mim e me assustava. O vazio me apavorava. E, agora? O que fazer quando ninguém me observava? Como cruzar pelo corredor sem me disfarçar? O que mostrar? O que viria a tona? Que passos eram esses? Meus? E não o dos outros? Dos que, geralmente, me circundam, dos que auxiliam a me disfarçar? Dos que organizam o modo como posso aparecer? Os que estruturam o meu espaço? Os que me mostram o meu grau de liberdade, o quanto posso me distanciar, sem me destacar— mais ao fundo da sala, à esquerda. Atrás daquele trio que não pára de rir e conversar. Ou que sabe, é mais seguro ficar à direita, na penúltima classe, atrás da aluna mais alta da turma e não tirar o material da mochila, nem abrir a boca para nada? Daqueles que, normalmente, sabem aonde vão — o próximo período é o de Matemática, vem depressa. Vem comigo tirar um xerox desse polígrafo enquanto o professor não chega. Depois que ele fechar a porta da sala não adianta pedir, ele não vai deixar sair. Assim como a professora de História, o último período. Meus colegas me convidam para chegar e sair, ir de um ponto ao outro. Mas, como lhes explicar a minha falta de rapidez? Mesmo na lentidão, embora os professores não permitam, é possível fugir dos pontos, escapar pela diagonal. Mas, não para fazer xerox, é claro. Ir para muito longe, em busca de uma formação estranha que surge numa lareira em *Balmez de la*

Moradela. Ninguém sabe muito bem o que é. E isso me diverte. Assustado, o dono da casa a destruiu e colocou cimento em seu lugar. Uma semana depois, manchas reaparecem no chão. A lareira foi reconstruída e em poucas semanas, imagens de rostos voltam a aparecer. Todos ficam assombrados, ninguém consegue provar que é uma farsa, mas também não sabem explicar do que se trata. Sem me dar conta, ainda sentido o cheiro de brasa nas mãos, entrei na minha sala de aula. A sua quietude me inquieta. A falta de gente me expõe. Não posso ficar aqui. Sem aqueles que ocupam o centro da sala, o alvo das atenções, dos olhares, a fim de que possa circular pela sua periferia. Necessitava, urgentemente, de proteção. Larguei minha mochila sobre a classe e decidi dar uma volta. Cruzei pelo saguão, saí pela porta principal em direção a casa de força. Um lugar onde posso descansar, onde posso respirar, onde posso retocar o meu disfarce, sem ser interrompido com perguntas inúteis. Sentei na grama, encostei minhas costas na parede da construção, a fim de aguardar. Só me restava esperar até que o pátio ficasse cheio de gente. Até que eu pudesse me misturar em meio a eles. E sumir. De repente, não estava mais sozinho. Raios de sol vieram me fazer companhia e começaram a me esquentar. Não me incomodo, eles não fazem perguntas. Fecho os olhos. Respiro fundo. Mais uma respiração profunda. Afasto-me do pátio. Aguardo na minha cela, na ala dos condenados. Por enquanto estou só, mas disseram que logo virão mais. Na semana passada, alguns foram levados. Distraio-me com uma formiga que tenta escalar uma folha de papel em branco. Barro o seu caminho com um envelope. Observo o contorno que ela é obrigada a fazer. Um inseto minúsculo, mas persistente. Creio não estar muito distante da

sala vermelha. Às vezes, no fim da tarde de quarta-feira, é possível ouvi-los discutindo. Sim, há reuniões em que eles discordam. O aluno G. acompanha as aulas, é inteligente, mas não quer escrever, deve ter alguma patologia, alguma doença... O G. não, não pode ser ele. Comigo ele não fala, mas escreve. Entrega os trabalhos. É, mas para mim ele é um turista. Quando aparece em aula até faz alguma coisa. O que fazer com o G? Sem falar na M. aquela menina é muito estranha. Na minha última aula, sem mais nem menos, ela soltou um grito. Ninguém entendeu nada. Aparentemente, nem ela. Não sabia explicar a sua atitude. Não entendo, pois não havia se machucado. A M.? Nas minhas aulas ela é tão calma. Até demais. Têm vezes que ela se debruça sobre a classe por um longo tempo. Não faz nada. Nem parece que está ali. Depois, ela se levanta. Caminha um pouco pela sala e volta a sentar. Não entendo o que se passa com a M. Sem mais nem menos, solta umas gargalhadas no fundo da classe. Para dali a alguns minutos estar brava, agressiva com os colegas. O tempo corria, eles discutiam, argumentavam e não chegavam a nenhum consenso. Até um professor ter a idéia de aplicar um teste derradeiro. Fui colocado de frente a um grande espelho na sala vermelha para ver se a minha imagem refletida era clara. Se fosse nítida, poderia ser classificado. Alguma coisa, uma ação poderia ser desencadeada, a partir de então. Mas, para a minha surpresa e a dos demais, nada apareceu de volta quando parei na sua frente. Depois de conversarem mais um pouco, decidiram me dar mais uma chance. Após limparem o espelho fui, novamente, colocado na sua frente e o resultado foi o mesmo. A minha imagem não apareceu de volta. Como se eu não tivesse um corpo. Uma identidade. Por isto estou aqui. Na sala do

Limbo. Um mundo à margem do mundo. Onde ficam os alunos que se situam entre a normalidade e a anormalidade, os desvios. Aqueles que ninguém sabe que nome dar. Nem o que fazer. Até ser chamado para o derradeiro momento. Quando o estalido do ferrolho de aço da porta do final do corredor for ouvido. Já vi três serem levados para o seu destino: um enlouquecido, debatendo-se como um lobo preso numa armadilha; outra não menos fora de si, elevando louvores e glórias aos céus, um terceiro, prostrado e agarrado a sua mochila. Ouvi um barulho. A porta ao lado da minha cela se abriu. Mais uma alma chegou para ocupá-la. A sua porta voltou a se fechar. Quem foi pego? Quem estará ao meu lado? Por uns momentos não ouço nada, só silêncio. De repente, algo começa a picar no chão. Será que a encontrei? A bola do sorteio? Será que durante toda a minha procura sempre estive com o colega ao lado? Preciso descobrir, encontrar um modo de me comunicar com o meu vizinho. Sim, eu tenho papel e caneta. Posso lhe enviar um bilhete. Fui até a minha mesa. Sentei, baixei a cabeça, ia começar a escrever quando bateram em mim. Dei um pulo. O que foi que houve? Num impulso, atirei seja lá o que fosse para bem longe. Em seguida, vieram os risos. Não entendia mais nada. Apenas vi os meninos correrem atrás da bola de vôlei que escapou da quadra e veio parar aqui.

Décimo

E se eu contar que hoje não cheguei à escola nem cedo nem tarde. De fato, entrei com a maioria dos alunos e professores no prédio. Estava confortável entre eles, procurava caminhar nem muito rápido, nem muito depressa. Não ficar aquém nem além da movimentação dos colegas e professores. Não chamar atenção sobre mim. Aprendi que andar na média me protege. Evita qualquer tipo de pergunta. Principalmente, as conhecidas, as de sempre, as que me fixam nos pontos. Tratava apenas de seguir o fluxo dos passos que me circundavam. Uns mais rápidos, outros mais lentos, uns mais leves, outros mais pesados, a se misturarem com os meus. De modo que era difícil distinguí-los. No entanto, ao cruzar o saguão, fiquei paralisado. Pois, a partir dali, os passos tomavam múltiplas direções. Não havia um caminho único. E, sim um cruzamento. Para onde deveria ir? Que rumo tomar? Acompanhar o fluxo dos que vão para a sala de aula, para o bar, para o pátio, para as quadras, para os banheiros? Ou circular por todos esses lugares? Fiquei parado enquanto a resposta não vinha. Foi então que comecei a ouvir gritos e risadas, não de muito longe. Gritos repetidos: abre, abre! Olhei para os lados. Percebi que o som vinha da esquerda, na direção do corredor. De onde estava, vi uma aglomeração de alunos em pé com as suas mochilas, enquanto os demais entravam e saíam das outras salas. Desloquei-me para lá. Antes mesmo de chegar no local e saber o que se tratava, tive a certeza que a confusão incluía os meus colegas. Reconhecia aquelas vozes, os risos, os gritos de qualquer distância. A maior parte da turma estava do

lado de fora da sala. Ninguém podia entrar. Como, também, não se sabia como a chave da porta não fora encontrada. Por enquanto, só restava aguardar o resultado do encontro dos representantes da turma com o funcionário da portaria. Este após conversar com os alunos, fora chamar o vice-diretor. Nesse meio tempo, bateu o sinal. O professor de Ciências chegou e avisou ao grupo que não havia nenhum problema, pois a aula estava planejada para acontecer no laboratório. Com aquelas palavras a espera, os risos, os gritos, a



indefinição, terminou e começou o deslocamento. Pois, para se chegar ao laboratório, há que atravessar o saguão e alcançar o outro lado do corredor. Novamente, tive o cuidado de acompanhar o grupo. Meus passos quase não podiam ser ouvidos, pois se confundiam com os demais. Ao chegar no laboratório aconteceu o inevitável. Mais uma espera. Não era a chave que faltava. Ocorre que só entraríamos na sala antes de ouvirmos os avisos do professor—não correr pelo laboratório, sentar em grupos de cinco, colocar as mochilas no chão, não mexer em nenhuma substância química sem a sua autorização. No início, tentei prestar alguma atenção ao que era dito, algumas vezes, dirigia o meu olhar em sua direção. Principalmente, quando achava que ele estava olhando para mim. Mas, depois de algum tempo, o tom monocórdio da sua voz tinha o efeito de igualar tudo o que ouvia. As suas palavras foram se distanciando, se afastando, mais pareciam

ruídos ao fundo. Ou era eu quem submergia, afogado num mar de explicações e observações? Não, não se tratava disso. Não sucumbia no mar, pois este é revoltoso. E, sim em águas paradas. Na falta de uma bóia, desliguei-me das suas palavras. Uma questão de sobrevivência. Continuava em meio ao grupo, próximo à parede. Estava ali e não estava ali, ao mesmo tempo. Quando me dei conta escalava a parede. O meu equilíbrio era fantástico. Podia andar na horizontal sem cair. Como era possível ter passado por aqui incontáveis vezes e não ter percebido aquelas linhas? Comecei a percorrê-las. Quem sabe poderiam me tirar dali? Primeiro no sentido vertical, depois no horizontal. Só então notei que elas ao se encontrar formavam pequenos quadrados. Socorro, socorro! Estou preso num cubículo. Do lado de fora do banheiro eles riem, dão gargalhadas. Começo a passar mal. Um ataque de claustrofobia? E, agora? Aonde é a saída? Pelo amor de Deus! Uma saída. Começo a me abanar, a suar frio. Preciso sair dessas quatro paredes. Eles me trancaram aqui! Botaram-me de castigo, só por que erro todas as bolas. É que eu não sei jogar. Dizem que eu enterro o time. Preciso sair dessa forma que me limita, me imobiliza. Cada um dos seus lados liga-se a um elemento da natureza: água, fogo, ar e terra. Examinava cada um deles em busca do ar. Qual deles seria? O elemento que poderia arrastar com o mural, os avisos e as substâncias do laboratório. O professor continuava falando e eu comecei a analisar as peças. Não só isso, eu me pus a contá-las. De onde estava até o mural havia umas quarenta. Poderia saber o número exato se a colega ao meu lado não tivesse me empurrado. Como não tinha certeza, refiz minha soma. Para ser mais preciso, eram umas quarenta e oito em cada linha. Isto, na horizontal. Mas,

quantas linhas existiam do mural até o chão, no sentido vertical? Ao recomeçar a contagem, sinto uma leve batida em meu ombro. Antes mesmo de adivinhar quem seria, uma voz me perguntou o que estava esperando para entrar na sala. De repente, percebi que no corredor não havia mais ninguém, além de mim e o professor. Estava, completamente, desprotegido. Meu disfarce caíra, sem perceber. Todos os demais colegas já haviam entrado na sala. Era melhor não lhe responder nada, esconder minha pouca vontade de entrar na sala. Fiquei calado, rapidamente, peguei a minha mochila do chão e sentei-me numa mesa onde havia lugar. Estava no fundo do laboratório, com várias delas na frente, distante da mesa do professor. Mesmo assim, tirei da mochila uma touca e a enterrei na cabeça para que ele visse só um pouco da minha testa. A fim de que restasse alguma dúvida. Se a mantivesse exposta, quem sabe, corria o risco de ser classificado pela sua forma. Se for mais larga, pode ser de um indivíduo espiritual, com pendor para o sacerdócio. No caso de ter um sulco acima da sobrancelha, o seu possuidor pode sofrer uma morte violenta. Se a



fronte possuir um profundo sulco na sua parte superior, cuidado. O sujeito pode sofrer um ferimento na cabeça. Fonte alta e arredondada caracteriza um sujeito conciliador e bem sucedido. Sem falar no pior

dos casos. A frente mostra idiotia se tiver, no meio e em baixo, uma concavidade de forma alongada, ainda que pouco visível. Existem livros sobre isso. Aqui mesmo, na biblioteca da escola. Quem sabe, ele também não os leu? Será que deles não faz uso quando está com dúvidas em avaliar algum de nós? Posso até vê-lo consultando o livro, em sua sala, quando não consegue lançar os conceitos na planilha. No momento que tem dificuldade em dizer se o aluno ficará com C ou D. Enquanto arrumava a touca na cabeça, as instruções da experiência eram dadas. Cada grupo deveria misturar as duas substâncias químicas que recebera num tubo de ensaio e observar o que aconteceu. O tempo de reação das substâncias. Depois, repetiríamos a experiência usando um catalizador. Após o grupo chegar as suas conclusões, cada aluno deveria entregar, ao final do período, o seu relatório. Enquanto o meu grupo discutia a fim de decidir quem misturaria o que, eu balançava o meu corpo na cadeira. Para frente e para trás. Quando me lançava para frente, perdia o professor de vista. Quando voltava para trás, tinha o cuidado de localizá-lo. Queria que ele me visse sentado como os demais. Os impulsos repetidos que dava com o corpo foram se intensificando, me tiraram do laboratório. Não estava mais respirando substâncias químicas, mas o ar puro do parque. Encontrava-me cercado por árvores, pela gangorra, pelo escorregador e a caixa de areia. Embalava meu corpo no balanço. Muito mais do que correr com as outras crianças, era disso que gostava. Não sentia o chão sob os meus pés, flutuava, entre o céu e a terra. Zona de vertigem. Ninguém entendia muito porque eu ria

sozinho ao me embalar. Muito menos porque eu não aceitava os convites para jogar bola. O balanço não podia parar, dei mais um impulso, fui um pouco mais alto. Ainda não estava bom, ainda não sentia um frio percorrer a minha barriga, dei mais um impulso e caí. Antes mesmo que tivesse me ajeitado na cadeira, o professor já estava do meu lado. Com uma fisionomia de indignação. Nem perguntou se eu havia me machucado. Queria saber porque o meu material continuava na mochila. E quando eu ia lhe entregar o relatório. Relatório? Então, comecei a explicar o que havia ocorrido na experiência. Falei dos tempos da reação das substâncias com e sem o catalizador. Alguns colegas fizeram perguntas ao professor. Ele lhes disse que perguntassem a mim. Para o seu espanto, calmamente, lhes expliquei. Soube lhes responder. Talvez, nem o livro das fisionomias possa auxiliar o professor a entender o que se passou.

Mapa dos percursos

Caminhos

Turim e a Piazza Castello, o rio Pó, a margem esquerda e a direita da ponte Vittorio Emanuele II, a Piazza San Carlo, a estação de Porta Nouva, a via Carlo Alberto, a livraria Loescher, o Teatro Carignano, o café Nazionale. Pontos geográficos que ligados pela conjunção E formam um roteiro de Nietzsche por aquela cidade. Acompanhado por sua sombra e um bloco de notas, o viandante não apenas gastou o solado das suas botas dobrando esquinas, protegeu-se da chuva nas arcadas prédios setecentistas, deliciou-se com o sabor dos sorvetes nas confeitarias. O ar ameno e seco da cidade, a proximidade dos Alpes, o tom alaranjado dos prédios, os desenhos das calçadas de pedra agiram sobre ele. Nietzsche e Turim – como tudo no universo, uma questão de encontro. Sem dúvida, um bom encontro. Uma reunião de elementos heterogêneos a agir e a reagir entre si, a proliferar. Entre uma leitura e outra. Entre a escrita de uma carta e outra. Entre um banho de água gelada e outro Nietzsche caminha. Pensamentos impulsionados pela repetição dos seus passeios por Turim. Trabalhava apenas algumas poucas horas. Pois, ler e escrever forçava sua fraca vista. E, ao andar não apenas seu corpo se movimenta, o seu pensamento adquire velocidade. Ao seguir pelas ruas e calçadas de Turim, Nietzsche explora territórios. Não apenas em extensão. Horas e mais horas a percorrer caminhos que o levaram bem longe da doença, da falta de dinheiro, dos amigos. Pés e olhos agenciados o conduziram muito além si mesmo, das suas mazelas, conectaram-se com a máquina escolar. Muito embora ele tenha

recusado o convite do amigo Rohde para voltar a escrever sobre a Educação. Há anos afastara-se da Universidade da Basileia, do meio acadêmico e das discussões educacionais. Naquele momento, estava mais ligado à música. Motivos não faltaram para recusar aquele pedido. Mas o inevitável aconteceu. Enquanto caminhava escrevia em sua mente. Pois, como filósofo, constantemente experimentava, assaltado pelos seus próprios pensamentos como que do exterior. De repente, sentado no Teatro Carignano não era mais a cigana Carmen que ouvia, mas o grito de Josefina que desconcertou os colegas, a professora, inclusive ela própria. Naquele instante, todos deixaram a sala de aula e foram para outro lugar. Nietzsche é invadido por pensamentos que não tinham intenção de falar sobre a máquina educacional, de julgá-la, mas de seguir seus movimentos. A operar integrações sobre substâncias qualificadas (alunos, professores, funcionários, pais) e funções finalizadas (educação). Movimentos que não formam um saber acabado, mas fendido. Pois, nunca se vê tudo o que se diz, nem se diz tudo o que se vê. E, assim, com rupturas, com a não correspondência, outros saberes são produzidos que colocam em questão qualquer idéia previamente construída sobre eles. Não lhe interessava chegar nos pontos, nas marcas estabelecidas do seu funcionamento e sim, o que acontece no caminho. E, ao segui-lo, surgem linhas que extrapolam os planos de ensino, os livros didáticos, os textos, as planilhas de rendimento escolar. Os caminhos de Nietzsche e os do agenciamento escolar passam a se cruzar, interferem-se reciprocamente. Surge uma multiplicidade de linhas que não forma um todo. Até que numa noite, volta-lhe em sonho, o pensamento abissal do eterno retorno. Momento divisor de águas,

pois não se trata de uma teoria física, mas de um modo ético de viver. E ele passa a dizer sim a tudo o que lhe acontece, de grande e de pequeno, de oportuno e inoportuno, de alegre e triste. Como também, em seus devaneios, passa a dizer sim à repetição dos movimentos da máquina escolar. Uma vez que não há escola melhor, perfeita, em algum outro lugar, ou mesmo no além... Em seus pensamentos passou a afirmar o seu funcionamento, sem nada excluir, nem um momento sequer. Amor fati.

Repetição

Uma escola e seus espaços
O saguão, a portaria, os corredores,
A rampa, as salas de aula, a sala da direção,
A biblioteca, o pátio, os banheiros,
As quadras de esporte, o bar

Uma escola e seus movimentos
O primeiro, o segundo, o terceiro período, o recreio,
O quarto, o quinto período do turno da manhã,
Um ciclo a se repetir de março a dezembro,
Inverno ou verão,
Chova ou faça sol

Uma escola e seu corpo
Os professores, os alunos, os funcionários, os pais
Os Conselhos de Classe do primeiro, do segundo, do terceiro
trimestres,
Mas, por mais que repitam,
Nada é igual a coisa alguma
Um corpo sem órgãos sempre se produz

Ei-la, de novo, sem dúvida hão de pensar. Uma vez mais a escola retorna como tema, como matéria. Por certo, não será a última

vez que isto ocorre, quem sabe a penúltima... Algo se passa entre a primeira e a última, alguma coisa nesse intervalo insiste, quer passar. Afinidade por estar no meio, em pleno funcionamento das coisas, no turbilhão, no olho do furacão, longe das margens, dos limites, das fronteiras, de qualquer início ou fim. Onde o pensar é chacoalhado, forçado a deixar de reconhecer, de identificar, de nomear, o que a escola produz e adquire velocidade. Cinco dias na semana, de março a dezembro, alunos, professores, pais e funcionários, deslocam-se em sua direção. E, ao chegar, repetem muitos caminhos dentro do mesmo espaço. Alguns deles são, aparentemente, conhecidos, outros nem tanto. Pois, muitas vezes, percorrem caminhos imprevisíveis dentro dos previsíveis. Mesmo sem sair do lugar. De antemão, pode-se pensar que não há nenhuma novidade em tamanha repetição, nada além da produção dos alunos aprovados e dos reprovados. Todo o dia aquela mesma e inalterável seqüência: às oito horas começa o primeiro período, passam-se mais dois até às dez quando inicia o recreio e daí, só faltam mais dois, até às doze horas e dez minutos, quando finda o turno da manhã. No entanto, nunca se sabe, exatamente, o que vai passar, ou o que vai passar exatamente.

Acompanhar os movimentos repetidos de professores, alunos e pais, não significa apenas traçar linhas retas que ligam um ponto ao outro dos marcos estabelecidos do funcionamento escolar. Há uma potência própria da repetição. De repente, surgem linhas que fogem do conhecido, do esperado, a escapar do pensamento representacional. Isso significa romper com a lógica binária da verdade e da falsidade, do acerto e do erro, do recuperável e do

irrecuperável, do atrasado e do adiantado, do normal e do anormal. A repetição mecânica dos gestos como caminhar pelos corredores, dirigir-se para a sala de aula, abrir a porta da sala de reuniões, encobre algo mais profundo. Uma repetição de dissimetria que se oculta nos efeitos simétricos, a repetição do Outro sob a repetição do Mesmo. É preciso que aqueles gestos se repitam incessantemente, diferenciem-se de si mesmos e produzam algo novo. Repetição que forma e deforma os corpos produzindo um desmoronamento do espaço representativo. A capacidade de representar pressupõe uma identidade no conceito, duas coisas são entendidas como idênticas somente se elas coincidem num conceito idêntico. É disso o que trata o prefixo RE: a forma conceitual do idêntico que aprisiona a diferença. E, facilmente, o que a escola produz passa a ser rotulado, carimbado. Será que tudo o que se produz naquele constante ir e vir, entrar e sair de salas, pode ser representado?

Os trajetos de alunos, professores e pais pela escola assemelham-se a um campo de forças composto por fios que prendem ou liberam passagens. Algo rompe o previsto, o esperado, a dissimetria se repete. Nem sempre se pode classificar, enquadrar, acomodar o que se vê. O pensamento corta os fios que o conduzem ao exercício representativo para seguir os que traçam a experimentação. E uma linha diagonal pode ser traçada. Aquela que liga o percebido ao que escapa à sua percepção frontal. Não se vai mais de um ponto a outro. Os pontos estão subordinados aos trajetos. Uma outra maneira de estar no espaço, de ser no espaço, de pensar. Trata-se das singularidades de uma matéria ou material aos quais não se tenta

descobrir a forma. Real ou imaginário, mente e corpo, objetivo e subjetivo, atual e virtual. Impossível dizer o que é uma e o que é outra. Há, tão somente, o traçado de uma linha que se bifurca e não pára de se bifurcar. Surge um mundo onde a identidade se perde, onde não há mais identidade do Uno e unidade do Todo, porém uma multiplicidade intensa e o poder de se metamorfosear.



Muitos

Da parada do ônibus ao portão da escola, do saguão para o convés do *Queen Mary*, do pátio para um castelo em *Lorraine*, da sala de aula para uma mansão na Escócia. Ou seria da parada do ônibus ao saguão, do saguão ao pátio, do pátio à sala de aula? Estes pontos formam um único roteiro? Alguém, realmente, perambulou por todos esses lugares numa manhã? Caminhos reais ou imaginários? Verdadeiros ou falsos? Trajetos percorridos numa escola por um único aluno, ou por vários? Um só percurso a se bifurcar, ou mais de um a se misturar? Afinal, aquele aluno que não se sabe o nome chegou ou não atrasado ao primeiro período da manhã? Não é possível responder a nenhuma destas perguntas. O que importa é que algo acontece da parada do ônibus a escola, do pátio ao saguão, do saguão ao corredor, do corredor a sala de aula. Percursos reais ou imaginários a sacudir as certezas, as convicções, os saberes estabelecidos na escola.

De fato, não se sabe bem do que se trata, nem quem é. Mais parece um espectro a rondar a escola. Embora pelos seus caminhos não arraste correntes, nem atravesse paredes. Quando surge, perturba os sentidos e o reconhecimento. Pois, assim como aparece, desaparece. É e não é um aluno. Participa e não participa das atividades escolares. Atrasado e adiantado. Muito e pouco. Ativo e passivo. Ao misturar-se aos outros corpos, aparentemente, é como os demais, pois é hábil em se disfarçar. O próprio movimento de

estabelecer a identidade entre o que se ensina e o que se aprende, entre a produção e o produto da escola, faz surgir algo indiferenciado de difícil distinção. Ao seguir os seus múltiplos caminhos outras verdades passam a ser afirmadas sobre o que é um aluno que colocam em questão qualquer idéia previamente construída sobre ele.

Quem sabe, não seria mais coerente respeitar essa potência desestabilizadora e não nomeá-la, acompanhar os seus passeios pela sala vermelha, pelo convés do *Queen Mary*, mantê-lo no limbo, perpetuar o seu mistério? Mas, como isso prejudicaria a expressão, decidiu-se tomar emprestado de Deleuze o termo simulacro/fantasma. Aquele que ao rondar pela escola, ao andar pelos seus corredores, pátios e salas, trilha outros caminhos que não os pré-determinados. Mesmo que não saia do lugar. E, ao percorrê-los, afronta o modelo de aluno, de aula, de aprender. Os seus movimentos dão origem a uma outra coisa, uma cópia sem semelhança. De modo algum, trata-se de uma cópia degradada, de uma imitação grosseira. Mas, de uma potência positiva ao negar tanto o modelo como a reprodução. A cópia possui uma semelhança interior com a idéia da coisa, mas o simulacro/fantasma não. Por isso ele assusta, desacomoda, mesmo que não arraste as correntes, atravesse paredes, ou vista-se de branco. Pois, ele tem o poder de afirmar o falso, através da produção de caminhos simultâneos e de abalar as verdades estabelecidas sobre o aprender.

Idéias-força: referências bibliográficas

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. In: WILLER, Cláudio (Org.). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: LPM, 1986, p. 145-162.

AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2000.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, Jorge Luis. *História da eternidade*. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2001.

CAVENDISH, Richard (Org.). *Enciclopédia do sobrenatural: magia, ocultismo, esoterismo, parapsicologia*. Porto Alegre: L&PM, 1993.

CHAMBERLAIN, Lesley. *Nietzsche em Turim. O fim do futuro*. Rio de Janeiro: Diefel, 2000.

COPELSTON, Frederick S. J. *Nietzsche filósofo da cultura*. 3. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.

CORAZZA, Sandra., TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 1996.

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

_____. *A dobra Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papirus, 2000.

_____. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *Foucault*. São Paulo: brasiliense, 1988.

_____. *A imagem-tempo*. São Paulo: brasiliense, 2005.

_____. *Nietzsche y la filosofía*. Barcelona: Anagrama, 2000.

_____., BENE, Carmelo. *Superposiciones*. Buenos Aires:

Ediciones Artes del Sur, 2003.

_____, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____, GUATTARI, Félix. *Anti-édipo capitalismo e esquizofrenia.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

_____, GUATTARI, Félix. 4. 20 de novembro de 1923 Postulados da lingüística. In: __. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. II. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p.11-59.

_____, GUATTARI, Félix. 11. 1887 A cerca do ritornelo. In: __. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. IV. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997 b. p.115-170.

_____, GUATTARI, Félix. 14. 1440 O liso e o estriado. In: __. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. V. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997 c. p.179-214.

_____, GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____, PARNET, Claire. *Diálogos.* São Paulo: Escuta, 1998.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador.* Série pensamento e ação no magistério. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

DONATELLI, Marilda (Org.). *O livro das deusas. Grupo rodas da lua*. São Paulo: Publifolha, 2005.

ENGELMAN, Selma. **K., W. & Cia.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. 190p. Tese. (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FONSECA, Tânia Mara Galli. A cidade subjetiva. In: **Cartografias e devires: a construção do presente**. FONSECA, Tânia Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 253-257.

FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Landy, 2005.

_____, *As palavras e as coisas*. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

GILES, Thomas Ranson. *Nietzsche no limiar do século XXI*. São Paulo: E.P.U., 2003.

HARRY, O. O sonho. In: **Contos fantásticos no labirinto de Borges**. TAVARES, Braulio (Org.). Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005. p. 241-244.

HAMILTON, Edith. *Mitologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome e a construção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LINGIS, Alphonso. "The will to power". In: David B. Allison (Org.). **The new Nietzsche**. Cambridge: MIT Press, 1985: 37-63. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Texto digitado recebido via mail.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

MOLINA, Enrique. *Nietzsche dionisíaco y asceta. Su vida y su ideário*. Santiago do Chile: Editorial Nascimento. 1944.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____, *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo. 1945.

_____, *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do livro.

_____, *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____, *Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORLANDI, Luis B. L. *Procedimentos expressivos*. Curso, 2005. Texto digitado recebido via mail.

PELBART, Peter. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. O tempo não-reconciliado. In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 85-97.

PARDO, José Luis. *48 Deleuze: violentar el pensamiento*. Serie historia de la filosofia. Madrid: Ediciones Pedagógicas, 2002.

PORTO, Ciro. Olhos da noite. **Terra da Gente**. nº 10, ano 1, p. 18-27, 2005.

RAJCHMAN, Jonh. *As ligações de Deleuze*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

ROOB, Alexander. *Alquimia & misticismo. O museu hermético*. China: Taschen, 2006.

ROY, Kaustuv. Gradientes de intensidade: o espaço háptico deleuziano e os três “erres” do currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 88-107, jul/dez. 2002.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. 2. ed. São Paulo: Geração editorial, 2001.

SASSO, Robert; VILLANI, Arnaud. *Les cahiers de noesis. Le vocabulaire de Gilles Deleuze*. Cahiers n° 3. Paris: Centre des recherches d'histoire des idées, 2003.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN Paola. Um plano de imanência para o currículo. In: **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.127-203.

_____.; CORAZZA, Sandra; ZORDAN Paola. Pesquisar o acontecimento: um estudo em XII exemplos. In: **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.7-76.

_____. ; CORAZZA, Sandra; ZORDAN Paola. Geo-educação: artes e paisagens virtuais. In: **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 79-126.

WELLS, W. G. O quarto vermelho. In: **Clássicos do sobrenatural**. Bulwer-Lytton, Edward et al. São Paulo: Iluminuras, 2004.

ZOURABICHIVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política) In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.333-355.